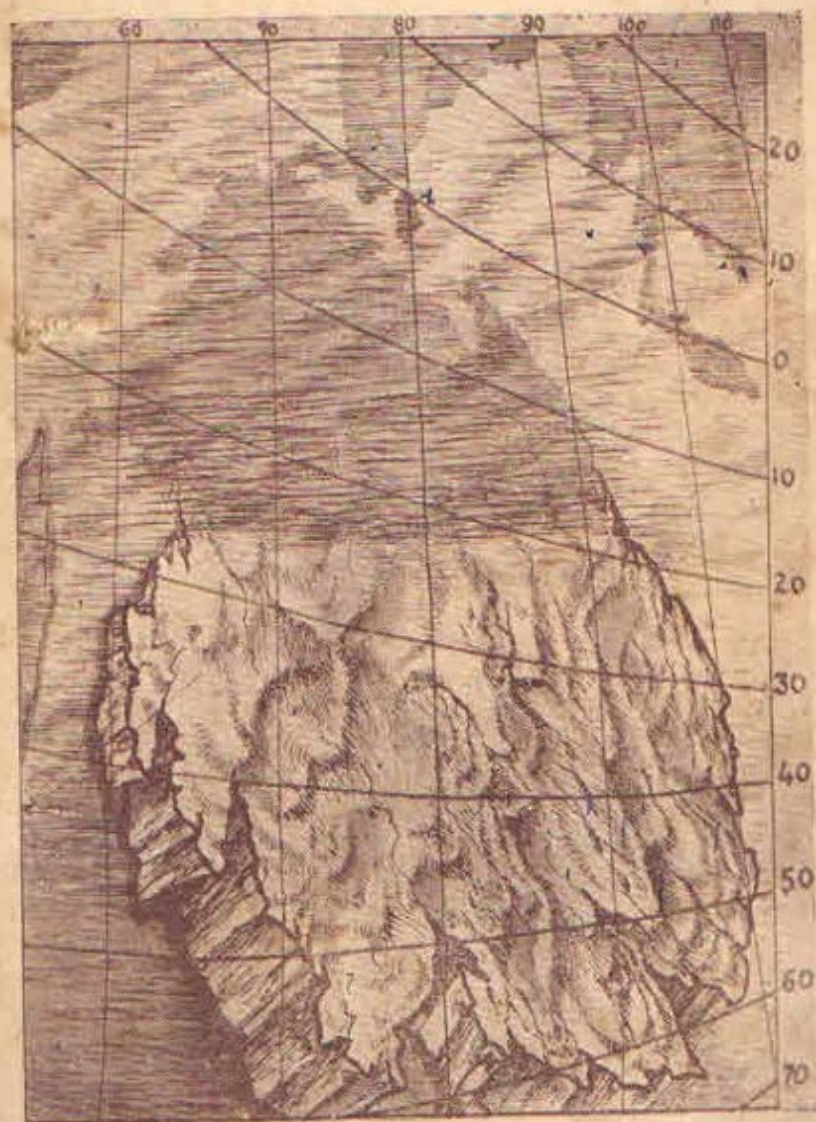


Gabriel Bastos

A ATLÂNTIDA



1948

Of. Gráficas de CITA Editora Ltda.
Rua Andrada, 620/686 — Fone 9764
Porto Alegre

Gabriel Bastos

A Atlântida



Projeto
Passo Fundo
Apoio à cultura

2013

Gabriel Bastos

A Atlântida

Passo Fundo
Projeto Passo Fundo
2013

Projeto Passo Fundo

Página na internet: www.projetopassofundo.com.br

e-mail para contato: projetopassofundo@gmail.com

Disponível no formato eletrônico /E-book.

Do livro: Literatura, história. -Porto Alegre: Of. Gráfica da CITA Editora Ltda, 1948. 182 pg.; il.; 23cm.

Todos os direitos reservados ao Autor.

O conteúdo deste sitio NÃO pode ser reproduzido, copiado, gravado, transcrito ou transmitido por meios mecânicos, fotográficos ou eletrônicos, sem a citação de autoria, nos termos da licença

[Creative Commons Atribuição-Compartilhualgal 3.0 Nao Adaptada.](http://creativecommons.org/licenses/by-sa/3.0/deed.pt_BR)

Para ver uma cópia desta licença, visite:

creativecommons.org/licenses/by-sa/3.0/deed.pt_BR ou envie uma carta para Creative Commons, 444 Castro Street, Suite 900, Mountain View, Califórnia, 94041, USA.

Revisado em: 25/02/2013

Capa e ilustrações de: Professor Geolar Caminha

B327a Bastos, Gabriel

A Atlântida [recurso eletrônico] / Gabriel Bastos. –
Passo Fundo : Projeto Passo Fundo, 2013.

E-book (formato PDF).

ISBN 978-85-64997-75-2

Modo de acesso: World Wide Web:

<<http://www.projetopassofundo.com.br>>.

1. História antiga. 2. Atlântida (Lugar lendário).
3. Continentes desaparecidos. I. Título.

CDU: 931

Bibliotecária responsável Schirlei T. da Silva Vaz - CRB 10/1364

Sumário

Uma homenagem à primeira Estampa.....	11
NOSSAS ESTAMPAS	14
Parecer do Reverendo José Pedro Pinheiro, secretário Geral do Grêmio Passo-fundense de Letras.....	15
O porquê deste livro	18
Página avulsa	20
AOS LEITORES.....	20
1ª. PARTE.....	21
Imaginária digressão pelos campos da Lenda, dedicada ao Grêmio Passo- fundense de Letras	21
Primeira Palestra	22
PRELIMINARES	22
CAPÍTULO I - A ATLÂNTIDA	24
CAPÍTULO II - POSIÇÃO GEOGRÁFICA DA ATLÂNTIDA	26
CAPÍTULO III - A GRANDE CATÁSTROFE	27
CAPÍTULO IV - O RIO DA PRATA.....	31
CAPÍTULO V - O DILÚVIO	34
CAPÍTULO VI - O ARQUIPÉLAGO DO JAPÃO.....	36
CAPÍTULO VII - O SAÁRA	37
CAPÍTULO VIII - O GULF STREAM.....	38
CAPÍTULO IX - O NÍVEL DOS OCEANOS	39
CAPÍTULO X - UMA NOTÍCIA SURPREENDENTE	40
Segunda Palestra	43
Em busca da Verdade	43
Ligeiras observações.....	43
CAPITULO I - A POPULAÇÃO DA ATLÂNTIDA.....	44
CAPÍTULO II - A ATLÂNTIDA E O HOMEM	46
CAPÍTULO III - O HOMEM E A CIVILIZAÇÃO.....	50
CAPÍTULO IV - O IMPÉRIO INCÁICO	52
CAPÍTULO V - CIVILIZAÇÃO AMERICANA	56
CAPÍTULO VI - PALEONTOLOGIA	58
CAPÍTULO VII - A AMÉRICA DO NORTE	60
CAPÍTULO VIII - SÍNTESE RETROSPECTIVA	61
Terceira Palestra - Névoas em dispersão	63
CAPÍTULO I - CONJETURA IMPROVÁVEL	63
CAPÍTULO II - PELA TESE INICIAL	65

CAPÍTULO III - A ANTIGUIDADE DA ATLÂNTIDA.....	68
CAPÍTULO IV - EVOLUÇÃO RACIAL E POPULAÇÃO	73
CAPÍTULO V - O BRASIL E A ATLÂNTIDA.....	75
CAPÍTULO VI - SEGUNDO WEGNER.....	77
– INTERREGNO –	78
ENCERRANDO A TERCEIRA PALESTRA.....	79
DILAÇÃO	80
PENSAMENTOS	82
Aos Leitores	84
2ª. PARTE - Opiniões e Divergências	85
CAPÍTULO I - PRIMEIRA LOCALIZAÇÃO DA ATLÂNTIDA.....	86
CAPÍTULO II - A TRANSLAÇÃO DA ATLÂNTIDA.....	96
CAPÍTULO III - O HOMEM, A RAÇA E A CIVILIZAÇÃO	100
CAPÍTULO IV - A ESCRITA PRÉ-HISTÓRICA DO BRASIL	108
CAPÍTULO V - A ANTIGUIDADE DA RAÇA HUMANA	110
CAPÍTULO VI - PERU E MÉXICO	114
CAPÍTULO VII - AS AMAZONAS	117
CAPÍTULO VIII - A AÇÃO CIVILIZADORA DOS CONQUISTADORES DA AMÉRICA.....	123
CAPÍTULO IX - A LEMÚRIA.....	129
CAPÍTULO X - A GONDUANA.....	136
CAPÍTULO XI - O MAR DOS SARGAÇOS	139
3ª PARTE Cosmogonia Hipotética	142
À feição de preâmbulo.....	142
CAPÍTULO I - O INFINITO	143
CAPÍTULO II - O UNIVERSO.....	144
CAPÍTULO III - O SOL.....	148
CAPÍTULO IV - OS PLANETAS	149
CAPÍTULO V - A GÊNESE DA TERRA	152
CAPÍTULO VI - MOVIMENTOS TERRESTRES	156
CAPÍTULO VII - A LUA.....	159
CAPÍTULO VIII - A REGRESSÃO DOS PÓLOS.....	163
OS PÓLOS	165
O TEMPO	166
CAPÍTULO IX - PERÍODO GLACIÁRIO.....	168
CAPÍTULO X - A DECLINAÇÃO DA AGULHA MAGNÉTICA A NOSSO CRITÉRIO.....	169
CAPÍTULO XI - AS MARÉS.....	173
CAPÍTULO XII - O VÁCUO.....	175

CAPÍTULO XIII - OS COMETAS	177
EPÍLOGO.....	186
Suplemento - ASSUNTOS AMERÍNDIOS.....	188
Aos Leitores	195
BIBLIOGRAFIA	198
Índice de ilustrações	199

Foi com grande satisfação que li os originais de ATLÂNTIDA, do Sr. Gabriel Bastos, lucubrações em torno da ilha ou continente, ou “ponte” que ligava a Europa à América, e cuja tradição mais ou menos lendária, – pois não se pode negar, em absoluto, sua existência, – foi conservada e transmitida até nós através o Timée e o Critias, de Platão.

Segundo essa tradição o continente ou ilha colossal ficaria diante das Colunas de Hércules, passagem do Mediterrâneo para o Oceano Atlântico. Seriam, ainda restos da Atlântida, segundo vários estudiosos e pesquisadores, apoiados, na sua maioria, na cadeia submarina de montanhas encontrada na mesma direção, – as ilhas do mar Caribe, as dos Açores e, talvez, as Canárias.

Laborando, embora, em campo fértil às imaginações fecundas, o Sr. Gabriel Bastos, apoiado em boa, se bem pequena, bibliografia sobre o tema, desenvolveu excelente trabalho que, quando menos, terá o valor de entreter o espírito em volta de assunto tão complexo, trazendo à baila alguns problemas curiosos e dignos de exame, quer quanto à parte lendária, quer quanto ao das opiniões divergentes dos estudiosos da Atlântida e, principalmente, quanto ao que se diz no “campo hipotético” da geografia atlante e de seus habitantes que teriam sido, em grande parte, ou no todo, os conquistadores da Europa, da África e da América. Surge, daí, a probabilidade de ter sido esse continente ou ilha a sede provável do paraíso terrestre, e berço do homem, que Deus, mais tarde, teria destruído pelo “dilúvio” ou seja, o degelo que o movimento da terra e o calor do sol, após milênios, aluísse em suas bases provocando o maior cataclisma que o mundo assistiu até nossos dias.

O trabalho do Sr. Gabriel Bastos sobre a Atlântida é, a nosso ver, de interesse a quantos queiram se dedicar ao exame de tão complexo quão transcendente assunto.

Escrevendo como escreveu esse seu ensaio longe dos centros científicos e com auxílio, apenas, de bibliografia relativamente pequena, o que fez o Sr. Gabriel Bastos é digno de nossos aplausos.

E nós não lhos regateamos.

WALTER SPALDING

Porto Alegre, 1 de setembro de 1947.

ANEXO

Uma homenagem à primeira Estampa

Em relação à primeira Estampa que ilustra este livro, perguntarão os leitores: – O que teve em mente o autor desta obra quando deu lugar a esta Estampa? – Que relação poderá ter este quadro com a Atlântida, assunto principal deste trabalho?

Quanto a estas interrogações, estamos na grata contingência de satisfazer a curiosidade dos leitores.

À primeira vista parece que nenhuma ligação pode ter um quadro escolar do presente, com a Atlântida que vem do mais remoto passado humano, mas, a similitude histórica de um e outra (Quadro e Atlântida), vem desde o homem da caverna, mostrando a relação entre o primeiro ser humano e os primeiros delineamentos do *Desenho* nascido no mesmo berço em que o homem chegou a seu último período da metamorfose imposta pelo Criador. Surgiu o homem; começou a habitar sombrias cavernas; conheceu os demais seres criados em sua época, como também começou a ter noções das linhas retas, das linhas curvas e das configurações e contornos que distinguiram seres e coisas que caíam sob seus olhos. A sua nativa inspiração guiou-lhe os traços nas toscas paredes das cavernas e o *desenho* surgiu mostrando em linhas multiformes que ainda hoje caracterizam todos os quadros, toas as figuras com que a fertilíssima imaginação do homem atual, enfeita, embeleza e torna admirável o desenho, que foi irmão colaço da civilização, pois, com ela surgiu do fundo das cavernas, nas paredes dos rochedos, nas areias movediças das praias e desertos e, de par com a civilização, foi-se desenvolvendo até hoje, quando um e outra mostram admiráveis perspectivas de linha e panoramas.

Como o homem, o *desenho* mantém os traços fisionômicos iniciais que a civilização, os milênios e os meios vêm aperfeiçoando, modificando.

O *desenho* foi o rebento da civilização, como a Atlântida foi o primeiro berço onde o primeiro vagido humano ciciou na caverna.

O *quadro* que ornamenta a primeira página deste livro tem, pois, direito ao lugar em que se ostenta. Mas, há ainda outra justificativa que alia o belo quadro ao nosso assunto: o Curupira, pavor das matas sombrias, lembra quadros que se desenrolaram nas selvas primitivas, onde o indígena se apavorava ante quaisquer ruídos estranhos que os convenciam da presença de *seres* sobrenaturais.

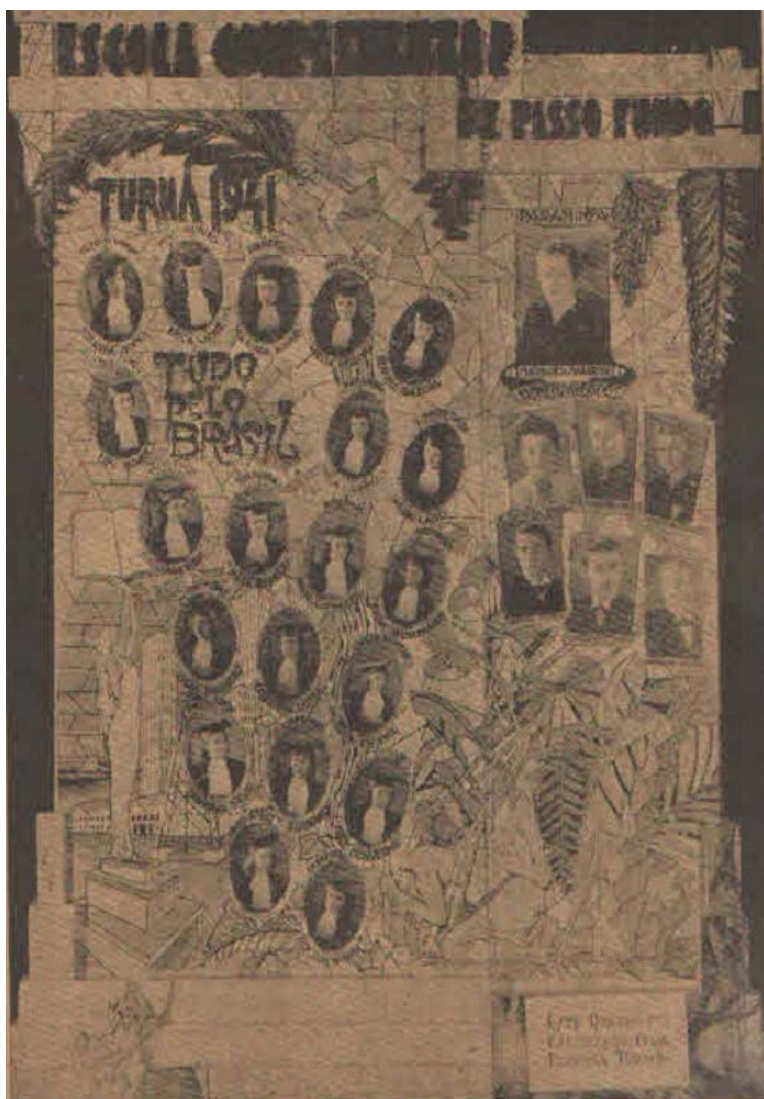


Figura 1 Quadro das formandas da Escola Complementar em 1941.

NOSSAS ESTAMPAS

Dando cunho de beleza e utilidade a este livro veem-se, entre suas folhas, diversas significativas estampas que devemos ao hábil lápis do professor Geolar Caminha. Este amigo prontificou-se, graciosamente, ao preparo dessas ilustrações que tanto realce dão a este despretensioso livro. Já a primeira estampa que aí deixamos na introdução, com seu histórico como anexo, recebeu o influxo de suas lições, pois, é reprodução fotográfica do quadro de formatura das formandas de 1941, habilmente por elas confeccionado. Tivemos ocasião de ver esse trabalho em sua fase de execução, rodeado por afanosas senhorinhas a recortarem palha de trigo em fragmentos apropriados pacientemente, que iam atando à estrutura do quadro que se transformou em interessante e delicada demonstração da habilidade das talentosas senhorinhas que o prontificaram. Figura esse belíssimo trabalho, o *Curupira*, personalidade pré-histórica da Atlântida e um dos duendes que apavoravam as matas virgens, e que, certamente, representavam ancestrais de extintas populações do lendário continente que a fatalidade atirou a estas paragens.

Esses assombros de ínvias solidões, seriam demonstrações da anciânidade da subversão da civilização atlântida nas matas americanas, e que depois de longos milênios de barbárie, e já na Era Cristã, a mentalidade incaica foi arrancá-la do imo do passado, inspirada por sentimentos que a Providência terá deixado na psicologia da raça, como germe de nova civilização, que só terá ressurgido um milhar de anos depois de Cristo.

O Curupira representará esse passado bárbaro americano, e os indígenas apavorados por esses *trascos* representariam a nova civilização incaica ressurgida na vasta América civilização incipiente pela ferocidade de Pizarro que a destruiu. Desaparecendo dos sertões surgiu, mais tarde, em toda a América, acompanhando o progresso que se expande a todas as direções, até aos mais combrios desvão das serras, saturando de sentimentos fraternais todo o ambiente americano, desde o Pólo Norte até as proximidades do Pólo Sul.

Parecer do Reverendo José Pedro Pinheiro, secretário Geral do Grêmio Passo-fundense de Letras.

Apreciação sobre as Palestras do Sr. Gabriel Bastos, “A Atlântida”, lidas perante o “Grêmio Passo-fundense de Letras”.

O confrade Sr. Gabriel Bastos houve por bem honrar-me com a escolha de meu nome para fazer a apreciação de seu trabalho denominado “A Atlântida”, escolha essa que os demais confrades secundaram.

Cumprindo a tarefa que me foi cometida, desincumbo-me com alegria, traçando as linhas que seguem, depois de palmilhar numa leitura rápida, quase que um só fôlego às 318 tiras manuscritas do próprio punho do autor.

São quarenta e cinco capítulos as três partes e mais um de Preliminares e um Epílogo, dispondo a matéria tratada, com ordem e coordenação, que muito contribuem para a boa compreensão dos assuntos ali explanados.

Muito embora o autor de “A Atlântida” diga, de início que o seu trabalho é uma imaginária digressão pelos campos da Lenda, verifica-se que os seus argumentos, imaginações e suposições estão baseados em teoria mais ou menos comum a todos os amantes da pré-história, da etnologia e da paleontologia, sendo os elementos próprios do autor uma contribuição de valor apreciável para o esclarecimento desse assunto, lendário pela distância dos tempos, mas ressurgindo das cinzas de priscas

eras como explicações de fenômenos cósmicos e etnológicos de outra forma indecifráveis.

Já Sócrates ouvia de Critias a narração do mito Atlântida, passando para a História, pela primeira vez, a versão da existência de um continente situado muito além das colunas de Hércules, onde um povo florescente fora, há nove mil anos, governado pela dinastia de Atlas. Inundações e terremotos o teriam feito desaparecer, deixando como herança uma lenda fertilíssima para assunto atraente da literatura de todos os povos. E a literatura de nossa língua, particularmente de nossa cidade, se enriquece com a contribuição do venerando confrade Gabriel Bastos, cujo espírito se empolgou e peregrinou em meio à vastidão oceânica da mitologia associada aos esforços da ciência em achar um pouco de verdade dentro do próprio erro, segundo a divisa de S. Agostinho.

Platão, Macróbio, Strabão, Plutarco, Plínio e outros escritores de vulto do passado, todos ocuparam-se com carinho da Atlântida como um fato pré-histórico positivo, guardado pela tradição, solo fértil em que proliferam os devaneios do espírito humano.

E a ciência moderna, parece, em suas conclusões, justificar a existência da suposta e ao mesmo tempo inegável terra de Atlas.

Sejam os sacerdotes egípcios do tempo de Sais os portadores dessa lendária história de Atlântida ou sejam as trucidadas os narradores desse tradicional continente, paira ainda a bruxulear no distante horizonte da imaginação insaciável, o enigma indecifrável da submersa Atlante.

É esse o assunto, assim tão cheio de possibilidades para a imaginação como para o estudo, que o confrade Gabriel Bastos nos brindou em palestras neste Grêmio, e agora nos oferece para o repositório de nossos ensaios e esforços literários.

Em sua linguagem, na qual vaza os seus pensamentos e empreende a sua jornada literária e dissertava, o autor de “A Atlântida” se assemelha a si próprio. É sóbria adjetivando com prudência, mas dando sempre ao pensando a cor viva das coisas e dos fatos, que se tornam atrativos, em tudo primado pela clareza do pensamento. É muitas vezes reiterado, repetindo frases e afirmações já feitas, por amor, da sequência dos pensamentos e da relação dos tópicos entre si, sem que com isso torne enfadonho, de vez que facilita ao leitor a memória, assim como aos ouvintes da leitura que, como plano, foi feita por partes.

A bibliografia citada não é pequena. Jorge Bahlis, Domingos Jaguaribe, Van Loon, J. L. Campos, Spalding, Dante, Braghine, entre tantos outros, são o continente de tributários para o conjunto harmônico e concatenado de ideias e reflexões sobre o tema.

Além, pois, dos vôos de imaginação e do recuo introspectivo, prova também o estudo que demandou, consultando tantos autores que do assunto também se ocuparam.

Terminando minha rápida, modesta, mas sincera apreciação, proponho que “A Atlântida” do confrade Gabriel Bastos, passe a ornamentar as estantes do Grêmio e da biblioteca, sem que com isso prove o autor do original ou de uma cópia, para uso próprio e adorno de seus sonhos de ancião em cujo peito ainda pulsa um coração jovem e um espírito vigilante.

E felicito o venerando confrade Sr. Gabriel Bastos, pelo seu trabalho, e o “Grêmio Passo-fundense de Letras” pela contribuição valiosa que recebeu.

(a) José Pedro Pinheiro

O porquê deste livro

Jamais escrevi um livro. Em tempo algum julguei-me capaz disso. Minha atividade nas letras, desde minha mocidade, nas escassas horas de lazer até à velhice, com a mesma escassez de tempo, foi medíocre: Artigos para jornais, políticos quando moço e, depois, assuntos vários e versos sempre medíocres, pois, nunca manuseei qualquer opúsculo de arte poética para conhecer ritmo, medida e harmonia necessárias à expressão metrificada. A única coisa que publiquei em folheto quando presidente da Liga de Defesa Nacional, foi uma conferência de propaganda de brasilidade. Depois, velho, sem o dinamismo preciso para o desenvolvimento da instituição, pedi substituto.

Aqui vão as razões históricas da publicação deste livro: Quando o prefeito municipal deste município, o Cel. Artur Ferreira Filho, fundou o “Grêmio Passo-fundense de Letras”, elaborados os Estatutos e o Regimento Interno, e já o sodalício em funcionamento regular, o prefeito aludido criou a Biblioteca Municipal, sob a direção daquele instituto de Letras. Ora, os Estatutos e seu Regimento, como de instituições congêneres, obrigam os sócios a dissertarem sobre temas de própria escolha, quando lhes toque a vez ou quando indicados pelo presidente.

Quem escreve estas linhas foi sempre avesso à tribuna, por educação e por índole. Raras vezes, e só obrigado por circunstâncias imperiosas tem discursado. Entretanto é o mais velho da grata companhia e nela entrou por amor às letras e estímulo aos moços. Chegada a sua vez, cumpria ao expoente desempenhar o mandato.

Pouco tempo antes havia lido qualquer coisa sobre a pré-história da Atlântida e, por isso, tomo-a para tema e sobre ela elaborou a primeira Palestra. O assunto, porém, não ficou completamente explanado. Em continuação foi proferida segunda Palestra. Conquanto extensas ambas, ainda *ficou muito pano pra mandas* e assim indispensável a terceira Palestra, longa como as primeiras. Várias novas leituras sobre o tema foram exigindo mais amplitude, maior desenvolvimento do assunto em foco, obrigando a dar outra feição à obra, pensando já em livro. Neste propósito fizemos das Palestras a primeira parte da obra e – *Opiniões e*

Divergências – a segunda parte, na qual julgamos ter completado a nossa exposição sobre a Atlântida. Então, apalpamos as duas partes e achamos pequeno o volume para livro. Neste caso, pensamos: A Atlântida foi parte do Planeta, este faz parte de nosso sistema solar que está subordinado ao conjunto cósmico de nosso Universo...

Ampliemos, pois, o trabalho com mais uma parte, onde de mistura com realidades, exporemos hipóteses, conjecturas e cousas imaginárias para darmos serviço ao cérebro e completarmos o livro.

Aí está a razão da terceira parte.

Esboçado em perto de quatrocentas tiras e sendo dedicado ao Grêmio, entreguei o esboço ao ilustrado confrade Revdo. José Pedro Pinheiro, Secretário Geral do Grêmio, para dar Parecer e apresentá-lo em sessão.

Era meu intento, depois do Parecer e resolução do Grêmio, proceder a uma correção final para expurgar defeitos, mas, o Grêmio resolveu logo a publicação do trabalho. Aí está, pois, o livro.

O bondoso leitor relevará as falhas ao velho neófito na arte de escrever livros, atendendo a que não há aqui o menor interesse econômico individual: O líquido que este livro possa deixar é destinado a fins beneficentes.

Gabriel Bastos

Página avulsa

AOS LEITORES

Com prazer aceitarei, em caráter amistoso, opiniões e divergências sobre quaisquer dos temas aqui tratados e agradecerei essa colaboração que bem pode concorrer para a elaboração de algum volume em que essa colaboração prestará valioso serviço no esclarecimento de pontos porventura aqui ainda obscuros ou controversos, esclarecendo fatos ou fantasias merecedores de elasticidade expositiva. Concorrerão assim para a elaboração coletiva de alguma coisa de que o público leitor possa colher úteis conhecimentos, quer quanto a fatos, quer quanto a fantasias. É uma inovação útil na arte de fazer livros: Serão obras em que o autor associará os colaboradores na responsabilidade moral do trabalho: Constituirão livros de colaboração coletiva, concatenados pelo autor. Experimentemos...

Gabriel Bastos

1ª. PARTE

**Imaginária digressão pelos campos da Lenda,
dedicada ao Grêmio Passo-fundense de Letras**

Primeira Palestra

PRELIMINARES

Não há muito tempo li “Artes Ameríndias” do professor Jorge Bahlis. Nesse excelente livro demonstra que o nosso continente possui provas irrefutáveis de civilização pré-histórica.

A leitura dessa bem elaborada obra levou-me a meditar sobre a civilização ameríndia, nesse livro bastante proclamada e aguçou-me a curiosidade de conhecer as causas pelas quais os dois mais notáveis núcleos da civilização pré-histórica americana foram encontrados tão distantes um do outro. Refletindo nos motivos dessa estranha separação, veio-me à imaginação a Atlântida pela Lenda e o dilúvio, do qual oportunamente farei referência.

Tendo em consideração a raça aqui encontrada, julguei acertado localizar a Atlântida ao sul da Ásia, donde creio teria sido desprendido o lendário continente, em era muito remota e talvez a parte do Planeta que primeiro emergiu das águas, constituindo o primeiro que separou-se na superfície do solo já firme. Nesse tempo, a raça humana estaria longe de sua aparição, pois que, a Vida, apenas teria começado a manifestar-se por seus primeiros representantes, no fundo das águas.

Achei estranho que a civilização pré-histórica americana ficasse adstrita ao México e ao Pero. Mas, por que assim separados os dois mais notáveis núcleos da civilização pré-histórica do continente americano?

Pensei nas causas que tivesse contribuído para essa anomalia pré-histórica e, então, lembrei-me da Atlântida e do dilúvio, como ficou dito. E eis-me geólogo, etnólogo e geógrafo a conjeturar fatos sobre os quais nada sei e nem os sábios disseram qualquer coisa de definitivo.

Leigo embora nessas belas manifestações dos conhecimentos humanos, conjecturei demonstrações que, penso, se aproximam da realidade.

Neste trabalho elaborado por passatempo e estímulo para perscrutar a pré-história, vão de mistura com realidades irrefutáveis – hipóteses e dissertações imaginárias umas, outras decorrentes de fatos, ora por nós decididamente aceitos, ora sob nossa repulsa, segundo critério próprio.

Longe de julgarmos obra histórica ou científica sob quaisquer aspectos, expomo-la como fruto de horas de lazer, escrita quase sempre, apressadamente, sem reflexão nem confronto.

Comecemos, pois, a expor o nosso pensamento sobre a velha incógnita, ainda nas brumas da dúvida.

CAPÍTULO I - A ATLÂNTIDA

A América, a Austrália e a Oceania com suas numerosas ilhas e arquipélagos constituem os mais novos continentes, dizem os geógrafos. Quanto à prioridade, consideramos a Atlântida a primeira terra que emergiu do grande bloco terrestre, mas presa ao centro que constitui um bloco único, pois que, continentes e ilhas aparentemente separados, o são na superfície somente, conquanto separados uns dos outros blocos, em milhares de metros de profundidade. Em outro lugar demorar-nos-emos em relação a esta verdade.

A América, a Oceania bem como a Austrália serão os remanescentes da Atlântida, quando esta já possuiria vasta civilização. Estes remanescentes ter-se-iam separado com populações relativamente pouco numerosas, que tenham sobrevivido à catástrofe e que, na América se tenham salvado os núcleos do México e do Peru e outros disseminados, dos quais, em tempo incalculável, ter-se-iam irradiado grupos a todas as direções. Naturalmente, o mesmo teria acontecido nos demais remanescentes salvos da grande catástrofe.

A existência da Atlântida foi enigma de complicada solução, mas, os milênios não conseguiram apagá-lo da memória dos povos: Desapareceu a Lenda e surgiu a realidade nos remanescentes do extinto continente.

Dia a dia, arqueólogos notáveis descobrem monumentos e objetos pré-históricos que vão dando luz sobre longínquo passado. Na ilha da Páscoa, situada no Oceano Pacífico e que terá pertencido ao lendário continente, foram descobertos numerosos exemplares arqueológicos que atestam adiantada civilização pré-histórica. Provas desta natureza têm sido descobertas em diversos lugares da América, notadamente no México, no Peru, na Argentina, no Brasil, etc. Os irmãos Wagners notáveis arqueólogos, têm feito valiosas descobertas, das quais adiante trataremos. A Atlântida, em seu estado de civilização teria mantido relações com a Ásia e com a África, o que justifica a cerâmica egípcia encontrada na América, mesmo porque, as populações da Ásia e do Egito seriam de procedência Atlântida. Em capítulos imediatos, procuraremos definir o lugar em que existiria a Atlântida; onde se acha a Atlântida; que

transformações no Planeta terá produzido o desaparecimento da Atlântida.
E o dilúvio como ocorreu?

CAPÍTULO II - POSIÇÃO GEOGRÁFICA DA ATLÂNTIDA

A Atlântida estaria localizada ao sul da Ásia, mais ou menos próxima à China, na direção norte para sudeste.

Procuraremos repô-la em sua anterior posição, com as terras que lhe tenham pertencido, do seguinte modo: tomemos a extremidade sul da América, estendendo-a para noroeste sobre o sul da América do Norte, ligando assim as duas costas – sul da América do Norte e ocidente da América do Sul. O México ficará próximo ao Peru. A esse conjunto demos um movimento circular de norte a oriente e, nessa posição levemo-lo para ocidente até sudoeste do Japão. O oriente da América ficará ao ocidente. A Austrália e ilhas da Oceania ao sudeste, ligadas à América do Sul. Eis o que me parece ter sido a Atlântida, antes da grande revolução geológica que a fracionou. A sua dimensão seria o dobro ou mais, da América, Austrália e Oceania; as águas terão engolido grande parte.

Extensa a Atlântida, é possível que tivesse o noroeste, mais ou menos aproximado da África que, por isso, podia possuir exemplares da fauna americana e ainda outras manifestações de vizinhança, como populações e indústrias entradas pelo mar Vermelho, provavelmente pouco afastado de Atlântida, ao ocidente desta.

A Atlântida, berço do primeiro homem, teria sido, igualmente, o berço da primeira civilização. Daí a civilização pré-histórica da América, conservada por elementos acidentalmente salvos do grande cataclismo e do conseqüente dilúvio. Essa civilização em solo americano é prova do estado de cultura em que se encontrava a Atlântida, quando vítima do cataclismo que a esfacelou, e está largamente representada pela arqueologia, que sábios vêm descobrindo em terras ameríndias, como adiante veremos.

CAPÍTULO III - A GRANDE CATÁSTROFE

A grande catástrofe que teria destruído parte da Atlântida e fracionado outra, deve ter tido seu centro de irrupção a sudoeste do continente, atirando a Austrália, arquipélagos e ilhas para sul, sudoeste e ocidente, separando-os do maior bloco, a América, impelida para nordeste. Nesta direção, a parte norte ter-se-ia prendido aos gelos árticos e a parte sul, cindida pela violência da irrupção, seria compelida a torcer para sul, separando-se pela Califórnia, México, América Central e Panamá ao norte, e Chile, Peru, Equador e Colômbia ao sul, continuando ligado pelo Panamá o extremo norte oriental da América do Sul.

A extremidade voltada para sul, presa ao norte pelo istmo de Panamá, teria prosseguido até a posição atual, confrangendo a parte norte oriental, alargando-a, por isso, e atirando para o mar das Antilhas os blocos que constituem o arquipélago do mesmo nome e outros.

O bloco sul da América, cindido, teria vindo comprimido entre as águas que o teriam impelido do ocidente e as que lhe estariam na frente. Apertado entre esses dois potentes volumes líquidos, não teria havido dispersão notável do bloco, e conseqüentemente, as costas da América do Sul não as tem abundantes.

Quanto à deslocação de continentes, depois que o globo terrestre tivesse completado a sua evolução esferoidal, aqueles, quando deslocados, se conservariam flutuando até encontrarem base que os unisse ao núcleo central: Apenas mudariam de posição, mas, continuariam reunidos ao centro térreo do Planeta. Todas as terras desprendidas que atingirem a superfície das águas, depois de ligeiro ou demorado estágio de flutuação, encontrarão nova base e aí ficarão, salvo blocos menores, uma ou outra ilha que poderão flutuar algum tempo em dissolução, até caírem no fundo do mar, no seio do núcleo central, porque de pequeno volume, ir-se-ão desfazendo ao embate do elemento líquido. Se os continentes não tivessem a sua base no núcleo central e fossem separados entre si, dispersos, com o rápido movimento de rotação diurna do Planeta, não teriam a estabilidade que os caracteriza no conjunto cósmico, e o Planeta, desordenado, em turbilhão, à louca, zig-zagueando, jogado à mercê das



Figura 2 A Atlântida emergindo ao sul da Ásia...



Figura 3 A Atlântida em catástrofe.

marés até a fragmentação absoluta dos continentes, para serem absorvidos, liquefeitos pelo volumoso elemento químico. Então, adeus cálculos astronômicos, adeus Vida!

A unidade da parte térrea, entretanto, disciplina o elemento líquido e a harmonia mantém o estado atual de nosso Planeta que, assim, irá durando e... nós também. Convenhamos, pois, em que ao núcleo sólido estarão presos todos os continentes, arquipélagos e ilhas, com exceção de pequeníssimo volume, por ventura flutuando em dissolução, os quais não alterarão a regularidade da Vida planetária. As catástrofes geológicas continuarão, de quando em quando, a sua ação transformadora, mas, dos blocos fracionados se firmarão sempre em novas bases as partes sólidas que flutuarem, e como até agora, os pequenos fragmentos irão para o fundo das águas aderindo ao Núcleo Central.

Com supressão do elemento líquido, a terra será um globo fundamente rugoso, com profundas e inúmeras cavidades e, conseqüentemente, com saliências e reentrâncias multiformes.

CAPÍTULO IV - O RIO DA PRATA

Possivelmente, a extremidade sul da América, pela contração do norte, presa, forçaria a formação do rio da Prata até ao estranho delta acima deste rio, ao certo formado pelo afrouxamento e conseqüente dispersão do terreno entre os rios Uruguai e Paraná. Parece abonar esta ideia, o seguinte: A confluência dos dois rios no mar, seria entre Montevideu e o farol fronteiro, na Argentina. Aí, o grande volume de água dos dois rios, fluindo paralelos e muito aproximados entre si, encontrando o fluxo das marés, abrir-se-iam para um e outro lado, cavando as enseadas que, se mostram no Uruguai e na Argentina. Esta circunstancia e o estranho delta fizeram-me crer que a origem do rio da Prata seria o estrangulamento da faixa de terra entre os dois rios, nas proximidades de sua confluência no mar, pela impulsão violenta da extremidade sul da América quando desprendida de sua irmã do norte. Os dois rios – Paraná e Uruguai – nas proximidades de sua confluência no mar, viriam muito aproximados um do outro, tendo entre si estreita faixa de terra que se esboroaria à violência do choque, abrindo assim, o rio da Prata e formando o singular delta fora da confluência de ambos.

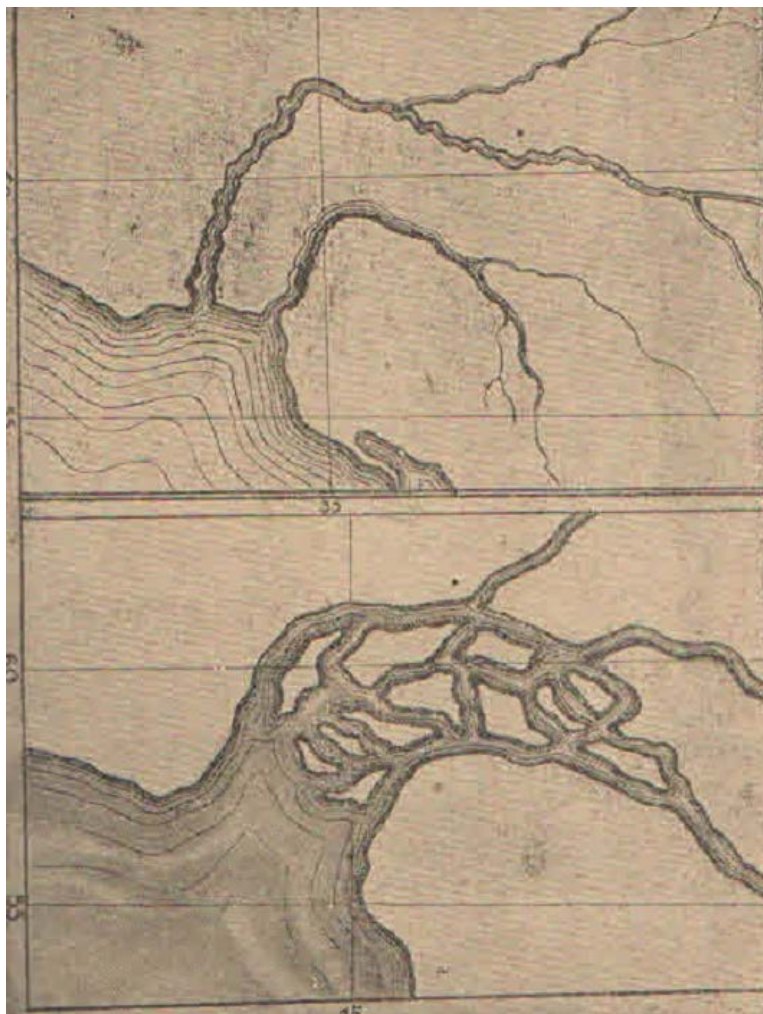


Figura 4 Rios Paraná e Uruguai antes da catástrofe.



Figura 5 Rio da Prata atual.

CAPÍTULO V - O DILÚVIO

Na convicção de que o Dilúvio Bíblico fosse o que vamos descrever, ocorrido, cremos, entre dez a quinze mil anos, em consequência da grande derrocada da Atlântida, damos-lhe este Capítulo: O ocidente da América do Norte, na impulsão que lhe tenha dado o cataclismo, teria formado o mar de Behring e o estreito do mesmo nome, lugares, nesse tempo, inominados, atirando águas sobre a costa norte-oriental da Ásia, inundando-a. As costas meridionais da América do Norte, não teriam sido atingidas por inundações volumosas, visto que, a América meridional, impelida para sul, teria modificado a ação do mar sobre o norte. O ocidente e o norte da América Setentrional, terão sofrido, intensa, a ação do Dilúvio: No norte, pelo embate das águas no gelo e no oriente pela compressão do mar das Antilhas. Pela pressão do bloco americano, todo o ocidente da Europa e da África teria sido invadido pelas águas. O Báltico teria sido um grande lago; o canal da Mancha – terras baixas alagadas, separando a Inglaterra do continente: As águas impelidas pelo bloco americano teriam invadido as costas ocidentais da Europa e da África transformando o Báltico em mar e alargando o canal da Mancha.

O Dilúvio terá invadido a Inglaterra, infligido-lhe a desolação e a morte, se é que, naquele tempo, houvesse ali o que destruir. As Ilhas Britânicas, pois, no mar revoltado, não teriam escapado ao grande cataclismo, com a ação destruidora do Dilúvio.

Cataclismo de tão larga envergadura é possível tivesse levado seus efeitos até ao Mediterrâneo pelo estreito de Gibraltar. O Mediterrâneo não teria escapado à invasão e dele teriam desaparecido ilhas e arquipélagos. O nível do Mediterrâneo terá subido com a avalanche líquida que o teria inundado, como teria acontecido ao Báltico. Nas costas meridionais da Ásia, o Dilúvio teria sido menos destruidor, porque, as águas que poderiam inundá-las em grande área, teriam sido atraídas pelo grande bloco e levadas para o Oriente.

É de supor que todas as costas orientais da América, tenham sido atingidas pelo Dilúvio, ou antes: Essas costas seriam fatalmente inundadas, pois que, em implosão violenta para oriente, o bloco americano não escaparia à inundaçãõ em larga escala. Nas costas ocidentais da

América do Sul, possivelmente o Dilúvio ter-se-ia aproximado das encostas andinas. Em toda a costa sul-oriental da América a inundação teria tomado maiores proporções que em quaisquer outras costas; da latitude de trinta graus, aproximadamente, para sul, o Dilúvio teria coberto todas as terras nas quais permaneceria o mar diluviano, por largo tempo.

Sabemos que na Serra do Pinhal, município de Santa Maria, foi encontrada quantidade de conchas marinhas, talvez deixadas por mar diluviano que ali houvesse chegado. Sabemos também que em São Pedro, na mesma latitude, em quase todas as casas, há grandes conchas da mesma espécie, certamente apanhadas ali perto, onde andasse o pavoroso mar.

CAPÍTULO VI - O ARQUIPÉLAGO DO JAPÃO

O arquipélago do Japão terá sido uma das formações geográficas da Ásia também desagregada da Atlântida e, depois, povoada por deportados chineses, após alguma revolução. Daí a diferente orientação japonesa, em que terá influído o espírito belicoso daqueles *indesejáveis*, por isto expulsos da China, e nos quais terão fracassado os sentimentos da fraternidade humana. A população atlântida, porventura salva no Japão, possivelmente muito limitada, ter-se-ia deixado saturar do espírito, ao certo belicoso e atrabiliário daqueles deportados, construindo o fundo étnico japonês. Daí decorrerá a mentalidade perversa desse ramo mongólico, oposta a de seu vizinho chinês, moderado e pacífico.

CAPÍTULO VII - O SAÁRA

O Saara teria sido uma das vítimas da formidável revolução geológica que fracionou o grande continente do Sul da Ásia. De extensa zona onde floresceriam populações já civilizadas, oriundas da Atlântida, como todas as populações da costa do mediterrâneo, o Saara, situado em nível pouco elevado, teria sido invadido por vultoso contingente de areia que, durante tempo mais ou menos longo, as águas agitadas do oceano Atlântico, revolucionado pela ação da maior catástrofe geológica que tenha sofrido o Planeta, lhe iriam levando, e sepultando civilizações e monumentos que os arqueólogos ainda encontrarão no fundo do grande mar de areia que o cobre.

O Saara está ligado a assunto de outro capítulo, onde dele ainda trataremos.

CAPÍTULO VIII - O GULF STREAM

Existiria o Gulf Stream, antes da grande derrocada da Atlântida?

– É possível que não. O *Gulf Stream* será consequência da pavorosa catástrofe que terá provocado a abertura de algum grande vulcão no fundo do golfo do México, onde engolfem as águas do mar e dali irrompam ferventes e, assim expelidas, tomam a direção conhecida desde remotos tempos, isto é, desde a formidável catástrofe da Atlântida.

Com o correr do tempo poderá, esse constante movimento das águas nos insondáveis abismos do Oceano, destruir o foco incandescente e .. sumir-se o *Gulf Stream*.

Não fora a abertura dessa formidável cratera sob as águas, sua irrupção seria fatal às duas Américas que seriam seccionadas por esse *inferno*, na parte mais estreita de sua ligação e talvez, vítimas de triste derrocada.

A separação dessa corrente à saída do mar das Antilhas, será consequência do fluxo das águas do Atlântico.

CAPÍTULO IX - O NÍVEL DOS OCEANOS

O nível do Oceano Atlântico terá subido, invadido terras por ele banhadas, devastando-as. O bloco americano arrebatado ao continente sinistrado e impelido para o oriente terá trazido para o Atlântico vasto volume de água que lhe teria elevado o nível, em consequência da fraca vazão. É possível que o desnível dos dois oceanos tenha origem no escasso curso das águas, interceptadas pelo continente americano, desde o extremo norte até ao cabo Horn. Há no extremo noroeste, pelo estreito de Behring, fraca vazão e pelo sul, as águas frias menos fluídas e ainda aproximadamente de terras antárticas limitar-lhes-iam o escoamento. Resta a saída pelo oriente – cabo Tormentoso – por onde, cremos, as águas do Atlântico encontram embaraços em sua confluência com o oceano Índico. O agitado encontro desses oceanos não será a causa de ter sido esse cabo denominado Tormentoso? – É possível. A diferença de nível entre o Pacífico e o Atlântico, não teria sua origem na grande calamidade da Atlântica, como consequência da irregular vazão deste oceano para aquele? O maior volume de águas marítimas e fluviais afluem para o Atlântico: Mares – Mediterrâneo Báltico, Antilhas e outros; rios – todos os do ocidente da Europa e da África, e todos os do oriente da América. O oceano Pacífico só recebe águas do oriente e sul da África pelo oceano Índico, cujas águas confluem ao sul da Ásia. Também o ocidente e sul da América do Norte e ocidente da América do Sul, deitam suas águas para o Pacífico.

É de supor-se que antes da catástrofe da Atlântida, os oceanos, em contato livre, mantivessem o mesmo nível. A grande calamidade, pondo entre os oceanos o continente americano, separando-os desde o extremo norte até próximo de terras antárticas, ter-lhe-ia desequilibrado o movimento. Poderão voltar ao seu anterior estado, se forem abertas largas comunicações entre os dois oceanos, ou a pressão do mais alto romper algum istmo ou destruir alguma península, no extremo sul ou no extremo norte: ou, ao contrário, esse desequilíbrio continuará vagarosamente, crescendo, até ocorrer outra catástrofe que esse desequilíbrio possa provocar.

CAPÍTULO X - UMA NOTÍCIA SURPREENDENTE

Até a pouco, por circunstâncias que me pareciam ponderáveis para justificar as minhas conjecturas, julguei estar o Atlântico em nível superior ao Pacífico, conforme expus no precedente capítulo. Embora convencido disto, procurei prova escrita e consegui, na “Revista Sul Americana”, onde havia visto qualquer coisa sobre o Panamá e, efetivamente ali estava a notícia que segue: Um viajante que fez a travessia do canal do Panamá e descreveu a interessante viagem, afirma que o oceano Pacífico, no Panamá é 185 centímetros mais alto que o Atlântico.

Essa notícia foi para mim uma surpresa que me desconcertou a exposição. Estranho, entretanto, ser o nível do Pacífico superior ao do Atlântico, pelas razões expostas no capítulo anterior e, por isso, quis conservar esse capítulo para justificar o meu pensamento. Do que relatamos no capítulo referido, verá que alguma razão me assiste para assim pensar. Se essa diferença de nível não for consequência da pressão do próprio Atlântico sobre o oceano Índico, no sul da África, não atino com a causa desse desnível, pois ao Atlântico aflui muito maior volume de água: Rios e mares de todo o oriente da América e de todo o ocidente da Europa, Ásia, África. Pode ainda concorrer para esse desnível, a circunstância já referida; fortemente compelidas as águas do Oceano Atlântico sobre o Oceano Índico e conseqüentemente sobre o Pacífico em direção a noroeste e, na encontrando vazão imediata, manter-se-ão altas no sul de Panamá.

Ainda meditando sobre a altura do nível do Pacífico ao sul do Panamá, acrescentamos: a corrente polar antártica afluindo pelo ocidente da América meridional, em direção, em direção ao Panamá, concorrerá, para conservar as águas ali em nível alto. Justifica-se assim que, embora com mais fracas fontes de confluência fluvial e marítima, manter-se-á, ali, elevado o nível do Pacífico, no golfo de Panamá, sem vazão no rumo a que afluem as correntes referidas em constante fluxo. Esta diferença de nível não poderá ser, também, consequência do cataclismo da Atlântida, pelo embaraço da marcha desses rios marítimos que, antes dessa revolução geológica, fluíam livremente?

Antes desse grande cataclismo os oceanos manteriam igual nível, visto que constituiriam um único grande oceano, do oriente da Atlântida, então íntegra, ao sul da Ásia, constituindo um só volume líquido até ao ocidente da Europa. Desse grande oceano não podemos conhecer a denominação, pois, só temos história de seis mil anos, quando a clamorosa revolução geológica da Atlântida ter-se-ia dado a diversos milhares de anos.

O custo livre das águas concorreria para manter o equilíbrio do Planeta em sua rotação diurna regular.

O curso livre das correntes marítimas, certamente concorreria para a normalidade dos movimentos terrestres, pois que, livres os oceanos, ou antes – o Grande Oceano – o seu nível seria uniforme. Assim, depois da grande catástrofe a constante fluência de águas do Atlântico pelo sul da África para o golfo de Panamá, e a corrente polar sul, na mesma direção, sem vazão imediata correspondente, não concorrerão para o crescimento do desnível dos oceanos?

Essa diferença de nível, crescendo sempre, não poderá trazer em futuro próximo ou distante, cataclismo semelhante ao da Atlântida ou ainda pior?

Não se poderá crer que essa corrente polar, de princípio tomasse essa direção por que a tivesse livre de terras continentais?

No desenvolvimento da nossa tese, talvez possamos responder a algumas daquelas interrogações.

Os nossos assuntos, pelo que verificamos no esboço das segunda e terceira Palestras, vão se apresentando mais complexos ao contato de novos temas que surgem a cada passo, no desenvolvimento do que vai caindo no laboratório do pensamento, sempre insatisfeito, sempre exigente.

Se o tempo não nos for precário, iremos explanando os que forem surgindo.

Como dissemos de princípio, estas Palestras não se inspiram em livros de sábios, de paleontólogos ou de etnólogos. Por alto, de vez em vez, nos acolhemos ao saber alheio, não porque dele não careçamos, mas, porque pouco tempo compulsado e o tempo nos é escasso.

Há aqui, como de logo foi dito – mais imaginação, conjecturas e possibilidades, em busca de fatos, realidades definidas.

Encerremos aqui a Primeira Palestra. A segunda terá por título – Em Busca da Verdade.

Segunda Palestra

Em busca da Verdade

Ligeiras observações

Depois da elaboração da Primeira Palestra sobre a “Imaginária digressão pelos campos da Lenda”, lemos alguma coisa que se relaciona com a translação de continentes, parecendo justificar aquele trabalho. Assim, com novos dados sobre o interessante caso, continuamos nossa *Imaginária digressão*, no empenho de aproximarmos o imaginário do real, nesta ou na Terceira Palestra.

CAPITULO I - A POPULAÇÃO DA ATLÂNTIDA

Da população da Atlântida terá perecido grande parte. Acidentalmente ter-se-ão salvado pequenos núcleos na Austrália, na Oceania, em alguns arquipélagos e ilhas, na América, principalmente no México e no Peru, bem como no Japão em pequenos números. Cremos número limitado no Japão, pela belicosidade atual de seu povo cuja formação teria obedecido mais ao número de indesejáveis chineses para alo deportados, que ao pequeno grupo atlântido, por ventura ali salvos, ao certo raça pacífica como a do México e do Peru. Destes e de outros remanescentes da Atlântida, espalhados durante largo tempo, por toda a América, afastados de centros civilizados, barbarizaram-se grande número, povoando nossos sertões e de toda a América. Entre estes selvagens, os conquistadores encontraram tribos acessíveis ao convívio civilizado. Grande parte dos mais ferozes, assim se tornaram pela perseguição que lhes moveram os não menos ferozes conquistadores. João Ramalho e Caramuru, ao aportarem em terras americanas, teriam sido trucidados se os selvagens não fossem de índole pacífica.

As descobertas arqueológicas encontradas em toda a América, são demonstrações de populações atlântidas civilizadas e vítimas do formidável cataclismo e consequente, dilúvio. Depreende-se disto que a Atlântida teria adiantada civilização. Os chineses, pacíficos como eram as populações do México e do Peru, serão oriundos, não da Atlântida em catástrofe, mas, da Atlântida quando em plena vitalidade e progresso.

Permitam os leitores ligeira divagação: Não é inato ao homem o sentimento de fera, pois, terá surgido à vida trazendo do berço tendências fraternais, denunciadas pelo espírito pacífico mongólico que, durante sua longa existência, tem demonstrado essas qualidades no grande núcleo

chinês, até hoje de negativo pendor belicoso. Terá sido, também, acessível ao trato com o exterior, tendo perdido esse predicado, quem sabe porque, circunstâncias penosas que os tenham surpreendido, quando ainda no princípio de sua formação.

Deste julgamento excluiu o Japão, ao qual já fizemos referência quanto ao espírito belicoso e feroz que lhe deturpou o sentimento de fraternidade, possivelmente quando, de princípio, dominado por elementos perturbadores expulsos da China.

Fazendo total expulsão desses elementos, a China depurou-se do vírus que anulou, na então fraca população japonesa, todo o sentimento de bondade que caracterizaria os remanescentes da Atlântida ali salvos.

A construção da grande muralha chinesa seria consequência desse expurgo, para isolar-se de elementos perniciosos que pudessem influir no caráter de seu povo.

Devido a causas decorrentes desses fatos, o Japão desde sua formação de nacionalidade, parece ter constituído agrupamento humano de estranha orientação, já por ter sido levantado tumultuariamente sacudido por penso cataclismo, já e principalmente, pelo elemento irrequieto que teria predominado em sua formação: Fraco elemento mongólico pacífico, salvo do cataclismo e dominado por elemento atrabiliário e, por isso expulso da China. Esse mau elemento, constituindo grande maioria na fraca população salva da catástrofe atlântida, teria ascendência na formação do meio em que teria surgido o Japão como nacionalidade.

A China, desde muito tempo, não é mais a China encerrada em suas milenárias muralhas, mas, e o grande país adaptado às relações internacionais e ao convívio mundial, dentro da esfera dos povos livres que lutam pela liberdade e pela confraternização humana. Este país teve a felicidade de, em tempo, expulsar de seu solo toda a má semente etnológica, atirando-a a esse arquipélago onde fecundou para mal da humanidade.

CAPÍTULO II - A ATLÂNTIDA E O HOMEM

Da população da Atlântida, salva do dilúvio no bloco americano, os grupos mais notáveis terão sido os do México, Peru, América Central, Colômbia e Equador. Pelas descobertas arqueológicas de Wagner, entretanto, cremos que, além desses, Santiago del Estero tem notável lugar na civilização pré-histórica.

A arqueologia demonstra que, em toda a América há zonas que foram ocupadas por povos civilizados. As notáveis descobertas dos irmãos Wagner, descendam antiquíssima civilização pré-histórica atlântida, donde procede o nosso continente. Estas descobertas demonstram que a população da Atlântida já estava disseminada por todo o continente. Isto, certamente, porque, único ao sol durante milênios e onde surgiu o primeiro homem, a sua população estaria já ocupando toda a área habitável e emigrando em larga escala para novas terras que iriam emergindo – Ásia e África. Daí a antiguidade de povos asiáticos e egípcios, todos procedentes da Atlântida, já velha ao sol.

Como temos dito, a Atlântida foi localizada ao sul da Ásia, cuja população, como a Austrália, arquipélagos e ilhas do Pacífico, de lá procedem, e assim a raça encontrada pelos conquistadores, na América.

A Atlântida seria vasto continente povoado de mongóis – primeira raça humana atirada ao cenário da Vida, e é o ponto de partida deste trabalho e o título mestre deste livro.

Não estranhem, pois, os confrades se, de vez em vez, voltarmos a lembrar um outro fato já enunciado. Com isto lembramos incidentes ou fatos que devem pairar na memória do leitor até o fim do livro.

Segundo alguns cientistas, o homem teria aparecido sobre a terra, nos fins do período quaternário e, assim sendo, só depois de milênios poderia a civilização ter sua aurora.

Há quantos milênios ter-se-ia dado essa grata aparição? – Há cinquenta mil anos? – Há vinte mil anos? – Ou há quantos? – Ninguém poderá afirmar... Ninguém poderá negar...

O que nos parece certo, é que a humanidade não terá passado por mais de duas civilizações extintas. A civilização contemporânea, já com sintomas de decadência, será a terceira que também ruiria se a democracia não a estivesse salvando. E se na mais alta da série, os sentimentos do homem estão ainda eivados de tão pronunciadas qualidades irracionais, ainda com forte tendência à prática do mal, como denunciando a falência dos sentimentos humanos, é porque a humanidade não há grande número de milênios que tomou o seu lugar no Planeta. Daí a anarquia dos espíritos e a desumana irreflexão entre os orientadores dos povos.

O Estado da humanidade em nossos dias, ainda denuncia falta de predicados nobres, ainda está com cerca de duas terças partes nas brumas da ignorância de seu destino semibárbaros uns, outros selvagens ainda. Mesmo entre os países civilizados predomina o egoísmo, a inveja, a ambição desmarcada, a prepotente vaidade anulando os sentimentos da humana fraternidade que devera reinar entre os homens.

Esta situação denota que os sentimentos do homem, ainda não entraram na idade da Razão que lhe imprimirá as qualidades que o levarão à perfeição. Este estado de ignorância que ainda domina a raça humana, é clara prova de que a humanidade não é tão velha como a fazem sábios eminentes que lhe elevam a velhice até a cerca de um milhão de anos, o que é perfeito disparate. Se tão velha fosse, não estaria o homem, em sua grande maioria, envolto no caos da incompreensão de seus deveres humanos, fora da civilização e ainda próximo dos primórdios da Vida, com mais notáveis traços de animalidade, do que dos fins fraternais de seu destino.

Jorge Bertolazo Stella, escrevendo sobre “As origens do homem americano”, de P. Rivet, desenvolve sua exposição dizendo que o homem americano “não é autóctone, mas emigrado do velho mundo”.

Nós estamos convencidos de que efetivamente, o homem americano não é da América, mas, é da Atlântida, com parte da qual teria vindo em mar revolto, trasladada do ocidente para o oriente, em consequência de pavorosa catástrofe.

Daí vê-se que o homem americano não foi imigrado, mas atirado no próprio berço, do sul da Ásia para o oriente.

Devemos observar que a denominação de América é dos tempos modernos. O homem pré-histórico da América, procede de remanescentes da Atlântida. Há na América elemento racial malaio, polinésio e australiano, asiático pois, visto que esses territórios terão pertencido ao grande continente de que tratamos, e a raça amarela terá sido a disseminadora do elemento racial da Atlântida para as terras que lhe teriam sido subordinadas e que serão todas as que constituem o mundo pré-histórico donde surgiram os primeiros elementos das mais antigas manifestações humanas que a História registra: Ásia, Egito, Grécia, orlas do Mediterrâneo – sul e norte. Mas, mesmo antes da História, o Oriente norte da Ásia teria tido em sua população o influxo mongólico, constituindo sub-raça com o provável elemento primário, porventura ali surgido isto, possivelmente, depois da raça branca no Caucasso. Dessa, sub-raça com abranca, então já dissimulada pelo norte, serão oriundos os bárbaros que infestaram a Europa Central, nos princípios da Idade Média e durante esta.

Creemos que a orla norte do Mediterrâneo terá recebido o influxo asiático, reflexo da Atlântida, pela Ásia Menor, quando o Egito já teria sido colonizado através do mar Vermelho.

“É inquestionável que as raças americanas têm estreitas afinidades com as raças australianas, polinésias e etc. remanescentes do continente disperso, provando assim que o maior bloco dessas terras constitui a América.”

Sobre as origens do *homem americano*, vejamos o que diz Flamarion em seu livro “Mundos Imaginários”:

“O oriente é o ponto de partida da história humana: pelo que diz à civilização histórica, nós descendemos dos Romanos, os Romanos dos Gregos, os Gregos do Oriente.

Aí para a genealogia, e quando chegamos aos Vedas, livros sagrados dos Aryas, cuja primeira redação parece ser o décimo quarto século antes de nossa era, parece no limite último das origens conhecidas e a bruma das idades remotas envolvem-nos em sua sombra.”

Ainda Flamarion no mesmo livro:

“Podemos ser anacronismo, ligar as ideias cosmogônicas da Índia às dos Hebreus. Os Aryas do seu lado, os semitas do outro, saíram provavelmente, da mesma origem e, se suas concepções religiosas respectivas divergem, esse contraste explica-se pelas diferenças dos países, das línguas e das instituições sociais do gênio dos povos.”

Com estas citações, queremos demonstrar que não pode haver dúvida em afirmar-se que tem sua origem na Atlântida, todas as raças que ainda constituem a maioria, desde a Ásia até as margens do Mediterrâneo, inclusive o Egito.

As diferenças de tipos raciais e mesmo de línguas, estão subordinadas, além dos milênios, a múltiplas causas: grupos étnicos da mesma língua, sem contato entre si, em um milhar de anos ou mesmo antes, estarão completamente diferenciados, modificados, em línguas, em costumes e mesmo em estrutura física racial, se a mesologia concorrer para isso.

Quanto à língua, não precisamos reportar-nos a mais de oitocentos anos. Vejamos as “Cantigas de Santa Maria”, de D. Afonso, o sábio; o “Leal Conselheiro”, de D. Duarte, este muito mais novo, e dir-me-ão os confrades, se as línguas são ou não, como tudo, sujeitas a transformações radicais, absolutas, conquanto deixem incógnitas, pontos de semelhanças que as vão ligando indefinidamente, denunciando a origem primária e mesmo longinquo parentesco.

CAPÍTULO III - O HOMEM E A CIVILIZAÇÃO

J. L. Campos, ilustrado técnico de nosso Grande Novíssimo Dicionário, na “Revista de Língua Portuguesa”, n. 33, sobre a evolução na arte de escrever, referindo-se ao desenvolvimento da escrita em diversos povos, disse:

“Ideólogos eram inúmeros hieróglifos egípcios e hititas; ideogramática a grafia cuneiforme dos assírios e persas; ideográfica a escrita dos chineses, dos astecas e de vários povos americanos.”

Todos esses povos subordinados ao grande império teocrático, o que se pode crer pela relativa proximidade do lendário continente. A semelhança da pré-história americana com a desses povos, fortalece a nossa conjectura de que este continente (América) pertenceu à Atlântida. Diversos escritores que se têm ocupado desses estudos, vêm nos mostrando a semelhança etnográfica e glótica desta parcela da Atlântida, com velhos povos da velha civilização. A semelhança de línguas, monumentos, cerâmica, raças, e etc. da América com a dessas partes do Planeta, confirmam relações de vizinhança e parentesco.

A Ásia Meridional, orla e ilhas do Mediterrâneo, bem como o Egito, teriam sido subordinados a essa grande potência pré-histórica.

As conjecturas vão encontrando apoio em todos esses fatos acentuando a possibilidade de que, do grande continente atlântico se disseminou a civilização por larga extensão do Planeta.

Terá sido a Atlântida o Éden terreal onde a raça humana terá balbuciado os primeiros vagidos. Berço do homem a civilização nele teria surgido, irradiando-se por todas as direções.

Há entre gráficos desses povos muitos perfeitamente iguais e outros semelhantes denunciando igual procedência...

Também os tipos raciais desses agregados humanos, teriam origem na Atlântida. Egípcios, Assírios, Persas, Hititas, dali terão saído,

uns pelo mar Vermelho, outros pela Ásia Menor, donde se irradiam, pelas costas do Mediterrâneo. Predominando pela prioridade de largos milênios, a raça mongólica espalhou-se por todo o mundo conhecido: norte, oeste, leste, com procedência da Atlântida.

CAPÍTULO IV - O IMPÉRIO INCÁICO

O grande Império Incaico terá sido seu centro na América, onde, em Santiago del Estero, México e Peru principalmente valiosas descobertas arqueológicas têm sido encontradas. Também no Brasil, Colômbia e em outras terras americanas, importantes achados arqueológicos, comprovam a admirável civilização atlântida.

Pensamos acertado, atribuir à Ásia Menor, do mar Vermelho ao Golfo Pérsico, e ao sul da China, as primeiras terras povoadas pela Atlântida, e ali se desenvolvendo, passou para o Egito, Creta, mar Egeu e outros centros nas costas norte e oriental do Mediterrâneo.

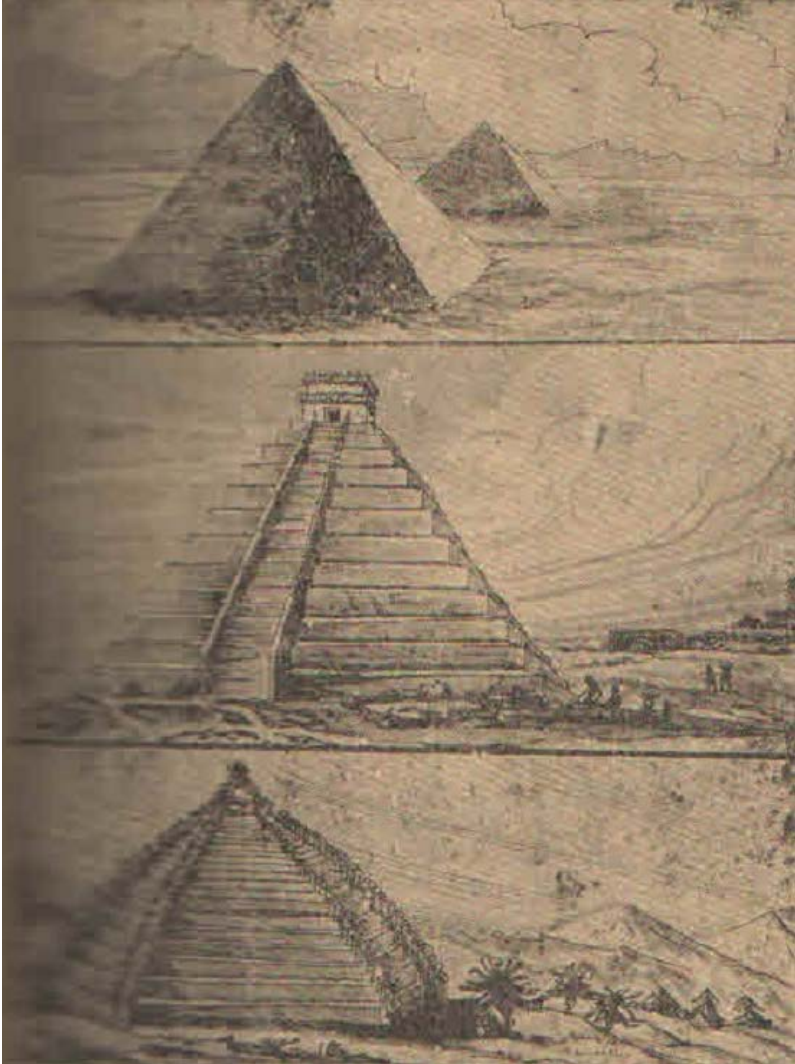


Figura 6 Pirâmides egípcias e americanas



Figura 7 Cerâmicas – egípcia e americana, caracteres simbólicos no Brasil, México, China e Egito

Mais tarde, talvez possamos desfazer a ilusão que parece ter obumbrado o espírito de velhos escritores, quanto a fazem de Creta o centro do continente desaparecido. Grécia como Egito, Ásia Menor, Ásia Meridional, Índia e provavelmente outros velhos centros, chegaram a ser adiantadas circunscrições subordinadas a Atlântida que, tudo faz crer, fosse o centro máximo da civilização pré-histórica, esfacelada dez ou mais milênios antes de Cristo.

A América terá sido o bloco privilegiado, a que coube as maiores demonstrações dessa primeira civilização.

A memória dessa época e desses povos, naturalmente, o tempo que tudo destrói, atirou para o olvido, como no olvido estarão grandes cousas e grandes fatos, mesmo dos primórdios da história.

Quanto à extensão em que tenha predominado a civilização atlântida, os fatos estão demonstrando que, desde a Terra do Fogo até o extremo norte, onde, como cá, a arqueologia tem penetrado e descoberto cabais demonstrações da Vida e progresso, fazendo compreender que a Atlântida, possivelmente por longuíssimo tempo só, sobre as águas, a sua área teve excesso de população, ocupando quase toda a terra descoberta. Com a emersão do sul e ocidente da Ásia e da África, todas estas terras ao sol, teriam sido logo povoadas pela Atlântida, o sul da Ásia primeiro, depois o Egito, Ásia Menor até o Ocidente (costas mediterrâneas) distendendo-se assim, o excesso da população atlântica.

Conquanto haja no que vamos dizendo, verdades irrefutáveis, também há hipóteses, conjecturas, ficções e possibilidades, pois, tudo que se disser da existência do homem e das civilizações que tenham passado milênios, paira no espírito humano como puras hipóteses, na teia da dúvida, entre as quais algumas chegarão à realidade, outras, jamais.

CAPÍTULO V - CIVILIZAÇÃO AMERICANA

No terceiro livro da “Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul”, do ano de 1938, na apreciação por Ângelo Guido, de “La Stnografia antigua de Santiago del Estero y la llamada civilizacion Chaco Santiagueña”, por Antonio Serrano, lê-se:

“Segundo os Irmãos Wagners, o conjunto do material por eles exumado, corresponderia a uma antiquíssima civilização já desaparecia muito tempo antes do descobrimento da América.

Tratar-se-ia, diz Antonio Serrano, resumindo as ideias dos Wagners, de uma civilização mãe tão antiga, pelo menos, como as mais antigas asiáticas com as quais têm estreitas analogias.

Corresponde a um império teocrático e monoteísta, que estendeu seus domínios até para lá do rio Paraná.

Os irmãos Wagners foram levados a essas conclusões pelo estudo do simbolismo dos motivos decorativos e as próprias formas da cerâmica por eles descobertas e por correlação desses motivos como os trabalhos artísticos de Tróia, Ur, Micenas, Creta e etc., concluíram que devia haver uma relação entre o chamado Império Teocrático – Chaco – Santiagueño e as velhas civilizações da Ásia Menor, de Creta, de Micenas e Tirinto”.

Pelo que a arqueologia tem descoberto, pode-se presumir que essa civilização não só passou o rio Paraná como terá exercido sua influência em todo o litoral no interior da América do Sul, bem como na do Norte, visto que, constituíam um único bloco, outrora ligado à Austrália e a outras remanescentes da Atlântida.

Segundo “Artes Ameríndias” do professor Jorge Bahlis, na Serra do Mar, próximo ao Salto do Inferno, entre Curitiba e Paranaguá, foi encontrado por viajantes, um monumento de alto valor histórico, representando uma mulher sentada, em atitude meditativa.

Não será esse monumento uma prova de que essa velha civilização do grande Império Teocrático tenha deixado em toda a América vestígios de sua existência?

Penso que mesmo na Patagônia e vertentes dos Andes, serão encontrados sinais dessa extinta civilização. Esse grande Império Teocrático deve ter dominado sobre vasta área, mesmo fora do continente, para que sua influência atingisse populações tão afastadas entre si: “Toda a Atlântida, povos do Mediterrâneo, Ásia e Egito, atingidos pelo grande Império Teocrático e, certamente pela primeira civilização, em declínio quando tenha ocorrido o cataclismo da Atlântida, berço do primeiro homem como da civilização.

CAPÍTULO VI - PALEONTOLOGIA

Em artigo do Sr. Carlos de Paula Couto, sobre a “Paleontologia do Brasil” publicado na “Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul”, lê-se:

“No sul do Brasil distingue-se primeiro a flora dos *Glassoptéres*, característica da chamada terra da *Gondwana*, segundo crêem alguns geólogos (nota), se estendia do Brasil à Austrália, sem *interrupções prováveis*, (o grifo é nosso); depois os *Gangameptéres* arborescentes como os *glossoptéres*.

Nota 14: O geólogo Wagner aventou ultimamente uma hipótese sobre antigas ligações intercontinentais. Segundo este autor os continentes atuais formavam no fim da era primária, um continente único no meio do mar universal. Esse continente único primitivo, depois de sofrer cisões e subdivisões, no decorrer de muitíssimos milênios teria dado formação aos atuais continentes.

A América do Sul ter-se-ia, assim, destacado da costa ocidental da África, na era terciária (Nossas objeções em nota abaixo), separando-se a Índia, por seu turno, da costa Oriental.

Na era quaternária a fossa atlântida ter-se-ia alargado, continuando o desvio progressivo das massas continentais. Para explicar a possibilidade de tais derivações continentais, supõe ainda Wagner a existência de um leito basáltico sub continental que, encontrando-se em alta temperatura, poderia servir como elemento

de flutuação dos continentes, devido sua provável viscosidade.”

Nossas objeções:

Conquanto leigos, discordamos desta opinião de Wagner. O continente americano terá sido atirado do Sul da Ásia, isto é, das proximidades, e não da Ásia ocidental. Parece-nos inadmissível a ideia do desprendimento da Atlântida, do ocidente da África, e o desprendimento da Índia, do oriente do mesmo continente. Achamos infundada tal suposição, porque, parece que a América jamais poderia ter pertencido à África. Há razões que se opõem a essa hipótese e a principal é a raça encontrada na América, raça inegavelmente mongólica... E basta esta circunstância contra a hipótese de ter o nosso continente se desprendido do ocidente da África; Outra suposição inadmissível, é ter a Índia se desprendido do oriente da África; a Índia ainda não saiu do nascedouro: Está agarradinha à mamãe China, bem no sul da Ásia, e tão presa às saias maternas que, mesmo emancipada dali não sairá.

CAPÍTULO VII - A AMÉRICA DO NORTE

Não estranhem os leitores a falta de referência à América do Norte, sendo essa parte do continente, irmã gêmea da do Sul.

Cremos encontrar-se-ão ali, demonstrações pré-históricas, ou já as há, descobertas entre os seus pesquisadores. Devemos esclarecer que, se não temos aludido, neste trabalho, à pré-história da América do Norte, é porque, infelizmente, nada temos lido sobre nosso tema, referente a esta nossa irmã, ao mesmo tempo emersa no mesmo bloco terrestre, conjuntamente berço do primeiro homem e ambas colaboradoras e testemunhas da primeira civilização pré-histórica. Além disso, vítimas da mesma catástrofe geológica, atiradas no mesmo turbilhão, do sul da Ásia para o oriente, estacionadas onde se acham como xipófagas presa uma à outra, por essa cinta pétreia que se chama Panamá, e são também xifópagas moralmente pelo mesmo espírito de solidariedade continental, dia a dia mais saturadas do sentimento fraterno, no caminho do Progresso, no seio da civilização e da Ordem.

Também sobre a pré-história de nossas irmãs latinas muito pouco temos lido referente ao nosso assunto. Se realizarmos o nosso desejo de ampliar este trabalho, remodelá-lo, corrigi-lo, fá-lo-emos depois de possuímos mais desenvolvidas notas pré-históricas, pois que, a pré-histórica Atlântida assinala o primeiro marco da pré-história da humanidade.

Se no correr deste trabalho, antes de pôr-lhe o ponto final, algo nos chegar ao conhecimento sobre a nossa tese e referente à América do Sul ou do Norte, a nossa pena gostosamente, tratará das repúblicas irmãs. Pertencemos ao mesmo bloco arrojado a esta longitude, entre o Pacífico e o Atlântico, quase atravessando um hemisfério de norte a sul, como que assinalando um pedaço do Planeta, onde os ódios não criam raízes e os mal-entendidos, céleres se compreendem pela Concórdia – o maior Bem que pode facilitar a Humanidade.

CAPÍTULO VIII - SÍNTESE RETROSPECTIVA

Na Atlântida, onde primeiro, a Terra em larga gestação recebeu o sopro criador da Vida, depois de numerosas metamorfoses na Atlântida surgiu o rei da criação – o Homem...

Depois, decorreram milênios, durante os quais as exigências da luta pela existência, foram disciplinando a alma, adestrando-a no espírito e no coração, e a civilização teve sua gênese... e os tempos passaram... A população já vultosa, superlotando toda a superfície habitável, foi sendo elemento primário da Ásia próxima que se iria levantando sobre as águas. As populações atlântidas e asiáticas seriam já numerosas quando, depois de milênios, no Cáucaso já ao sol, surgiu a raça branca, subordinada aos mesmos princípios de formação.

Largos anos se escoaram, quando, na África, emersa milênios antes do Cáucaso, surgiu a raça negra, tardia em consequência do movimento circular dos Pólos.

A emersão de terras se foi processando vagarosamente, até que, de Pólo a Pólo vasta porção do Planeta estaria à Luz.

Possivelmente, os últimos ancestrais do homem, tendo completado o ciclo de sua existência, teriam desaparecido. As raças até então criadas – amarela, branca e negra – constituindo volume apreciável, se foram confundindo, em todas as direções, com tipos outros até ali criados, predominando, ao certo, a amarela, pela prioridade e decorrente volume. Então, a civilização já desenvolvida por extensas terras asiáticas, mediterrâneas e egípcias, pavorosa revolução geológica arrebatou o vasto continente atlântido, do qual, um grande bloco atirado para o oriente-norte, deu-nos a portentosa América, hoje símbolo da Concórdia e da Paz.

Encerrando esta Segunda Palestra sobre a Atlântida, não damos por terminada a “Imaginária digressão pelos campos da Lenda”, pois sentimos que no horizonte as nuvens vão tomando aspectos de realidade.

Voltaremos a ampliar a área de nossa exposição que, temos esperanças de terminar, deixando por epílogo – um feixe de realidades sobre o enigma da Atlântida.

À Terceira Palestra, daremos o título de: Nuvens em dispersão.

Terceira Palestra - Névoas em dispersão

CAPÍTULO I - CONJETURA IMPROVÁVEL

De um artigo do Sr. Carlos de Paula Couto, publicado na “Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul”, extraímos o seguinte:

“A formação geológica do Rio Grande do Sul, é muito similar a da África do Sul e os animais fósseis são particularmente em muitas instâncias, os mesmos. “(Da entrevista com o Dr. Price, paleontologista de renome)”.

Para muitos esta opinião pode significar que, da África terá saído o continente americano; nós, porém, mantemos ainda a hipótese de que, conquanto das proximidades orientais da África, o nosso continente terá vivido da Atlântida lendária. A proximidade à África, já notamos com o aparecimento da cerâmica egípcia em Santiago del Estero, na República Argentina. Não nos surpreende, pois a semelhança de tipos paleontológicos brasileiros com os da África meridional, pois, até com exemplares encontrados na terra dos Gonds (Gonduana) no interior da Índia, tem se encontrado semelhanças na América. Há, ainda, entre outras, as seguintes objeções à hipótese do desprendimento da América do ocidente da África: A sua posição no Planeta; o pequeno número de arquipélagos e ilhas entre a África e a América no oceano Atlântico; e sobre tudo a multidão de arquipélagos e ilhas entre o oriente da África, sul da Ásia e espalhadas, abundantemente, até quase o sul do mar de Behring constituindo a Oceania.

Não é de supor que alta porção de terras fracionadas tenham, em sua maior parte ou toda, pertencido ao continente esfacelado? Parece provável. Conquanto a paleontologia demonstre similitudes acentuadas entre a América e a África, não vemos provas evidentes de que a América tenha se desprendido da África da época do aparecimento do homem para cá.

Assemelham-se os tipos etnológicos americanos encontrados pelos descobridores, mais com a raça asiática a partir das costas orientais da Ásia. – Por que? – Já conjeturamos terem sido os primeiros habitantes da Ásia, oriundos da Atlântida, muito mais antigos que os da África.

CAPÍTULO II - PELA TESE INICIAL

Em “A Legenda e a História da Maçonaria” do escritor pernambucano, Manuel Arão, lê-se em nota:

“A existência da Atlântida sempre foi objeto de numerosas controvérsias, sendo, pela maioria, relegada ao domínio lendário.

A Atlântida teria sido um imenso continente confinando de uma parte com a Lemúria e de outra com a África e a Europa, então em via de formação e que não existiam senão em estado de ilhas.

O arquipélago Polinésio seria os destroços de uma terra intermediária entre a Lemúria e a Atlântida, outro tanto se podendo dizer quanto à ilha Formosa, das Sandwichs, ao sul do arquipélago Japonês, constituindo a América atual em parte o restante do continente desaparecido, sendo que as Antilhas, as Canárias, os Açores, a Madeira e o Cbo Verde, manifestariam os vestígios de seu contato com a Europa e a África.

O grande deserto do Saara seria um imenso mar que deveria submergir grande parte do continente africano e todo o baixo e médio Egito.

De fato, as tradições da Atlântida na antiguidade, permaneceriam vivas em todos os grandes homens e civilizações, mencionando-as as origens hindus, egípcias, e americanas, e a elas referindo, por vezes, Platão, Aristóteles, Diodoro, Plutarco e Proclis.

Os descendentes mais diretos da Atlântida teriam sido os Incas e os Tolteques de que se encontram vestígios na Índia, Blinésia, África e mesmo na Europa.

Sobre a civilização Maia existe um documento que relata o desaparecimento da última ilha atlântida e que se conserva no Museu Britânico.

As obras de Ignatus Donelly (Atlântis World), Eliot (de l'Atlântique) e M. Sanuer (Le Legente dês Symboles), fornecem preciosas informações a respeito.

Saunier trata do assunto positivando-o em apreciações artísticas e históricas que, a adotar-se o seu critério, vamos encontrar nesse misterioso continente engulido por formidável cataclismo, as recordações mais vivas de todos os mistérios da antiguidade.”

Da nota que acabamos de transcrever, narrações há contrárias ao que conjecturamos no correr de nossa *Digressão*. Esclareçamos os diversos pontos em divergência: Ao lermos com atenção a *Nota* de que tratamos, achar-se-á incoerência na posição em que é colocada a Atlântida, sendo atribuída a esse continente, posição entre a Lemúria ao ocidente e a África e a Europa ao oriente, e acrescenta ainda uma terra que teria desaparecido, deixando como destroços – Japão, Formosa, Polinésia, Sandwich. Estes arquipélagos e ilhas estão situados no oceano Pacífico ao sul da Ásia, muito afastados do lugar que aquela *Nota* atribui à Atlântida, pelo oceano índico ao oriente da África e por diversos arquipélagos e ilhas da Oceania. Ainda na mesma *Nota*:

Os descendentes mais diretos da Atlântida teriam sido os Tolteques e os Incas de que se encontram vestígios na Índia, Polinésia e mesmo na Europa.

Esta opinião contrasta com a ideia da Atlântida nas costas ocidentais da Europa e da África. Quem ler com atenção a aludida *Nota*,

encontrará discordância, incoerência até, na posição dada ao bloco atlântido, com a de seus remanescentes no Pacífico. Cremos, entretanto, serem os Tolteques e Incas, procedentes da Atlântida, visto que, são mongóis.

Como pensamos, a raça mongólica, partindo da Atlântida, passou para o sul da Ásia, irradiando-se a todas as direções e se desenvolvendo pelas costas do Pacífico e do Índico, mares Mediterrâneos e Vermelhos, norte da África, arquipélagos e ilhas do Pacífico, fundindo-se com a raça negra no ocidente, e, no norte com a raça branca, uma e outra, então já em pleno desenvolvimento, conquanto hajam aparecido muitíssimo tempo depois, visto que a raça amarela foi a do primeiro rebento humano que viu a luz no lendário continente, berço do primeiro homem.

Japão, Formosa, Polinésia, Sandwich, como outros arquipélagos e ilhas do Pacífico são destroços da Atlântida e não da *terra entre Lemúria e Atlântida no Oceano Atlântico ao ocidente da Europa e da África*, notando-se que a nossa Atlântida terá emergido no sul da Ásia e dali, a formidável catástrofe a subdividiu. Lemúria e essa outra *terra* a que se refere a *Nota* serão outras lendas mais obscuras que a Atlântida, que vai da noite dos tempos surgindo na Aurora, da realidade. A Lemúria daremos capítulo especial, procurando ressurgir-la, deixando essa outra *terra*, na lenda onde permanecerá, pois, não vemos possibilidade de romper a bruma que a envolve. Açores, Madeira, Canárias, Cabo Verde, pertencem às costas ocidentais da África e da Europa, afastadas dos destroços da Atlântida espalhados no oceano Pacífico.

Jamais esses arquipélagos e ilhas poderiam ser destroços da Atlântida, no oceano Atlântico, com Formosa, Polinésia, Sandwichs e Japão no oceano Pacífico. Fica assim desfeito o trio lendário da Atlântida, Lemúria e essa outra *terra* inominada que colocam no Atlântico. O que é real é a Atlântida no Pacífico, e admissível a Lemúria no Atlântico. Essa outra *terra* inominada, ficará como ficção, nuvem que os tempos levarão para o olvido.

Também sobre o Saara, a nossa conjectura exposta na primeira Palestra, se opõe à opinião constante da aludida *Nota* que diz:

“O grande deserto de Saara, um imenso mar que deveria submergir grande parte do continente africano e todo o baixo Egito.”

Entretanto, do continente africano, parece que nada submergiu e o baixo Egito lá está até a confluência do Nilo no Mediterrâneo, ostentando o multimilenário delta. O *imenso mar que devia submergir grande parte do continente africano e todo o baixo Egito*, teria sido engolido, sendo hoje o grande deserto de areia que lhe terá levado o mar diluviano que depois de desolar vasta zona, talvez próspera, talvez civilizada, transformou-a no extenso areal que o simoum revolve e transforma.

CAPÍTULO III - A ANTIGUIDADE DA ATLÂNTIDA

Já fizemos referência à alta antiguidade da Atlântida, atribuindo-lhe o berço da humanidade e, portanto, donde teria irradiado a civilização da Ásia, do Egito e das costas do Mediterrâneo, inclusive a Grécia. Também pode atestar a prioridade da Atlântida o volume da população da Ásia, certamente a primeira terra que lhe recebeu a colonização já com desenvolvida cultura. A velha civilização asiática terá sido o primeiro rebento da cultura humana, depois da Atlântida. É isto provável porque a Ásia, era a terra mais próxima daquele continente, cuja península a Gondwana, seria muito próxima de terras asiáticas. Parece que isto se confirma ainda hoje, com a existência, no interior da Índia, da *terra dos Ganges*, por certo, procedentes daquela península atlântida, dali emigrados catastroficamente, salvando-se da derrocada do continente disperso.

A extensão das zonas onde predominava a raça asiática, ou mongólica e suas sub-raças, procedente da Atlântida, faz crer que o continente atlântido emergiu muitos milênios antes de outras terras, como justificam seus destroços, principalmente a América, onde, em toda a parte, há provas de populações civilizadas, parte das quais, provavelmente, por milênios de isolamento e a dispersão, voltaram ao barbarismo. Poder-se-á pensar que um continente em desenvolvido estado de progresso, populoso, e tendo já disseminado populações civilizadas pela Ásia. Egito e costas mediterrâneas, não podia estar fora da memória dos povos que o sucederam.

Convém lembrar a hipótese de que o desaparecimento da Atlântida terá ocorrido a dez, doze ou mais milênios que passam como esponja, varrendo da memória a lembrança do passado, de que, entretanto, a arqueologia denuncia a existência de povos e civilizações, como acontece com a esfinge do Salto do Inferno, no rio Ipiranga, próximo ao lugar denominado – Véu da Noiva – entre Curitiba e Pararangá, ereta em lugar de difícil acesso, encontrada em 1935 por viajantes que acidentalmente ali estacionaram.

Desta estátua, ao certo pré-histórica, não se conhece a idade. Essa estátua, figura ou símbolo representa uma mulher sentada de feições bem delineadas, com a altura de três metros ou mais, e uma atitude meditativa. Essa estátua será um enigma a decifrar, não só por sua atitude, como pelo lugar de difícil acesso em que se acha. Como monumento devera ser levantado em lugar público e encontrar-se nas proximidades, sinais da existência de atividade e progresso. Se monumento fosse, poder-se-ia conjecturar, houvesse em eras remotas, revolução geológica que, causalmente, respeitasse essa estátua ou símbolo. Talvez a própria catástrofe geológica da Atlântida fosse a causa dessa estranha localização, ou essa figura significasse símbolo de alguma sociedade secreta que nesse ermo se reunisse para seu conciliábulo. O que é certo, é que isso é mais um enigma que atesta a velhice deste continente.

A notícia dessa estátua encontra-se em “Artes Ameríndias” excelente livro do professor Jorge Bahlis, onde os confrades encontrarão, como em outros livros do mesmo autor, valiosas informações sobre a antiguidade da América.

A um amigo que viajava, para Curitiba, fizemos ciente da existência dessa figura ou monumento. De volta daquela capital informou-nos ele que, ilustrado homem de letras lhe dissera que essa figura é muito tosca – uma pedra bruta cujos contornos se parecem com figura humana.

Aqui deixo esta informação mas, observo que a fotografia publicada em “Artes Ameríndias” apresenta perfeito perfil de mulher sentada e meditativa; entretanto, não julgo, porém a exposição do professor Jorge Bahlis, trás a fotografia tirada pelo Dr. Evaldo Schierer, publicada no “Correio do Paraná” que a enviou ao referido professor. Sobre a aludida figura, lê-se no citado livro:

“Essa obra de alto valor artístico não podia ser trabalho de nossos selvagens do tempo da Conquista, mesmo porque as feições são de uma raça diferente. Que artista teria executado essa colossal estátua?”

Alguns intelectuais quiseram crer nesta, uma obra fenícia ou grega – Que vantagem teriam fenícios ou gregos em executar uma obra de arte em lugar escondido? Depois, o monumento é tão perfeito que não podia ser concluído em pouco tempo.”

Em vista disto, é provável que o ilustrado escritor paranaense se referisse a uma outra estátua efetivamente tosca que, disseram-nos, existe em Paraná.

Encerremos a diversão sobre estátua e continuemos.

Na “Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul” volume terceiro de 1939, em artigo do professor Walter Spalding, vemos confirmada a nossa hipótese de ser a Atlântida o berço da humanidade. O artigo aludido reforça essa conjectura, atribuindo ao Estado de Minas Gerais – Lagoa Santa – o local exato da existência do primeiro homem.

O crânio da Lagoa Santa assemelha-se ao das Tolteques, raça originária da Atlântida. Lembramos esta circunstância para corroborarmos a nossa conjectura sobre a procedência de nosso continente. Vejamos o que diz o professor Spalding, em seu citado artigo:

“Em palestra com um amigo os; rontólogo e geólogo de grande mérito, concordamos na possibilidade de ter sido a terra berço do ser humano o atual Estado de Minas Gerais, e “Lagoa Santa” o lugar exato, pois, se considera o homem da “Lagoa Santa” descoberto por Peter Wilelm Lund, o espécime mais antigo do homem até agora encontrado. Nem a raça dita de Piltowen cujos famosos restos estudados por Osbon com muita fantasia, nem a de “Cro-Magnon” e nem de Neanderthal possuem traços mais primitivos do que esses crânios e restos que Lund descobriu e divulgou. Não queremos afirmar categoricamente, mas, duvidar quem pode? Quem será capaz de garantir com documentos, ser fantasia pura colocar-se o bíblico Paraíso em Minas Gerais? Como afirmar? Como negar?

Falando a esse respeito com um jovem sacerdote de grande cultura, ainda com a teologia fresquinha na cabeça, respondeu-nos que podíamos afirmar ter sido Minas Gerais, coração do Brasil, o berço da humanidade, contanto que provássemos ser o “homem da Lagoa Santa” o mais velho dos homens fosseis

até hoje encontrados. E isso parece estar estabelecido com mais ou menos rigor”.

A história do homem remoto está em penumbra hipotética: Jamais a mente humana poderá afirmar como fato incontestável, acontecimentos ocorridos a longos milênios. Mesmo a partir da época em que o estado do progresso permitiu a ereção de monumentos e outras demonstrações de cultura, ainda por milênios a tradição ir-se-á despindo de recordações de acontecimentos que os monumentos não perpetuem. O que sabemos, o que se pode afirmar de fatos anteriores a seis, dez, quinze ou mais milênios? – Nada mãos que conjecturas que, mesmo a arqueologia não pode mostrar senão nuvens se dissipando dia a dia, na noite dos tempos, salvo fatos de que a realidade afaste o véu do desconhecido; e monumentos que não possam denunciar a própria idade, são documentos de valor relativo: Podem ser de notável estrutura, mas, se esta é insuficiente, para cálculo de sua época, a utilidade é precária para conhecimento da idade, porque lhe falta poder determinar a época de sua ereção. Quando mesmo de novos tempos, parte dos fatos passados, se vão apagando de memória, desaparecendo do rol dos acontecimentos dignos de menção, o que se poderá dizer de real sobre a pré-história de épocas que se foram a longo tempo? – Pouco e incerto! ...

CAPÍTULO IV - EVOLUÇÃO RACIAL E POPULAÇÃO

Emitamos nossa opinião sobre as raças e isto fora de quaisquer cogitações científicas. Os leigos têm também o direito de pensar, pois, a intuição não é privilégio dos sábios, máxime nos casos em que os próprios sábios conjeturam, deixando suspensas afirmações definitivas. Julgamos que as diferenciações estão subordinadas à mesologia, costumes, meios de vida, climas e sobre tudo à origem. Não se pode desprezar este elemento vital, sem esquecer circunstâncias que possam impor a ação de outros elementos transformadores. Em quais casos, essas transformações não afetam totalmente os característicos raciais. O fundo étnico sempre se denuncia, mesmo ante sensíveis coisas modificadoras. Insistamos, pois, na fonte racial do homem, em primeiro lugar, quando na determinação de seus traços étnicos, não esquecendo que a mesologia tem forte ação na formação dos indivíduos, não só quanto ao físico, como quanto ao caráter.

Quanto ao volume da população, quando se tenha dado o cataclisma, é demonstrado, não só pela Ásia povoada pela Atlântida, como por outras circunscrições colonizadas pelo grande continente: Egito, Ásia Menor, Grécia, norte e sul do Mediterrâneo, além da Índia e da China que terão sido as primeiras procuradas pelos atlântidos, visto que, a Atlântida seria pouco afastada da Ásia.

Berço do homem e única ao sol desde longas eras, a Atlântida teria chegado a contar excesso de população. Ao emergirem novas terras que ir-se-iam levantando de sul a norte, o excesso da população atlântida teria logo colonizado o sul da Ásia, bem como o ocidente e, depois o Egito pelo mar Vermelho, e orlas do Mediterrâneo, visto que essas terras seriam já povoadas quando tenha ocorrido o cataclismo.

A raça de antropóides antecessores do homem, teria, a milênios, completado seu ciclo de existência e desaparecido.

CAPÍTULO V - O BRASIL E A ATLÂNTIDA

Casualmente, chegou-nos às mãos o número de 14 de novembro de 1935, da revista “O Malho”. Traz este número um artigo do Sr. Matos Pinto, sob o título acima.

Pensamos ao lermos o sugestivo título, encontraríamos substancioso apoio à nossa convicção de que existiu, realmente, o lendário continente, localizado ao sul da Ásia, sendo berço do homem e da civilização, e que, catastrófica calamidade o havia atirado para oriente, constituindo a América – o maior bloco disperso; entretanto, na segunda parte da extensa apreciação sobre a existência do lendário continente, embora, apenas memorando possibilidades, fortalece de algum modo o que aqui temos lançado. Um ponto, porém, que nos parece estamos quase sós, é a localização ao sul da Ásia – a catástrofe constituindo a Oceania – a propriedade de ter sido o berço do homem e da civilização bem como da mais vultuosa raça humana, e da prioridade sobre as águas.

A Atlântida, velha lenda e velho tema abordado por velhos e novos escritores, parece ter saído das brumas lendárias para o rol das cousas concretas, reais... mas, a existência apenas, desse pedaço do Planeta: Estarão ainda na penumbra a localização original e diversos outros aspectos que pairam no terreno hipotético, para muitos.

Das hipóteses, a mais insistente pela adaptação aparente dos contornos orientais da América aos contornos ocidentais da África, é que, desta ter-se-ia desprendido aquela. No presente trabalho já dissemos inadmissível esta hipótese: Mantemos a convicção de que a Atlântida teve origem ao sul da Ásia.

É ocioso repetir que a Atlântida é pré-histórica de largos milênios antes de Cristo, e teria emergido do mar universal, possivelmente, na segunda metade do período secundário.

O nosso trabalho, atrás referido, é fruto mais de hipóteses, que de recolta em obras de sábios e de escritores, quanto à localização, origem e outros característicos, sobre o que o nosso pensamento diverge em absoluto, isto sem pretensão de fazer obra de mérito, embora sobre alguma cousa na caiba originalidade.

Não cremos no dilúvio bíblico, nem em outros anteriores à grande catástrofe da Atlântida: A própria catástrofe deste continente, terá ocasionado o grande dilúvio que teria sido imediata consequência dessa calamidade que invadiu extensas zonas em todo o Planeta.

A ação dessas invasões de águas marítimas sobre os continentes, terá sido de penosos efeitos, pelo fluxo e refluxo das águas que, devido à magnitude dessas duras ocorrências, ter-se-ão normalizado demoradamente, deixando a devastação nas terras atingidas.

CAPÍTULO VI - SEGUNDO WEGNER

Dando mais amplitude à nossa exposição, lembramos que, talvez em alta temperatura, segundo Werner, o possível fundo basáltico do continente disperso, tenha concorrido eficientemente, para a sua translação do sul da Ásia para o Oriente. É possível a hipótese do fundo basáltico em altas temperaturas, como elemento flutuador, acrescido do presumível incêndio subterrâneo que tenha provocado essa debandada geológica, a mais pavorosa, ao certo, que o Planeta tenha suportado.

Essa multidão de fragmentos de terra, grandes e pequenos, espalhados em larga extensão do Pacífico é suficiente prova dessa formidável explosão. Provavelmente, a lenda diluviana vem dessa realidade pavorosa.

Por ocasião dessa assombrosa dispersão, os maiores blocos ter-se-iam mantido, graças ao fundo basáltico superaquecido pelo incêndio interior, concorrendo ainda para manter a unidade de cada bloco em flutuação. Se não fora o fundo basáltico, possivelmente a América e a Austrália seriam também pequenos fragmentos.

Em abono da localização da Atlântida ao sul da Ásia, há ainda uma circunstância que pode comprovar a deslocação dos blocos que constituem a América, a Austrália e a Oceania: é a profundidade do oceano Pacífico, quase plano, sem notáveis elevações, ao contrário de outros oceanos de fundos acidentados, fazendo crer que daquele oceano ter-se-ia desprendido a Atlântida.

Julgamos inadmissível ter a América se desprendido da África, como pensam muitos. A etnologia conspira-se contra essa hipótese, pois, a semelhança etnológica e também botânica das terras americanas, quando descobertas e até hoje, com as da Austrália, Oceania e sul Ásia, corrobora e aproxima a estrutura de nosso continente e dessas partes do Planeta.

Vejamos um comprovante mais: Lendo agora, “A Saudade”, conferência de Cláudio de Sousa, dei com o vocábulo – Nelumbo – sobre o qual diz Caldas Aulete: Nelumbo – S. M. (bot.) gênero de plantas

herbáceas (nebumbian) *naturais da América e do sul da Ásia*. (O grifo é nosso).

Antonio Serrano, referindo-se a trabalhos dos irmãos Wagners, já disse que a civilização *Chaco-Santiaguena* tem analogias com a civilização asiática. Atribuímos ser essa civilização contemporânea da do Peru e do México, mas, extinta aquela, quanto à população, pelo dilúvio decorrente da dispersão da Atlântida, cujas águas diluviais deverão ter atingido todo o sul da América.

É de crer-se que as ilhas da Páscoa, Galápagos e outras, tenham se desprendido das costas ocidentais da América do Sul, dentre o Peru e o Chile, quando essa parte fosse atirada para sul. Como na ilha da Páscoa, os arqueólogos encontrarão em Galápagos, demonstrações de civilização pré-histórica, semelhante as encontradas neste continente.

– INTERREGNO –

Permita-nos o leitor, ligeira divagação sobre caso que se relaciona com o nosso tema e, ao certo, milênios ocorridos depois da grande catástrofe, quando, no continente nem memória mais havia dessa calamidade. Eis o caso: Salomão, rei de Israel a construtor do grande Templo de Jerusalém, visinho e amigo de Kiran, rei de Tyso, informado da existência de ricas minas de ouro em Ofir, teria organizado expedições com marinheiros fenícios, para dali lhe trazerem ouro. Ofir estaria situado na ilha Brasilis, nome que teriam dado ao continente que os fenícios, possivelmente já conheciam, e pelo Amazonas atingiram ricas terras auríferas.

Hiran, por sua vez teria concorrido com notável arquiteto e com madeiras do monte Líbano, para a construção do Templo.

À Ilha Brasilis iam os navegantes, possivelmente partindo das costas ocidentais da Ásia Menor, em direção ao Atlântico, pelo estreito de Gibraltar, outrora – Colunas de Hércules e, dali ao rio Amazonas, nesse tempo conhecido por Solimões pelos fenícios que por ali iam a Ofir em busca de ouro. O nome de Solimões, primitivamente dado ao grande rio, não teria sido pelos fenícios, em consequência de andarem eles a serviço do grande rei? – É possível, e assim pensamos.

A posterior denominação de Amazonas, dada ao rio-mar, terá sido originada pela presença das Amazonas, mulheres guerreiras, cujo último *habitat* teria sido ao lado oriental do rio Negro, grande afluente do Amazonas.

No tempo dessas expedições fenícias, o continente americano seria já multimilenário e a catástrofe que o atirou a estas paragens, seria cousa morta na memória dos fenícios e coetâneos destas terras.

ENCERRANDO A TERCEIRA PALESTRA

Como vamos expondo por partes e colhendo, aqui ali, provas do que vamos dizendo, é possível que, de quando em quando, repitamos assuntos já tratados, pois, escritas estas Palestras quase ao correr da pena, aproveitamos quaisquer leituras com que topamos sobre o nosso assunto. Haverá, por isso, certa desordem no que vamos fazendo.

Depois de encerrarmos este trabalho que será longo, visto que, parece-nos, iremos encontrando vasta matéria, recomporemos com mais cuidado a “Imaginária digressão pelos campos da lenda”, fazendo a recapitulação, em que salientaremos o que de nossas conjecturas conseguirmos provar a realidade.

DILAÇÃO

Depois da Terceira Palestra, convencido de que carecia de tempo para elaborar a continuação deste trabalho, julguei dever aos confrades do “Grêmio Passofundense de Letras”, a justificação da demora que o assunto exige. Dedicamos-lhes, pois, a ligeira exposição que aqui vai como *Epílogo* das Palestras e *Preliminar* do prosseguimento da “Imaginária digressão pelos campos da Lenda”, a que vamos dar nova feição, porque outras figuras vão se aproximando do cenário, exigindo mais amplitude, mais detalhes.

Conquanto a existência da Atlântida seja, para nós, incontestável, devemos dar mais luz à sua localização no Planeta, translação, população, civilização, raça de que foi berço e a sua prioridade sobre as águas, isto é, a sua emersão.

Das conjecturas sobre os assuntos de que nos temos ocupado, principalmente nas duas últimas Palestras, depreende-se que estamos convencidos de que essas hipóteses aproximam-se da realidade, ou antes, julgamo-las suficientemente demonstradas.

Creemos que a Atlântida foi o primeiro continente que emergiu das águas eras esse continente terá sido único ao sol e, provavelmente, ter-se-ia desprendido de quaisquer ligações com a África e com a Ásia ao emergir, visto que estas terras teriam sua emersão muito tempo depois; cremos que a raça que se desenvolveu na Atlântida foi amarela, em consequência do que, é esta raça muito mais numerosa que qualquer outra; cremos que quando se deu a catástrofe, a primeira civilização estaria já desenvolvida na Atlântida, desde milênios, e já disseminado por grande parte da Ásia e de outras terras que houvessem emergido muito

tempo depois da Atlântida. Cremos em tudo isto, porém, para que fiquem melhor positivados esses fatos, precisamos colher mais convincentes dados, dando mais extensão a este trabalho, entrando em novas searas.

Ao lançarmos a Primeira Palestra, nosso pensamento foi apenas provar a translação do lendário continente, por isso, começamos por “Imaginária digressão pelos campos da Lenda”. O assunto, porém, levou-nos a várias leituras, dentre as quais fomos encontrando mais do que a existência da Atlântida e mais que a sua translação.

A antiguidade do continente e sua civilização nos foram passando pela imaginação e aguçando a curiosidade de perscrutar, além da translação de parte desse continente, tudo que o acompanhou nessa viagem do sul da Ásia para o oriente, constituindo o continente americano e a Oceania.

As hipóteses iam surgindo aos borbotões, e nossa pena corria como levada por duendes de eras mortas. Quanto mais líamos sobre esses motivos, mais nos crescia o interesse em achar a verdade nas conjecturas que nos assaltavam o espírito; então víamos sinais de realidade, na etnologia, na geologia e na botânica, como por vezes expusemos nas Palestras referidas. A cada passo, um raio de luz abria diante de nossos olhos, um ponto a desvendar, uma hipótese a provar. Então, além da existência da Atlântida, a sua translação já nos parecia fato incontestável, fora de controvérsia. As demais conjecturas já surgiam como provadas realidades. Sobre elas continuaremos as nossas lucubrações, no intuito de confirmarmos o que dissemos no fim da Segunda Palestra: “Temos esperança de terminarmos, deixando por epílogo, um feixe de realidades sobre o enigma do pré-histórico continente.”

Cremos que no fim desta *Digressão*, poderemos apresentar o lendário continente, com todas as conjeturas referidas concretizadas em realidades visíveis, incontestáveis.

Depois das três Palestras que encerramos, a interrupção será mais ou menos longa, pois, é indispensável reunirmos material para o prosseguimento da exposição começada. Com isto, os confrades descansarão das desluzidas orações dos velhos gremistas, pois, infelizmente, a nossa exposição não tem os arroubos da retórica erudita, nem é entretecida de atraentes atrativos literários, para prender a atenção dos ouvintes, com a erudição e graça do saber. A rude exposição não

pode enfeixar as belezas que só os sabedores conhecem. Não temos aptidão literária para escrever, nem o vigor da palavra para falar. Expomos simplesmente o que pensamos, o que conjecturamos, o que nos parece possível sobre o nosso tema.

Finalmente: *Epílogo e Preliminar*.

Acharão os confrades, estranha a antítese: uma dilação prestar-se para *Epílogo* e também para *Preliminar*. *Fim e Princípio: Fim*, como razões para interrupções: *Princípio*, justificando os motivos da nova roupagem com que entrarão em cena os mesmos atores e outros que possam vir se aproximando do cenário.

Acrescentamos, entretanto, que assunto de nosso tema, possivelmente, como até aqui, de vez em vez, chamados à cena, ora propositadamente, na apreciação de opiniões divergentes ou não, ora distraidamente, porque, não escrevemos com o cuidado com que se escreve um livro, relendo, revendo corrigindo, ampliando, suprimido, com tempo, gosto e sabor: Escrevemos *por amor à arte*, ao correr da pena, sem ocuparmos-nos demasiado com a estrutura da obra. E basta para *Epílogo e Preliminar*.

PENSAMENTOS

Ao encerrarmos a primeira parte desta obra, ocorreram-me os seguintes pensamentos, que alguma relação tem com realidades aqui expressas. Ei-los:

– As línguas transformam-se insensivelmente, no mesmo meio e praticadas pelo mesmo povo: É questão de tempo.

– Os costumes modificam-se pela mesologia, pelas circunstâncias em que o homem se move para viver, pelo contato com estranhos e por mil exigências impostas pela agitação ordinária do indivíduo.

– Os sentimentos da Fraternidade humana, que devera encadear a humanidade na mesma corrente afetiva, breve se dissipam, até mesmo entre agregados embora ligados por parentesco; não é geral, felizmente, mas é comum e lamentável: do mesmo lar, do mesmo meio, da mesma circunscrição, criaturas ligadas por sentimentos vivos ontem, ir-se-ão saturando de indiferença se não se estabelecer um fio de ligação permanente, por atos que mantenham animados aqueles afetos.

– Na criatura humana tudo é instável e passageiro, como é passageiro o nosso trajeto pela senda da vida.

– A volubilidade e a inconsciência; a ingratidão e a indiferença, só não subordinam raros caracteres: Relações de íntima amizade à distância, raro permanecem com igual intensidade; em geral, o véu do esquecimento vai apagando da memória o vulto amigo, e a lembrança se esvai como fumo...

– O egoísmo e a indiferença pelo sofrimento alheio; a absoluta ausência de sentimento de fraternidade, são predicados que deturpam todos os caracteres, salvo raras exceções, e atestam a procedência irracional do homem.

Aos Leitores

Com prazer aceitarei em caráter amistoso, opiniões ou divergências sobre quaisquer dos temas aqui tratados, e agradecerei essa colaboração que bem pode concorrer para a elaboração de algum volume em que essa colaboração prestará valioso serviço no esclarecimento de pontos, porventura aqui ainda obscuros ou controversos, esclarecendo fatos ou fantasias merecedores de elasticidade expositiva. Concorrerão assim para a elaboração coletiva de alguma coisa de que o público leitor possa colher úteis conhecimentos, quer quanto a fatos, quer quanto a fantasias.

É uma inovação útil na arte de fazer livros; serão obras em que o autor associará os colaboradores na responsabilidade moral do trabalho: Constituirão livros de elaboração coletiva, ordenado pelo autor. Além disso concorrerão também para alargar benefícios as instituições pias, a que destinamos o produto econômico desta obra.

Literatos e estudiosos: concorrei para um Bem social... Experimentemos a inovação!

GABRIEL BASTOS

Passo Fundo – Rio Grande do Sul.

2ª. PARTE - Opiniões e Divergências

CAPÍTULO I - PRIMEIRA LOCALIZAÇÃO DA ATLÂNTIDA

I

Segundo dissemos na Dilação do fim da Primeira Parte, é, para nós, incontestável a existência da Atlântida, sua emersão ao sul da Ásia e sua translação para o Oriente, constituindo o continente americano.

Absolutamente contrária à nossa hipótese que já consideramos no terreno da realidade, é a de diversos escritores que localizam este continente, quando lendário, no ocidente da África. Esta suposição, embora de ciente, é inteiramente avessa ao que pensamos sobre o assunto. Julgamentos sempre que a Atlântida até a sua emersão fez parte do grande bloco terrestre, ao sul da Ásia, donde se teria desprendido o grande continente no oceano Pacífico.

A Atlântida ter-se-ia separado da Ásia em época remotíssima e, muito antes de Platão já seria velha lenda. Platão como outros sábios e escritores, localizaram a Atlântida ao ocidente de Gibraltar, no oceano Atlântico. Contrários a essa hipótese acompanhamos, se não nos falha a memória, a Haeckel, Wallace, Liel e outros.

Achamos inaceitável a hipótese do desprendimento da Atlântida ou de qualquer outro grande bloco terrestre, na era primária. Se a dispersão de fragmentos do Planeta começasse tão cedo, possivelmente ainda sem solidez que lhe assegurasse a estabilidade planetária, talvez não estivéssemos aqui a conjeturar problemas de difícil solução: Estaríamos aí pelo Espaço a átomos imperceptíveis, sem significação cósmica ou no fundo das águas, ainda nos primórdios da Vida.

Mais uma circunstância que se oporia à desagregação da Atlântida ou de qualquer outro bloco terrestre na era primária seria a falta de coesão e consequente resistência da massa terrestre, pois, o fundo basáltico que o sábio Wegner lembra como substância flutuadora, não estaria ainda em estado da necessária resistência que garantisse a estabilidade do continente; e mesmo o Planeta, nessa época, talvez ainda não estivesse

com a esfericidade definida. Na era primária o Planeta não estaria com sua estrutura completamente segura, mas ainda com grande núcleo gasoso e, assim insegura a esfericidade indispensável à regular rotação e translação. Não era primária e mesmo no alvorecer da secundária a Atlântida estaria ainda imersa fazendo parte do núcleo central do Planeta, embora a Vida já pudesse estar em labuta transformadora nos fundos das águas.

Provavelmente, no fim da era secundária, a Atlântida teria se desprendido do sul da Ásia e emergido. Ao começar a era terciária, já estariam ao sol a África e o sul da Ásia até a Europa, ostentando as belezas da criação que, em todos os reinos da natureza, antecederiam a obra prima do Criador – o homem.

A era quaternária seria em meio quando surgiu o homem os seus ancestrais, tendo completado seu ciclo de existência teriam desaparecido do cenário da Vida.

II

Deixamos o homem apenas criado e voltemos à Atlântida , excelso assunto desta obra.

Estamos convencidos da existência deste continente; de sua dispersão catastrófica; de que foi o berço da humanidade e da civilização; e de que a América, a Austrália, arquipélagos e ilhas do Pacífico, inclusive o Japão – são seus remanescentes.

Diversos predicados que acreditamos terem caracterizado o lendário continente, divergem de quase tudo que temos lido sobre este pedaço do Planeta. Como já temos dito, não discutimos nem duvidamos o que contra nossas afirmações ou conjeturas, sábios e escritores têm dito sobre arqueologia, cosmogonia e etc.: Não sabemos o que o fundo dos mares e a crosta da terra possam revelar sobre nossa tese: Isto é com os capazes; mas, não abandonamos as nossas convicções, sem provas irrefutáveis que as contrariem: Os cientistas também podem errar e o tem feito em todos os tempos.

O nosso tema começou por “Imaginária digressão pelos campos de Lenda”... Uma diversão, pois, um passa-tempo, um estímulo, para compulsar livros e sobre eles dizer alguma cousa, portanto, há aqui; muito de imaginação, conjeturas, possibilidades...

Entre sábios e escritores, vemos fundas divergências, contrastes absurdos, hipóteses inaceitáveis, como a de admitirem a Atlântida no oceano Atlântico, com destroços no oceano Pacífico e etc.

Quanto à etnologia há certa unidade de vistas, mas sem correspondente espírito que harmonize a importante circunstância da raça com a geografia referente ao *habitat* desses elementos etnológicos.

A etnologia devera levar o pensamento dos adeptos da Atlântida no oceano Atlântico, para o Pacífico, donde irradiou para toda parte o mongólico.

A Atlântida teria antes de emergir e mesmo depois, incalculável número de milênios para que da monera, a Vida chegasse ao homem e deste a adiantada civilização que eminentes arqueólogos têm desvendado. Por sua vez a vasta superfície do Planeta, povoada por mongóis, raça do primeiro homem, é outra demonstração da longevidade da Atlântida.

III

Segundo Platão, a ilha Poseidonis teria desaparecido a, aproximadamente, onze mil e quinhentos anos; fora remanescente do continente Atlante; sábios egípcios teriam lhe certificado disto, bem como sobre mapas.

Também Heródoto quando no Egito, tivera informações da submersão desse continente...

Imprecisas, essas informações desapareceram da memória desses tempos e caíram de novo nas sombras do passado, no domínio da Lenda, o que lhe aumenta anciãidade.

A arqueologia, porém, veio dissipar nuvens que obumbravam o passado, trazendo para os arraiais da verdade fatos que a Lenda obscurecia. A Atlântida foi situada no oceano Pacífico, e teria pertencido ao sul da Ásia, antes de sua emersão. Depois de emersa, depois de berço do primeiro homem, depois de vastamente povoada e já com adiantada civilização, desapareceu como continente do sul da Ásia para ficar – parte constituindo a Oceania, no Pacífico, vastamente disseminada em arquipélagos e ilhas; parte constituindo a América atirada para o oriente; e ao certo, grande porção engolida pelas águas.

Consideramos como pura fantasia a Lenda de Platão e de outros que colocam a Atlântida no oceano Atlântico.

Em abono do que vamos dizendo, além de outros, temos Van Loon, que em o “Mundo em que vivemos”, referindo-se a arquipélagos e ilhas do Pacífico diz:

“Toda essa parte do mundo é muito antiga e, ao estarmos pelo que diz uma teoria, foi nesta região que o homem, pela primeira vez disse adeus a seus primos antropóides, os macacos. Daí o crânio dessa primeira criatura, parecida ao homem, o famoso *Petecantropus Eretus*, o qual foi achado na ilha de Java, e a presença em Bornéu e conhecidos sob a denominação de orangotangos.”

Estes achados em Java, Bornéu e Sumatra, podem ter relações de identidade com os de Peter Lund, na Lagoa Santa pois, a América como os arquipélagos e ilhas do Pacífico foram do mesmo continente catastroficamente disperso. São, pois, achados que comprovam o aparecimento do homem na Atlântida, o que se coaduna com as descobertas arqueológicas dos irmãos Wagners e de Ameghine.

Van Loon, em sua citada obra, como se vê do excerto acima, admite a antiguidade da Atlântida, bem como, que o homem ali veio à luz.

Não só Van Loon, como Alexandre Braghine em seu livro “O enigma da Atlântida”, acha semelhanças de diagramas americanos com os

de outras partes do globo, e atribui-lhes origem atlântida. Diz Alexandre Braghine:

“A catástrofe da Atlântida não se terá dado em época muito afastada, visto que a civilização ali já era elevada.”

Sobre a época da catástrofe da Atlântida somos em divergência com Braghine: catástrofe da Atlântida, pensamos, terá ocorrido há muitos milênios, para que a civilização quase desaparecesse dentre os povos dela originários. Não fora a arqueologia, outras demonstrações não bastariam para ressurgimento da verdade sobre o grande continente. Vejamos ainda Braghine:

“A versão de Platão foi impugnada por numerosos sábios: Nas seguintes páginas, achar-se-ão, em resumo, as teses de alguns opositores modernos do filósofo grego.

O Sr. A. Schulten manifestou a hipótese de que a narração de Platão não se referia a uma ilha ou continente, no meio do Oceano Atlântico, mas, à cidade de Tertessus que já mencionamos nesta obra.”

As suas ruínas estão situadas junto à foz do Guadalquivir, na Espanha, tendo já atraído sobre si a atenção dos arqueólogos, há muitos anos.”

Sempre achamos injustificada a hipótese de Platão. As suas referências sobre a Atlântida, não tinham firmeza: ora dava Poseidonis como capital, ora como ilha, ora na Atlântida, ora na Espanha. Parece que sua opinião oscilava segundo as informações que colhia. Em síntese: Ainda profundamente imersa em lenda multimilionária, a Atlântida era um mito, e como tal passou muito tempo. Em época moderna, a arqueologia

concorreu eficientemente para que o mito despisse as roupagens lendárias e se apresentasse nos arraiais da verdade.

Geologia, arqueologia, etnologia e mesmo fitologia, nos afirmam hoje a existência da Atlântida, conquanto, dentre os pesquisadores, uns a localizam no Pacífico, outros no Atlântico. Nós, estamos decididamente pela localização no Pacífico, isto, desde a nossa Primeira Palestra.

IV

O ilustrado Gal. de Divisão José Vieira da Rosa, em seu excelente trabalho – “As três Províncias Irmãs do Sul”, publicado nos Anais do 9º Congresso Sul-riograndense de História e Geografia, disse:

“O Brasil fez primeira parte da massa continental do Hemisfério Sul que reunia na era primária a América do Sul, Madagascar, as Índias, a Austrália e o continente Antártico, vasto continente que se batizou com o nome de Gondwana.”

Apraz-nos esta transcrição, pois que, em parte confirma uma de nossas afirmações que aqui reproduzimos: “O continente americano, a Austrália, arquipélagos e ilhas do Pacífico são remanescentes da Atlântida e sua translação teria sido para o oriente, visto que a Atlântida estaria no sul da Ásia.”

O ilustrado escritor citado não fez referência à América do Norte que também foi parte das mesmas terras do hemisfério Sul. A atual posição da América do Norte, terá sido ocidental consequência da grande catástrofe da Atlântida, que, a atirou para nordeste. A grande calamidade levou a América do Norte ao lugar em que se acha, atirando para o sul a América Meridional. Já expusemos a nossa hipótese sobre este fato, em

uma das Palestras, na Primeira Parte, impropriamente batizada como continente, lançamos em capítulo especial a nossa hipótese.

Ainda sobre a localização da Atlântida voltamos a Alexandre Braghine:

“Os autores clássicos da antiguidade, concordam em admitir, há milhares de anos passados, no oceano índico, um vasto continente situado entre a África, a Arábia e o Indostão, o qual se estendia consideravelmente para o Oriente.”



Figura 8 Bloco americano cindido



Figura 9 Bloco americano cindido mostrando o golfo do México

Ao separar-se do sul da Ásia quando emergiu ou mesmo muito antes, e durante milênios de desenvolvimento progressivo da Vida, desde seus ínfimos representantes até o homem, e ainda tempo incalculável até estender a sua população e cultura por terras vizinhas, permaneceu a Atlântida ao sul da Ásia e oriente da África. O norte da África, costa do Mediterrâneo inclusive Egito e o Oriente norte e poente da Ásia, já sentiam o influxo da população e da civilização atlântida, quando formidável cataclismo a subdividiu. Escritores e sábios divergem em suas conjeturas, confundindo Atlântida, Lemúria e Gondwana, cada qual dando localização diferente a essas terras lendárias.

Em nosso modo de ver, repetimos, a Atlântida estaria ao sul da Ásia e ao oriente da África; a Lemúria, cuja existência estamos admitindo, ter-se-á desprendido do ocidente da Europa, para logo fracionar-se; Gondwana não terá existido como continente, mas como península da Atlântida. À Gondwana dedicamos um capítulo, como à Lemúria.

Relativamente à parte sólida do Planeta, as terras que formam os atuais continentes, ir-se-iam levantando de sul a norte no decorrer de milênios.

A Atlântida tendo sido o continente mais próximo do extremo sul, ter-se-ia levantado muito antes de qualquer outro, seguindo-lhe a África. Ao emergir a Atlântida teria rompido quaisquer liames superficiais que tivesse com a África e com a Ásia, constituindo-se bloco independente, na superfície, como serão quaisquer blocos terrestres aparentemente separados. Oportunamente voltaremos a este caso.

Ainda sob as águas, a Atlântida teria a Vida em gestação, alargando sua capacidade transformadora, até que, depois de inúmeras metamorfoses, do meio para o fim do período quaternário, surgiu o homem: primeira terra bafejada pelo Sol, a Atlântida foi o berço da humanidade.

CAPÍTULO II - A TRANSLAÇÃO DA ATLÂNTIDA

Na Primeira Parte desta obra já nos referimos à translação deste continente, mas, ainda há o que dizer.

A teoria de Wegner parece reforçar a nossa opinião, com a diferença de que, nós atribuímos a translação da América seccionada da Atlântida, catastroficamente, e do mesmo modo atirada para o oriente-norte, até a posição atual, e Wegner admite o deslocamento pacífico – *glissement*.

Abonando a nossa hipótese pelo esfacelamento violento, aí está multidão de arquipélagos e ilhas, a Austrália e a América. Parece não haver mais dúvida de que o continente americano é remanescente da grande catástrofe da Atlântida, ocorrida há cerca de uma dezena ou mais de milênios, e impelida para o oriente.

Desse grande cataclismo, os remanescentes vivos terão sido, na América, os autóctones americanos, mongóis de origem. Já há muitos adeptos desta verdade, ainda ontem hipótese.

A catástrofe da Atlântida terá sido a mais violenta revolução geológica ocorrida no Planeta pois que, de nenhuma outra os destroços deixaram tão vivos sinais: América, Austrália, Japão, Nova Zelândia e mais uma infinidade de arquipélagos e ilhas, afora, o que a voragem do Pacífico terá engolido.

Nesse tempo a população humana seria já numerosa, civilizada e estendida pelo sul, norte e ocidente da Ásia e costas do Mediterrâneo.

Entre os remanescentes da Atlântida é digna de menção a ilha da Páscoa, sobre a qual diz Alexandre Braghine:

“Mas eis que se apresenta outro problema. Os mitos da Polinésia fazem referência a um continente fabuloso que teria existido há muitíssimo tempo no Pacífico.

Pensam certos sábios que estas lendas se apóiam na realidade e acreditam que a ilha Rapa-Nui (ilha da Páscoa) mais não seria o fragmento de uma terra muito maior”.



Figura 10 Bloco americano atirado para nordeste

A ilha da Páscoa pertence ao Chile e foi descoberta em 1722 no dia da Páscoa. Tem pequena população e é rica em admiráveis monumentos pré-históricos. Faz parte do arquipélago Polinésio que é como todos os arquipélagos e ilhas do Pacífico, remanescente da Atlântida.

Em outro lugar já fizemos referência a esta ilha.

CAPÍTULO III - O HOMEM, A RAÇA E A CIVILIZAÇÃO

Temos insistido na hipótese de ter sido a Atlântida o berço da humanidade, o que, entretanto, para nós já saiu do terreno hipotético para a luz da realidade, mas, continuamos a apresentar mais detalhes.

Da “Paleontologia do Rio Grande do Sul”, do ilustrado paleontólogo Carlos de Paula Couto, damos, extraído de “A Vanguarda” do Rio de Janeiro – 18.10.1931:

“Uma das questões que permanecem a desafiar a argúcia de sábios, e essa da localização do que se convencionou chamar o berço da humanidade.

Onde se desenvolveram as civilizações mais antigas?

Onde surgiram os primeiros homens?

Cabe ao velho oriente, a Ásia, que foi o berço das religiões todas, o privilégio de ter sido também o local onde o homem apareceu na face da terra?”

Ainda em outro lugar:

“Por volta de 1907 o sábio argentino Florêncio Ameghine, encontrou na Província de Santiago del Esbero, certos ossos humanos fósseis, que estudou em companhia de seu irmão Carlos, aventando a hipótese de ter sido em solo americano, naquela região vizinha da Patagônia onde a humanidade tivesse tido sua origem. Os ossos humanos encontrados nessa região,

pertencem a uma raça extinta há mais ou menos trinta mil anos ou seja na época quaternária superior.

As águas do rio Doce têm posto a descoberto, na região, curiosas construções circulares de meio metro de diâmetro, cravadas no solo em posição normal, construções essas a que os naturais deram o nome de “tinajas”, (formas de terra) que não foram construídas pelos indígenas atuais, mas, sim, representam os restos das atividades artísticas de civilizações e cultura que existiam há milhares de anos. Elas provam, na opinião de técnicos, que naquela região existiu o homem em época remotíssima, pois, os vestígios deixados dão a entender que não eram simples selvagens.”

Estas e outras publicações referentes à origem do homem, vêm justificando o que temos afirmado sobre o berço do primeiro homem.

Referindo-se ao crânio da Vila Nova, o Dr. Bethiol julgou-o de raça extinta há milênios e de origem atlântida e semelhante ao tipo da raça da Lagoa Santa.

Ao autor parece o crânio da Vila Nova mais primitivo que aquele. Outros crânios fósseis encontrados no Brasil, fazem supor que o aparecimento do homem americano, contará cinquenta mil anos.

Como se vê, a América é o berço da humanidade.

Ora, a América remanescente da Atlântida, ex-contidente do sul da Ásia, considerada também, por outros, o berço do homem, como o foi de todas as religiões. Nós, porém, não consideramos a Ásia o berço do homem, como das religiões, mas, apenas como o reflexo da Atlântida, cuja proximidade a colocou como primeira outra terra a receber o influxo daquela. Naturalmente com o desaparecimento da Atlântida, a Ásia, sul e ocidente, seria, em velhos tempos, antes da realidade da Atlântida, seria considerada como terão pensado velhos sábios – o berço do homem e das religiões. Entretanto, a Atlântida, antes da catástrofe, exuberaria de

população, civilização e progresso que, a fatalidade do cataclismo destruiu. Foi, pois, a Atlântida o berço do homem, da civilização e, conseqüentemente, das velhas religiões.

O sábio argentino Florêncio Ameghine e seu irmão Carlos, aventaram a hipótese de que os fósseis humanos que estudaram em Santiago del Estero, são de raça extinta há trinta mil anos, aproximadamente, na época quaternária superior. Pode-se admitir, assim, que a idade do homem seja de cinquenta mil anos.

O notável arqueólogo americano Gregório Masson diz também que a América é o berço da humanidade. Na suposição de que o aparecimento do homem conte cinquenta mil anos, do que estamos convencidos, deve-se crer que a civilização estaria desenvolvida no seio da raça amarela, na Atlântida primeiro e depois ao noroeste da Ásia e costas do mediterrâneo, inclusive o Egito, tendo como ponto de partida a Atlântida. Sabe-se que os chineses atribuem vinte mil anos à sua civilização. Não se pode, pois, calcular em mais de trinta mil anos a civilização atlântida, admitindo que a raça humana tenha levado vinte mil anos até civilizar-se. Não é demasiado para a criatura que apenas deixava seu aspecto de origem.

Raça amarela a do primeiro homem, foi a única durante o longo período em que a Atlântida seria único continente ao sol. Depois, muito depois, no Cáucaso teria surgido a raça branca que não tardou em receber o influxo da raça mongólica que, então já seria numerosa na Ásia meridional.

A raça negra, oriunda do sul da África, teria tido seu natal depois da caucásica quando populações mongólicas e mongólica caucásica já floresciam no norte da África, principalmente no Egito e nas costas mediterrâneas de norte a leste. A raça mongólica, então já estaria disseminada na Ásia, em todas as direções.

O Egito teria sido notável desenvolvimento, por sua situação geográfica à margem do Mediterrâneo, pela potencialidade do volumoso curso do Nilo, por sua comunicação com o Oriente, pelo mar Vermelho e, ainda, por ter sido das primeiras colônias atlântidas.

A raça mongólica caucásica ter-se-ia desenvolvido com mais amplitude que a raça negra, porque a mongólica, numerosíssima, ter-se-ia estendido para o norte, oriente e poente da Ásia, em contato permanente com os povos caucásica, ali de respeitável volume.

A raça negra, embora o sul da África tivesse emergido milênios depois da Atlântida, mas, antes de quaisquer outras terras, a raça negra teria surgido muito mais tarde. A vida ali, não se teria desenvolvido logo, porque, é bem provável que o gelo retardasse a eclosão da raça negra, pois o Pólo, descendo para o sul, possivelmente, não estaria muito longe da África meridional, no correr de seu vagaroso ciclo de 25976 anos. Daí a temperatura do gelo que terá permanecido longo tempo nessa zona africana. Séculos depois, com o afastamento do Pólo, a temperatura teria permitido a eclosão da Vida em suas várias formas. Depois, as populações do sul da África, em busca de benignidade climatérica, ter-se-iam dirigido para o norte, onde, no Egito estaria já em franco desenvolvimento, depois, muito depois da Ásia. Sobre as populações desse tempo, disse Voltaire, em seu livro – “Deus e os homens”:

“Antes que o Egito tivesse uma casa habitável sequer, a havia, povos civilizados nas imensas planícies da Ásia.”

E, note-se: As planícies da Ásia estariam assim civilizadas milênios depois da Atlântida, donde ter-lhe-ia ido população já em adiantado estado de cultura. Isto significa que milênios antes do Egito, a Atlântida já teria vasta população civilizada. Decorre disso que dando-lhe cinquenta mil anos para a raça humana com seu berço na Atlântida, segue-se que o Egito teria começado a povoar-se milênios depois da Ásia.

A população asiática ter-se-ia insulado a ponto de constituir costume que, só nos tempos modernos vão desaparecendo.

Mas, quando e por que os asiáticos chineses começaram a tomar o hábito isolacionista? – Possivelmente depois da catástrofe da Atlântida,

pois, até então parece que não teriam tais costumes, porque oriundos da Atlântida colonizadora, seus hábitos seriam expansionistas.

A Atlântida já teria estendido a sua ação civilizadora, não só na Ásia meridional, como nas costas mediterrâneas, desde o Egito e sul da Europa, quando o ancestral africano do trópico de Capricórnio para sul, desafogado do período glaciário que teria passado com o Pólo que ir-se-ia deslocando em sua regressão circular, e quando o gelo tivesse permitido a eclosão da Vida, o ancestral do afro, depois de longo tempo de evolução, teria atingido os característicos humanos, e a raça negra surgiu.

Populações da Atlântida, teriam sido testemunhas da época glaciária que lhes passasse pelo ocidente, quando a extremidade sul-oriental da África tivesse sido atingida por esse fenômeno.

II

Tratando da Atlântida, no final de um resumo de apreciações de diversos autores, diz Domingos Jaguaribe em seu *“Brasil antigo – A Atlântida e Antiguidades americanas”*:

“Ora, entre os americanos e egípcios as semelhanças são consideráveis.

Foi-me impossível, escreve Carletuan, examinar as belas cópias das pinturas egípcias que possui o museu britânico, sem ficar impressionado com a semelhança que ofereciam certas figuras que lá se acham representadas, com os índios do Novo Mundo, no meio dos quais vivi tantos anos. O melhor pintor não poderia desenhar com mais exatidão os selvagens da América do Sul, de que o fizeram os hábeis construtores de Tebas.

Humboldt notou a analogia que existe entre o penteado das nobres mexicanas e das princesas egípcias.

Os usos funerários dos mexicanos e egípcios apresentam semelhanças características. Uns e outros vestiam os seus mortos ilustres com tecidos preciosos. Uns e outros tinham o costume de sepultar os servos e amigos dos reis em derredor dos túmulos reais.

Os monumentos funerários eram os mesmos. Encontraram-se no México, pirâmides construídas segundo o mesmo estilo e a mesma orientação que as do Nilo; e estátuas hieroglíficas apoiadas em serpentes semelhantes aos sesostris egípcios.

Finalmente, encontraram em vários sítios enorme cabeças monolíticas que fazem pensar na esfinge acorada junto as pirâmides do Egito.

Que concluir daqui?

Que o Egito conquistou a América ou a América o Egito?

Seria tornar o problema ainda mais complexo. O mais simples é aceitar a verdade demonstrada pelos testemunhos concordantes da geologia, da geografia e da etnologia: Uns e outros provinham da Atlântida, uns e outros eram os sobreviventes dessa magnífica raça *vermelha* que foi soberana no mundo, antes do cataclismo que o subverteu.”

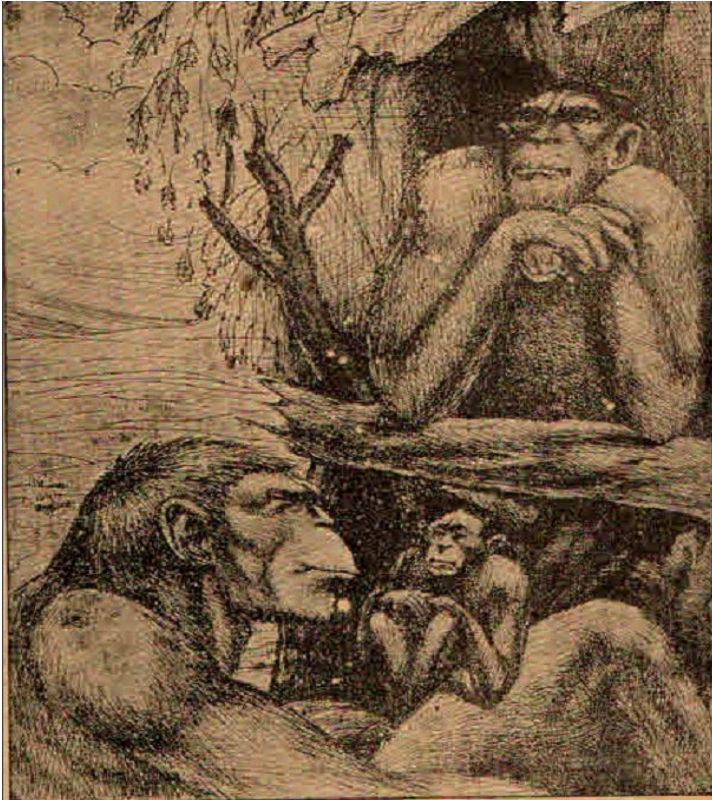


Figura 11 O tipo humano das cavernas

A raça mongólica, única autóctone em terras americanas, terá sofrido modificações com o correr dos milênios e as consequências do seu isolamento nas paragens da América: climas vários, costumes impostos pelas contingências da vida em multidão de grupos que a fatalidade teria separado, foram se distanciando, tornando-se completamente estranhas entre si, e mesmo hostis, por isso, e conseqüentemente, cada qual tomando hábitos diversos, pela mesologia, pelos meios de vida e por mil dificuldades e perigos que surgiriam a cada passo e, daí – dialetos até transformações radicais da linguagem que os milênios deturpam e diferenciam.

Cada grupo étnico da mesma procedência e da mesma língua, sem contato entre si, no fim de menos de um milhar de anos, modifica-se radicalmente.

Digam-nos, os leitores, se já não acham embaraços em *traduzir* “As Catingas de Santa Maria”, o “Códice Florentino” e o “Leal Conselheiro”, de Afonso, o sábio, escritos entre 1252 e 1284; “Cena Policiana” e “Auto de Rodrigo Mendo”, escritos em língua portuguesa...

Não se as poderão traduzir facilmente, embora um contato com o mesmo povo, falando a mesma língua, desde esse tempo até hoje. Não há ainda oitocentos anos dos primeiros e menos de quinhentos anos dos últimos.

CAPÍTULO IV - A ESCRITA PRÉ-HISTÓRICA DO BRASIL

POR ALFREDO BRANDÃO

Temos em mão “A Escrita Pré-histórica do Brasil” por Alfredo Brandão, excelente livro, produto de paciente estudo, e utilíssimo para o conhecimento dos vários sistemas de escrita entre os diversos povos mais antigos desde a pré-história até o alvorecer dos primeiros tempos da história, vagamente conhecidos, pois, não excederão de seis mil anos, os incompletos conhecimentos dos fatos humanos, e esses mesmos, em resumida síntese, principalmente da idade média para trás.

Os sinais gráficos que os sábios vêm desvendando, virão, talvez, de uns dez mil anos, quando a civilização atlântida estivesse já em declínio pela vetustez, embora vivida, ostentando o esplendor do primeiro grande continente emerso, onde o homem separou-se de seus ancestrais antropóides, então desaparecidos.

Vê-se que o maior vulto dos acontecimentos estão nas brumas do remoto passado, pois, na convicção de que a humanidade não terá mais de cinquenta mil anos, destes apenas os seis mil últimos, são mais ou menos conhecidos... Os mais – sombras... hipóteses... e só!

Quanto à escrita, sábios e estudiosos vêm trazendo ao conhecimento dos povos, diversos sistemas – fonéticos, ideográficos, pictóricos, anemônicos e ainda outros que mereceram acurado estudo do escritor referido.

Lemos ligeiramente esse livro, de modo que só nos detivemos nos assuntos que se relacionam com o nosso caso.

Os diversos sistemas de escrita pré-histórica e já da história – gregos, hebraicos, fenícios iberos, etruscos, de Creta e outras, denunciam a origem comum desses sinais, grande número dos quais semelhantes e até perfeitamente iguais entre si.

Isto confirma constantes relações e parentesco entre esses velhos povos, concorrendo para crer-se na supremacia da primeira raça,

certamente a única por muitíssimos milênios. Letras e números semelhantes aos que ainda são adotados, trazem-nos para tempos mais próximos. Porém, não é sobre o difícil estudo desses sistemas que nos detemos, mas é sobre as semelhanças desses sinais que, para nós, confirmam que na Atlântida, em seu lugar de emersão (sul da Ásia) foram traçados, aqui e ali, esses sinais, símbolos, desenhos, letras e etc. encontradas no Brasil e em outros lugares da América.

Não terão sido os fenícios, nem outros mais ou menos seus contemporâneos que tivessem grafado esses sinais. Essa escrita será de atlantes, remotos antepassados daqueles. Parece certo que os fenícios perustraram estas terras, hoje América, como dissemos em outro lugar, mas não seriam eles que traçaram essa variedade de características que, possivelmente, a Atlântida antes do cataclismo já os teria, caracterizando a civilização pré-histórica do continente.

Os fenícios e talvez outros, milênios depois, em suas excursões por estas terras terão, quem sabe, garatujado semelhanças, por passatempo ou para moer os pósteros pesquisadores. A grande maioria desses traços multiformes terão vindo da Atlântida.

CAPÍTULO V - A ANTIGUIDADE DA RAÇA HUMANA

Lemos algures que em Turíngia, o célebre arqueólogo L. Ebert, descobriu uma estrada de rodagem completamente pavimentada, cujo fim seria preservar da humanidade os habitantes de cavernas próximas que ali iriam tomar sol. Igual descoberta fizeram perto da aldeia de Doebritz, em Artagnan. Deram a esse trabalho vinte e cinco mil anos.

Ora, se a vinte e cinco mil anos ainda não pavimentavam terrenos se não para tomarem sol, depreende-se que não havia necessidade de estradas. Neste caso se pode supor que ainda não havia desenvolvido o comércio e longe, assim, nesses lugares, de comércio desenvolvido. Decorre disso que a vinte e cinco mil anos, homens das cavernas ainda povoavam a Europa, quando na Atlântida já a civilização irradiaria, suas luzes para todos os quadrantes.

I

Abonando a nossa hipótese sobre a origem da América, vejamos ainda, Alexandre Braghine:

“De resto, segundo adiante veremos, há arqueólogos que sistentam serem os egípcios de origem americana.”

Assim, passamos também porque sendo essa sub-raça de origem mongólica, naturalmente tem a mesma procedência, o que quer dizer que, americanos egípcios procedem da Atlântida.

II

Ainda sobre a idade da raça humana, vemos em Henry Tomas, no capítulo referente a Confúncio:

“Os chineses têm muito orgulho de sua história.

De acordo com suas lendas informam-nos também que os primeiros antepassados chineses se assemelhavam mais a animais que a humanos, que viviam em cavernas e vestiam peles de animais; que por fim, depois de muitos séculos, apareceu uma dinastia que ensinava o povo a cultivar a terra, empenhado em civilizá-lo.”

Também de Emil Ludwig, extraímos de seu livro “Nilo” o seguinte:

“O homem mais antigo que a atmosfera árida do Egito nos conservou, não se sabe de que época anterior à era histórica, jaz enterrado na areia do deserto, em Holuan.

Vendo-o entre urnas e restos de animais, rodeado de cutelos e de braceletes de bronze e de cobre, encolhido como um embrião na posição que tomara nas entranhas maternas, dir-se-ia que remonta magicamente a outros milênios, à primeira mãe, ao primeiro homem, como os narradores árabes fazem derivar temerariamente de Adão a genealógica de todo o sábio e de todo o califa.

Donde veio dar aqui essa espécie de humano? Donde procediam os que em época antecedente a essas ossadas, já no quarto milênio tinham um nome? Quem eram os homens cujos punhais desenterrados trazem gravadas imagens de elefantes e de panteras, de hipopótamos e de serpentes, de girafas e de ouriços, num tempo em que no Eufartes não se conhecia nem cobre, nem marfim?

Vinham do sul ou do norte?

Esta questão permanece uma polêmica de hipóteses entre sábios, um debate em que nada se pode provar ou refutar?

Com o mesmo resultado negativo, os filósofos esgaravavam a obra do poeta, procurando os incentivos duma inteligência criadora, em vez de crer na força inata de seu gênio.

E não é a questão de raça ainda mais cômica, aqui no Egito onde o clima e a natureza, mandam imperiosos, e transformam quem quer que se avise do Nilo? A raça mais antiga que povoou estas plagas foram os Celtas, demonstra Surey. – Não; foram os negros, retruca Wolney. Os chineses clama Winckelmann. Mas Jaunes opta pelos polinésios.

Ainda todos enganados acode Petrie: Foram os tíopes. E de Rougé ri-se ironicamente e estabelece, uma vez por todas, que eram habilnios.”

Vê-se da penúltima transcrição que o autor admite que chineses se orgulham da antiguidade de sua civilização.

Esta circunstância fortalece a hipótese de que a humanidade não há mais de cinquenta mil anos que fez a sua aparição no grande continente a Atlântida.

Calculando os chineses que sua civilização conta vinte mil anos, deve-se crer que a civilização atlântida que precedeu àquela, possivelmente, terá trinta mil anos, pois a primeira fase da civilização, teria tardado em manifestar-se, visto que, a mentalidade do homem primitivo, muito vagarosamente iria penetrando a compreensão de suas possibilidades na luta pela vida. Vinte mil anos, pois, para a humanidade ignora e inconsciente, entrar na civilização, não é exagerado tempo, quando ainda hoje, depois de cinquenta mil anos, a mentalidade humana tem, grande parte imersa na ignorância, flutuando entre o ambiente de origem e os sentimentos fraternos.

I

Tracemos agora o que pensamos sobre o trecho de Emil Ludwig que narra o caso do homem mais antigo.

Este homem *mais antigo*, enterrado nas areias do deserto africano, terá sido algum explorador, viajante ou guerreiro, possivelmente da Ásia Menor, que ali terminasse seus dias e que, os companheiros, na impossibilidade de conduzi-lo à terra de seu berço ali o deixassem rodeado dos objetos que lhe pertenceriam, como era de uso entre os da raça a que pertenceria o morto que, na posição em que foi encontrado, denunciava costumes originais procedentes da Atlântida e, portanto, mongóis.

Os braceletes, outros objetos de bronze ou cobre e restos animais, tudo de sua propriedade, ao certo, demonstra, não alta antiguidade, mas já nos primórdios da história.

CAPÍTULO VI - PERU E MÉXICO

A civilização americana do Peru e do México tem analogia com a pré-história da Atlântida, donde terá vindo saturada na mentalidade mongólica e aqui se dilatou, quem sabe que tempo antes das incursões devastadoras de Cortes e Pizarro.

A pré-história de velhos tempos, possivelmente conservada até a época das conquistas, teria destruída pelos ferozes *civilizadores* que não trepidaram, em destruir arquivos e monumentos.

Não fora o barbarismo com que essas feras exerceram seu poder entre os povos que subjugaram e, por certo, muita cousa ainda nas brumas das hipóteses estariam em plena luz.

Remanescentes materiais sem história e sem idade, por acaso deixados por conquistadores brutais, demonstram a alta civilização a que haviam chegado esses povos, no México e no Peru, impiedosamente devastados por Cortes e Pizarro.

Essa civilização teria ligação de origem com as descobertas pré-históricas encontradas em Santiago del Estero, pelos irmãos Wagners, denunciando semelhanças com produtos arqueológicos da Ásia e do Egito. Não abandonamos, pois a convicção de que o fundo racial americano é todo mongólico, oriundo da Atlântida, donde veio, atirada a estas paragens pelo violento cataclismo, já aqui bastante relatado.

Atirados no bloco americano, já em estado de adiantada civilização, México e Peru, parece, mantiveram-se dentro da cultura e costumes de predecessores, embora golpeados por conquistadores brutais. Outros agrupamentos, em consequência da própria catástrofe, ou por terem perdido o contato com aqueles, pelo tempo afora, foram se dispersando pela vasta extensão americana. Nessa dispersão em larga escala, os milênios foram criando povos e línguas e, os dissídios, fatais inimigos das sociedades humanas, os foram separando e barbarizando, embora procedentes de antecessores civilizados.

Quando mesmo entre agrupamentos restritos, os sentimentos de fraternidade fracassa, não se estranhe que, em vastas zonas, haja entre

os homens, profundas divergências que transformam em ferozes antagonistas, elementos etnológicos saídos do mesmo tronco. A dispersão accidental ou violenta de agrupamentos irmãos, o tempo os isola e transforma em estranhas e hostis. Esse resultado da dispersão e do tempo nos sentimentos, também atinge a linguagem. Daí a multidão de dialetos que confundem os estudiosos americanistas que *descobrem* raças e línguas, onde há, apenas, diferenças que, separações milenares, mesologia decorrentes da precariedade da vida terão imposto aos desventurados atlântidos. Como os sentimentos, a língua (idioma) sofre as consequências da dispersão, transformando dialetos em idiomas, tanto mais diferenciados quanto maior for o lapso de tempo e de espaço que os separe.

Naturalmente cada língua assim formada, levará numerosos pontos de semelhança com suas irmãs de origem o que só servirá para denunciar-lhes a procedência e parentesco.

Isto é normal em todos os idiomas. Raríssima será a língua que não apresente em sua estrutura, um ou muitos vocábulos, uma ou muitas frases de outros as vezes de construção visceralmente opostas. Isto justifica, não só o grande número de tributos indígena americanas, completamente divorciadas entre si e inimigas, que viveram em constante luta, como também justifica a diversidade de línguas que as caracterizam, embora emanadas de uma só origem, a tempo incalculável.

Quanto à etimologia, parece que o tipo americano em geral, nos tempos da conquista e ainda hoje, denuncia procedência mongólica, logo, atlântida.

Relativamente à invasão de termos e frases estranhas, em qualquer língua, mesmo entre povos civilizados e raças diferentes, o confucionismo, dia a dia se intensificará com o desenvolvimento de relações de toda a ordem, que tendem a distenderem-se continuamente.

Dos característicos distintivos dos indivíduos, o do tipo físico de origem é o único que perdura mostrando traços primitivos. Os mais: Línguas, costumes, sentimentos – o tempo, a distância e a mesologia transmudam integralmente. Entretanto, a tendência dos povos é para a unificação. É questão de tempo. O contato cotidiano dos homens, de um a outro extremo do Planeta concorrerá para isto. Décênios mais, e lá estaremos.

Relativamente à procedência do homem, encerramos este capítulo com um expressivo trecho de Flamarion:

“O Oriente é o ponto de partida da história humana. Pelo que diz respeito à civilização histórica, nós, descendemos dos Romanos dos Gregos, os Gregos do Oriente. Aí para a genealogia e quando chegamos aos vedas, livros sagrados dos Árias, cuja redação primeira parece ser do décimo quarto século antes de nossa era, estamos no limite último das origens conhecidas, e a bruma das idades remotas, envolvem-nos em sua sombra.”

CAPÍTULO VII - AS AMAZONAS

Origem do vocábulo amazona: Os escritores divergem na significação deste vocábulo. Segundo Santa Anna Nery, alguns o atribuem ao costume dessas mulheres seccionarem o seio direito para não embaraçar o uso do arco. Em grego esta palavra é – *Amazon*, assim decomposta: – a partícula negativa = *a* – sem, e *mazon* = mama. Logo – *sem mama*, pois que, segundo Deodoro da Cecília, as amazonas, aos dezoitos anos, faziam ablação da mama direita. Outros dizem que muito antes de Cristo, existiam as heroínas da Capadócia, habitantes das margens do Termodon, rio da Ásia Menor; e também na África havia tribos destas mulheres que combatiam duas a duas ligadas pela cintura e por juramento. Eram denominadas *amazonas* que quer dizer (Aqui está outra interpretação): *Ligadas, reunidas – de ama = juntas e zona = cintura*. Logo: Reunidas pela cintura.

Davam também o nome de *zona* a um pedaço de estofa ou facha que fez reputação na história, como guarda de voto de virgindade e, por certo, aparelho de ligação. Santa Anna Nery prefere esta interpretação e, com acerto, nos parece, pois guerreiros outros, de época muito posterior, segundo Eugene Sue, faziam recíprocos votos de morrerem juntos e para isso, entravam nos combates, presos um ao outro, por correntes ou cordas.

Na conquista da Gália por Julio César, deram-se desses sacrifícios entre guerreiros gauleses.

Relativamente à existência das amazonas na América, segundo Ângelo Guido, disse Southey:

“Ainda quando nunca tivéssemos ouvido falar das amazonas de antiguidade, eu acreditaria, sem hesitação, nas da América, cuja existência é a mais verossímil, posto que uma verdade problemática possa ser suspeita pela sua semelhança com uma fábula conhecida.”

Foi tal convicção de Southey sobre as amazonas, que as admitiu sem reservas.

Também sobre as amazonas diz um *Dicionário da Fábula*:

“Diodoro liv. 3. Plínio liv. 5 e Heródoto, são acordes em que as mulheres guerreiras da Capadócia, nas margens do Termodonte, não admitem jamais, homem consigo e somente os recebem uma vez cada ano, porém, logo os despediam, sendo para isso mesmo, preciso que os tais homens houvessem antes, morto três de seus inimigos.

Aos filhos machos davam à morte ou os aleijavam e, diligentemente criavam as filhas, às quais queimavam o peito direito e adestravam em atirar seta. Tiveram grandes guerras por Hércules que lhes aprisionou a rainha.”

Os costumes destas guerreiras eram também os das nossas amazonas, o que é uma prova mais de que as primitivas amazonas americanas precedem da Atlântida.

O nome de Hércules dá feição lendária a esta narração, desvirtuando-a em parte, mas, é preciso notar que este personagem tem o nome envolto em dezenas de lendas, sendo, pois, herói de existência duvidosa. Cremos, entretanto, terem existido Hércules verdadeiros, heróis mesmo, como o da luta com as amazonas da Capadócia. Este seria o Hércules grego.

A Ásia Menor, nesse tempo, estaria subordinada à Grécia, cujo domínio se estenderia até Termodonte, onde foram vencidas as amazonas. Das amazonas vencidas por Hércules, as restantes teriam fugido em direção ao mar de Azof, invadindo e devastando a Sythia, situada ao sul daquele mar. Atacadas pelos citas e, vencidas reconheceram eles que todos os inimigos mortos eram mulheres. Então os

chefes citas resolveram não fosse morta nenhuma mais, e que se procurasse atraí-las. Então, organizaram um copo de moços em número igual ao delas para que se fossem aproximando como atraí-las. E se elas se mostrassem hostis, se afastassem em seguida voltando depois, de dois em dois dias, dias após dias, movimento que elas compreenderam e acompanharam, conseguindo completa harmonia, intimidade e casamentos. Convidadas pelos, então, já esposos a os acompanharem, objetaram que não poderiam viver entre as gentes deles, porque, de costumes muito diferentes, além de terem entrado na Sythia, devastando, seriam mal recebidas. Fora dali continuaram como suas esposas, e que fossem buscar seus bens e, com elas se transferissem para Tanais, ao norte do mar de Azof. Os moços citas aceitaram o alvitre, no que seus pais consentiram. E ficou assim extinto o último agrupamento de amazonas asiáticas.

As amazonas americanas ter-se-iam dispensado aos poucos, como as asiáticas, subordinando-se ao regime conjugal.

O, provavelmente, último grupo que teria descido do alto Amazonas e se estabelecido ao oriente do rio Negro, seria o remanescente dessas guerreiras americanas, já assim reduzidas e, em princípio de dispersão na época da conquista.

A existência das amazonas, para nós, é inquestionável: diversos exploradores e viajantes tiveram informações transmitidas por velhos indígenas e afirmaram que estas guerreiras tiveram sua época neste continente.

Os costumes destas refratárias ao convívio conjugal, eram semelhantes aos das guerreiras asiáticas, o que ainda justifica-lhes a procedência atlântida.

Possivelmente, quando lutaram com Orelana, já estariam em princípio de dispersão, tendo já em sua companhia, amigos que as visitavam e que, nos combates, eram compelidos à luta.

Na Ásia as mulheres guerreiras teriam encerrado seu ciclo de isolamento, depois de vencidas por Hércules e quando se entenderam com os citas.

Relativamente às amazonas americanas, para citarmos mais testemunhas, lembramos que Condamine, em seu livro “Viaje a la América

Meridional” afirma que a existência das amazonas entre nós, foi testemunhada por viajantes e exploradores, entre os quais, Orelana que as combateu.

Estamos convencidos de que as amazonas americanas existiram realmente e, segundo o que temos afirmado sobre a Atlântida, daí vieram com os nossos indígenas, a cuja raça pertenciam.

As amazonas americanas terão tido seu último habitat, no vale do Amazonas, margem esquerda, ao oriente do rio Negro, entre os rios Trombetas e Jamundá, donde, pela constante passagem de civilizados, ter-se-iam retirado para o norte, entre as cabeceiras dos rios Negro e Trombetas, dali se dispersando.

Na Ásia, no Egito e na Grécia já existiriam essas guerreiras quando se tenha dado o cataclismo da Atlântida. Decorrentes dos hábitos dessas mulheres guerreiras de origem pré-histórica, serão, talvez, as criações monásticas de todos os tempos, pois, elas vêm desde o amanhecer da história.

O nome de Amazonas dado ao nosso grande rio, procederia da presença dessas mulheres em suas margens, pois, antes, quando perlustrado por fenícios ou outros antigos viajantes, seria conhecido por Solimões, em homenagem, talvez, ao grande rei em cujo serviço andavam por aqui, aqueles navegantes.

Atlântidas as amazonas, delas temos relatado ligeiras informações. Mais amplos detalhes os leitores encontrarão no excelente livro de Ângelo Guido “O Reino das mulheres sem Lei”.

Alguns escritores não admitem a existência das amazonas que julgam *lenda criada pela imaginação dos viajantes fantasistas*. Outros, e não poucos, apresentam essas mulheres guerreiras, como verdadeiros agrupamentos que em velhos tempos estiveram em atividade na Ásia, na África e em nosso continente, sempre notáveis por sua renúncia à companhia do homem.

Raimundo de Morais em seu interessante livro “País das Pedras Verdes”, considera pura ficção a existência das amazonas, e zurze ácremente, escritores, viajantes e exploradores que trataram a Amazônia com *mais fantasia que realidade*, disse ele.

Severo e injusto, o ilustrado escritor. Depois, como hino ao *Paraíso Verde*, chama a postos os filhos da *terra mater* para admirarem a doce e tumultuária natureza de:

“Árvores e chelônios, trevos e borboletas, parasitas e quadrúpedes, samambaias e cobras, vitórias régias e jacarés, o mundo animado e virente em suma, da fauna e da flora...” como exaltação à matriarca fecunda, pródiga, agasalhadora que é a Amazônia”.

Sobre as amazonas diz ainda o mesmo escritor: “Mulheres guerreiras são mitos criados pela imaginação de fantasiosos exploradores da esplendorosa natureza amazônica!”

Raimundo de Moraes era da Amazônia e com razão exalta a grandiosidade daquele rico pedaço do Brasil que efetivamente, possui a pujança que lhe é atribuída não só por este escritor como por todos os que conhecem aquele território de florestas colossais e rios gigantescos, a que está destinado futuro de incalculável prosperidade.

Quanto às mulheres guerreiras, discorda deste escritor a maioria dos que têm escrito sobre estas excêntricas mulheres, de cuja existência mantemos a nossa convicção de que, procedentes da Atlântida, vieram no próprio solo, como os demais autóctones desta terra úbero e promissora.

Do ocidente, pois, veio a América, sacudida por ondas revoltas e estendida de sul a norte, como abraçando o hemisfério, constituindo o grande continente americano, onde se aninha a mais notável concórdia que enobrece o homem. Terra benfazeja que inspirou a seus povos, essa aliança sublime, da Ordem, do Bem, do Progresso e da Fraternidade. O gênio do mal não alcançará estas plagas que a Providência preservará da satânica voragem.

Dissemos atrás, que a Ásia quando da derrota das amazonas por Hércules, em Termodonte, estaria, até ali, subordinada à Grécia não porque a Grécia fosse mais antiga, mas pela evolução natural das cousas e dos povos, pelas transformações contínuas de posições e de movimentos de toda a ordem.

Cremos que cousa alguma no Universo, possui inalterabilidade absoluta. Tudo é móvel, inconstante, mutável, em contínua transformação. O homem, jamais chegará ao conhecimento integral de toda a criação; jamais poderá afirmar a estabilidade de cousa alguma: Viverá e morrerá na ignorância dessa imponente criação que é o Espaço etéreo, onde gravitam – Universos, Sistemas Planetários, Nebulosas e Átomos multiformes, enchendo o Espaço e, em permanente turbilhão na formação de novas entidades cósmicas, em substituição às que se forem desagregando.

CAPÍTULO VIII - A AÇÃO CIVILIZADORA DOS CONQUISTADORES DA AMÉRICA

Cristóvão Colombo, em uma de suas cartas a D. Fernando, segundo Domingos Jaquarióe, no “Império dos Incas” disse: “Eu juro que não há no mundo povo mais brando e mais humilde”.

A povos de tais predicados, é clamorosa injustiça dar-se o nome de bárbaros. A acessibilidade de contato com estranhos, demonstra que a índole dos indígenas americanos, conquanto milênios afastados de civilização, estava ainda saturada do espírito de fraternidade.

Nobres sentimentos caracterizaram Incas e Aztecas do Peru e do México. Em um e outro país a tendência ao Bem comum constituía postulado da administração. Entre eles eram característicos os hábitos de povos civilizados. Vejamos ainda o “Império dos Incas”.

“A tradição egípcia, atestada por Platão considerava a Atlântida, destruída por um grande cataclismo, a sede primitiva da raça vermelha, da qual os polinésios e os índios da América do Norte e do Sul, foram os senhores do Peru e do México. Para este fim era preciso que fossem de índole boa e de um tipo de raça sem mestiçagem.

Parece que eles vieram de outro país como náufragos que, submetidos à vida selvagem puderam assim agir.

Esta é a nossa opinião porque a história da América, mostra, desde a chegada de Colombo que foi bem recebido no meio dos indígenas, e Martim Afonso do mesmo modo; prova é que havia entre os índios de conhecimentos de povos civilizados.”

Estas citações estão plenamente justificadas com a atuação dos Incas no Peru e dos Aztecas no México.

Manco Capaco, Inca I, fundou o Império Incaico no ano de 1118 de nossa era, estabelecendo que em cada povoado ou comuna houvesse

uma casa que servisse de celeiro público, o que nos faz crer que ele conhecia, por tradição ou por intuição o método dos faraós do Egito, naturalmente, segundo costumes da Atlântida, donde procederam os egípcios. Nesses celeiros a distribuição de cereais era feita entre a população dos distritos conforme as necessidades, de modo que era guardada equitativa distribuição da colheita. Cada estabelecimento destes, tinha administração dirigida por um especialista.

As leis de Manco Capaco eram inspiradas em sentimentos de fraternidade. Entre os estabelecimentos atendidos pela administração pública, havia um em que eram recolhidas mulheres obrigadas a guardar castidade e dedicadas ao culto religioso com as atuais freiras. Entre os preceitos do governo incaico, havia os de: “Amar uns aos outros como a si próprio; adultérios, homicídios e furtos eram punidos com pena de morte; e a poligamia era proibida.”

Parece que o fundador do Império Incaico, como seus auxiliares tinham conhecimento de civilização anterior e, também, das doutrinas de Cristo, conquanto pareça que até perto do ano 1500, este continente esteve isolado do resto do mundo.

É possível que Manco Capaco conservasse de seus antepassados alguma recordação da história da Atlântida, por meio de quipus que Pizarro terá cometido o grande crime de destruir com tudo que tivesse significação histórica, de certo para justificar que tratavam com povos indomáveis.

Pizarro e Cortes, não só destruíram essas demonstrações de civilização, como trucidaram barbaramente milhares de indígenas. Este estado de civilização destruída por ferozes conquistadores, nos sugere a hipótese de que se tratava de uma nova civilização incaica com caráter americano e o concurso de intuição racial, como renascimento dos costumes atlântidos; ou seria algo da civilização que tivesse permanecido como lenda, que o espírito perspicaz do indígena tenha feito reviver.

Fundando o Império e sabendo de numerosos grupos de compatriotas seus, semibárbaros, dispersos em terras americanas, Manco Capaco, vivificador da civilização atlântida adormecida na América, começou a campanha pacífica do conagraçamento de seus infelizes patrícios que a catástrofe atirara a barbaria: Nessa campanha patriótica só usava a compressão quando encontrava tribos agressivas, refratárias à

ordem social. Parece que Inca I tinha vaga noção da catástrofe e procurava chamar ao grêmio social seus dispersos compatriotas que essa calamidade atirara ao barbarismo.

I

Desde Inca I no Peru, até Inca XIII, último do Império Incaico, as leis e a administração inspiraram-se nos sentimentos de concórdia.

O Império Incaico durou perto de quatrocentos anos, quando a ferocidade de Pizarro o destruiu.

A demonstração de que os índios americanos eram de índole pacífica, está no modo amistoso com que acolhiam os alienígenas. Abusando destes predicados dos incolos os espanhóis de Pizarro, desde logo, insinuaram-se hipocritamente entre as populações aborígenes e, deste modo, usando da supremacia da força e de divergências existentes entre os índios, destruíram toda a admirável organização administrativa incaica. Primaram os invasores na destruição de tudo que significasse o humano poder dos primitivos senhores da América, destruindo ídolos, monumentos e toda a civilização indígena.

Os aborígenes, conquanto não tivessem graficamente memorados os seus fastos e suas leis, conservariam a lembrança de seu passado, em coleções de quipus = pedaços de cordas cada um com nós de diferentes formas, pelos quais transmitiam sua história, talvez desde a Atlântida. Tudo foi destruído por Pizarro e seus comparsas. Desta forma foi destruída a civilização incaica talvez longínquo reflexo da civilização pré-histórica atlântida, origem da América, onde a arqueologia tem descoberto exuberantes provas de procedência atlântida, na multidão de representantes dessas eras, em monumentos, fósseis e outros admiráveis remanescentes que enchem museus.

Os índios americanos tornaram-se selvagens, mais pelas atrocidades e perseguições dos conquistadores que, procuraram enriquecer-se com os despojos de suas vítimas.

A civilização incaica, possivelmente longínqua continuação da civilização atlântida, pois que, a dispersão desse continente, não teria destruído por completo, tudo que a denunciasse... a civilização incaica deixaria vagas recordações lendárias guardadas nos caracteres psíquicos da raça, donde os belos princípios que deram cunho à organização administrativa de Manco Capaco, Inca I, e por isso, a orientação daqueles povos, no Peru e o México, tiveram o influxo dos sentimentos que os caracterizaram. O penoso contato com a *civilização* que Pizarro personificou atirou à barbaria os indígenas remanescentes da chacina cruel, para fugirem ao completo aniquilamento que lhes infligiu aquele conquistador, bem como seu comparsa Cortes.

Recordamos ainda ao “Império dos Incas”:

“A união da raça indígena até então adotada como base dos povoados, desaparecia, para dar lugar às excursões dos índios que se foram espalhando pelo Brasil onde a necessidade de floresta e a abundância da caça e pesca obrigaram os fugitivos a procurarem pousada. Em nome da civilização os espanhóis destruíram o povo e a grandeza a que os incas haviam atingido no Peru. Com toda a razão, Helvetius, em seu livro: “Tratado do Espírito” folhas 148, cita o verso de um médico, que em chegando ao Peru e vendo que não era da parte dos americanos, mas, sim dos próprios espanhóis que provinha a destruição, escreveu a Carlos V, referindo-se à descoberta do Novo Mundo: *“Ce n’est poin e nous ‘que somes barbares: ce sont Senheur vos Cortez e vos Pizarres, que pour nos mettie ao fait d’un systeme nouveau assemble contre nous lês prêtres et le bourreau.”*

Com não menores violências e crueldades e traições, nem inferiores infâmias, foram perseguidos os infelizes astecas do Império de

Montezuma. Como o Império dos Incas no Peru, desapareceu no México o Império dos Astecas. Pensando na orientação dos governos do Peru e do México, na índole de seus reis e de seus auxiliares, vê-se que esses homens tinham noções de leis e de sistemas e de costumes, certamente reflexos da Atlântida e é bem possível que os orientadores dos povos americanos desses tempos, reis e auxiliares, estivessem, talvez inconscientemente, continuando a Atlântida, de cuja história, estamos inclinados a crer que os grandes da época teriam vagas noções transmitidas pelos *quipus* que possivelmente, seria o sistema de memorar os acontecimentos desde a Atlântida.

É provável que o conhecimento desse sistema estivesse ao cuidado de pequeno grupo que os conquistadores terão sistematicamente trucidado, para destruir tudo que pudesse provar quaisquer sistemas de cultura, para que seus barbarismos fossem justificados como contra povos indomáveis e ferozes.

A duração dos governos incaicos e dos astecas, denuncia conhecimento de noções herdadas de ancestrais.

Dissemos atrás que seriam somente da elite os conhecimentos do sistema de memorar a fatos, pois, ainda em nossos dias foi normal a tendência dos potentados manterem na ignorância a massa popular.

Nos velhos tempos, desde a Atlântida, talvez até ao Egito, Ásia, Grécia e costas mediterrâneas, seria comum esse sistema que os incas seguiram e que foi corrente ainda nos primórdios de nossa nacionalidade: Ao povo não se dava instrução.

A identidade de sentimentos entre os governos do México e do Peru, consubstancia a nossa história de desprendimento das Américas entre si, separando-se o sul do norte, como conjecturamos em capítulo deste livro.

Também ao refletimos no ressurgimento da civilização com o Império Incaico, em 1118, nos faz pensar que alguma coisa de arqueologia deu luz ao criador do Império, milênios depois da catástrofe, ressurgindo a civilização entre os povos *barbarizados*. Algo de notável terão descoberto os fundadores dessa nova civilização, milhares de anos depois de extinta na América a anterior, atlântida, para em nossa era, época histórica não muito afastada, surgir a civilização incaica, como a Fênix, das próprias

cinzas. Onde esses homens escavaram reminiscência de civilização tão afastada, para fazê-la ressurgir depois de oito ou dez ou mais milênios?

Onde?!

CAPÍTULO IX - A LEMÚRIA

Os escritores que se têm ocupado das diversas lendas sobre continentes em movimento, divergem, entre si, na posição dessas realidades ou ficções pré-históricas. Entre os muitos escritores que vêm tratando do assunto, desde séculos antes de Cristo, a divergência de opiniões é notável: Pouca concordância num ou noutro ponto e, em quase tudo, hipóteses contraditórias.

O lugar que cada um desses problemáticos continentes teria ocupado no Planeta, continua em dúvida, na opinião de perscrutadores da história: Lemúria Atlântida, Gonduana, vão do Atlântico ao Pacífico e do Pacífico ao Atlântico na opinião dos que têm ocupado desses fatos ou lendas, ocorridos ou não, há milênios.

Destas lendas, a que menos tem ocupado a atenção de sábios e arqueólogos e a da Gonduana, possivelmente porque é lenda mais obscura e, parece-nos que não terá passado de modesta península escassamente habitada.

Também, nós, como da Atlântida, vamos apresentar hipóteses sobre esse continentes lendários.

Este capítulo, como se vê do título, dedicamos à Lemúria.

A Gonduana terá o seu. A Atlântida que, para nós, como para muitos, deixou de ser lenda, tendo tido existência real e notabilíssima, consideramo-la realidade fazendo-a assunto principal desse livro.

Menos discutida por antigos escritores, a Lemúria teria existido no Atlântico, onde vamos admiti-la ao ocidente da Europa, donde se terá desprendido ao emergir, abrindo o golfo de Gasconha.

Já tivemos ocasião de dizer que, com o esfacelamento da Atlântida as águas atiradas pelo bloco americano, teriam dado profundidade a Calais e extensão ao Báltico. A dispersão da Lemúria teria constituído a Groenlândia a Islândia, a Irlanda, a Inglaterra e os arquipélagos e ilhas do Atlântico norte bem como alguns arquipélagos e ilhas atiradas para sul.

Pelo que aí deixamos, vê-se que não negamos a existência da Lemúria, pois que, achamo-la justificada como mostram seus prováveis remanescentes. Temos, pois, admitido a existência da Lemúria que a princípio negamos.

Admitimos, pois, que a Lemúria tenha emergido, sendo logo vítima da dispersão, ao certo, catastrófica, quando a Vida ainda não se teria manifestado em sua superfície.

Algumas referências: Platão recebendo diversas informações sobre a Lemúria, não expôs ideias definidas sobre esse continente. Parece que a dúvida pairava em seu espírito: Sábio e filósofo, amigo da verdade, talvez por isso não firmasse sua opinião sobre o lugar da Lemúria. A emersão e dispersão desse continente, ter-se-ia dado antes que no ocidente da Europa houvesse criatura humana, pois que, a emersão dessa parte do Planeta seria recente e conseqüentemente a Lemúria estaria no mesmo caso.

Vejamos o que diz Alexandre Braghine sobre a Lemúria:

“Entre os continentes submersos, merece a Lemúria particular menção, porque as lendas que se referem à catástrofe que a destruiu tiveram sorte igual às relativas à Atlântida. Teriam sido os dois continentes aniquilados, vítimas do mesmo abalo sísmico? Esta hipótese parece plausível.”

Não pensamos do mesmo modo: Cremos que a Lemúria esteve pouco tempo emersa, não chegando mesmo, enquanto continente, a ter a Vida ao sol, e que em seus remanescentes, só milênios depois, terá surgido do próprio meio ou terá recebido o homem da Europa ocidental, a que pertencera, já em sub-raça.

Da Europa, parece-nos, seria a Lemúria a única terra que fracionou. A catástrofe geológica que teria atingido a Lemúria, terá sido muito menos violenta que a da Atlântida, pois, muitíssimo afastado um do outro continente e ainda outras vastas terras de permeio, um no Atlântico, outro no Pacífico, é absurdo crer-se fossem vítimas do mesmo cataclismo.

Além disso, a catástrofe da Lemúria terá sido de fraca violência, em vista do limitado número de destroços, ao passo que a catástrofe da Atlântida terá sido violentíssima: o mundo de destroços que coalham o oceano Pacífico são prova disso. Ainda um excerto de Alexandre Braghine, ampliando informações sobre a Lemúria, mas, tornando mais inverossímil a lenda, com a opinião de velhos sábios:

“Naquele tempo, acrescentam eles, a Lua, denominada Selene pelos gregos, ainda não existia. E, por isso, chamavam os habitantes do continente referido, de pré-selenistas, e diziam que habitavam um solo sob clima delicioso em prosperidade, até que, inopinadamente, a cólera divina os precipitou nos abismos do mar.”

Aí fica expressa outra lenda que não merece se pense na possibilidade de tornar-se realidade. Apesar disso, sugeriu-nos mais uma hipótese sobre a Lua-Selene, e exporemos o nosso modo de julgar este satélite de nosso Planeta, em capítulo especial, na Terceira Parte desta obra.

Continua Alexandre Braghine:

“Tradições análogas, a respeito da existência da Lemúria encontra-se entre os árabes e os hindus, mas, os sábios as encaram unicamente como mitos ou lendas populares, até que o grande naturalista do século passado formulou a hipótese de que essa terra incógnita devia ter tido milhões de anos antes, e que podia ter sido o lugar de certos mamíferos singulares chamados Lemúrios.”

A lenda da Lemúria entre os árabes e hindus parece não pertencer à pré-história. Terá sido de origem grega e referente à lenda dos tempos

de Roma, procedente das Lemúrias, festas que realizavam em Roma, em honra de Remo assassinado por seu irmão Rômulo. Leúres eram considerados duendes, almas do outro mundo, fantasmas. Pode ser, pois, de procedências mediterrânea essa história lendária que os gregos pudessem ter levado para a Arábia e para a Índia, vejamos ainda Alexandre Braghine:

“Avançando ainda mais, outro sábio – Salater – ia sustentar pouco depois que este continente, por ele denominado Lemúria, devia ter sido o berço da humanidade, e que Madagascar, a Índia Meridional. Sumatra e até alguns arquipélagos do Pacífico seriam apenas fragmentos do mesmo”.

Nada nos convence de que estivesse no oceano Pacífico, mais que a Atlântida, berço do homem, berço da raça amarela – o mais numeroso grupo racial do Planeta.

Inadmissível – Madagascar, Sumatra e arquipélagos do Pacífico, como pertencentes a Lemúria no Atlântico. À Atlântida pertenceriam essas ilhas e arquipélagos. A Lemúria só se pode admitir, insistimos, no Atlântico, e teria desaparecido quando em suas terras a Vida ainda não estava ao Sol. Mantereí esta opinião enquanto não conhecer a pré-história da Lemúria, que me convença do contrário.

Quanto à Índia é inadmissível fazê-la oriunda de qualquer continente extinto, quando ele está no sul da Ásia a que pertence e vem presa desde princípio, como já dissemos. A Atlântida é que ter-se-á desprendido do sul da Ásia em remotos tempos e terá emergido depois, milênios antes de qualquer outra parte do Planeta.

Encerrando o capítulo: Estamos já identificados com a Lemúria da qual, de princípio, negamos a existência, e cremos agora que de fato existiu, tendo sido, do Planeta, a senda vítima da derrocada.

As grandes ilhas do oceano Atlântico justificam essa calamidade geológica. Entretanto, como pensamos que o norte tenha levado mais, muito tempo que o sul, para emergir e parecendo que a Lemúria estivesse

muito pouco tempo emersa, se estraçalhando quando a Vida ao Sol, não se havia ainda manifestado, já sub-raças do sul perambulariam pela Europa Central.

Estes povos, muitíssimo mais tarde, ter-se-iam atirado ao mar incógnito do norte, povoando esses pedaços da Lemúria. Tanto essas terras receberam o influxo do homem, muitíssimo depois da Ásia, da África e mesmo da Europa Central que, já em nossa era exploradores normandos e escandinavos que andaram esquadrinhando terras pelos mares do norte, encontraram-nas despovoadas: Só viram um outro grupo de *Skrellings* que fugiram ao contato dos visitantes.

Esses arrojados exploradores terão passado de largo pela Groenlândia, onde teriam vislumbrado gentes daquelas assustadiças, meio homens, meio bichos, não pela estrutura, mas, pelo aspecto, cuja origem desconhecida faz supor provenham de ancestrais de outra estirpe, não semelhante da Atlântida. Mais tarde com o povoamento dessas paragens, é que foram se definindo e selecionando os povos daquelas terras: Normandos e escandinavos de procedência européia e nórdica e os esquimós (*skrellings*) que continuam ainda metidos no gelo, até que a regressão dos Pólos lhes faculte calor vivificante. E como essa regressão tem seu ciclo de vinte e cinco mil novecentos e setenta e seis anos, quem sabe quando esses *skrellings* sairão de suas tocas geladas.

Como estamos a terminar a Segunda Parte deste livro, da qual só faltam os capítulos – “A Gondwana” e o “Mar dos Sargaços”, vamos adicionar aqui mais uma hipótese sobre a emersão de continentes: Sem referência aos de emersão violenta, os continentes não terão emergido, mas, terão sido muito lentamente, durante longo tempo, levados à superfície pela lenta deslocação das águas que, com o andar espirálico do Planeta, do sul ao norte, vão percorrendo, como os Pólos toda a superfície do globo.



Figura 12 Atlântida ainda sob as águas, mostrando a península de Gondwana ao norte, próxima a China.

Como a regressão dos Pólos, esse movimento será ainda, por muitos decênios inatingível aos conhecimentos do homem não como hipótese que aqui fica, mas, como realidade que os homens, daqui a muitas dezenas de anos, poderão descortinar. Assim se pode conjecturar que a terra constitui um globo rugoso, como já dissemos em outro lugar deste livro.

Os continentes dispersos, o foram por formidáveis revoluções geológicas: Mudaram de posição, voltando a ligarem-se ao bloco central, como poderá suceder a outros pedaços do Planeta, enquanto houver matéria inflamável ávida do Sol.

CAPÍTULO X - A GONDUANA

Há hipótese de que Gonduana tenha sido continente ao sul da Índia, ao oriente da África, no oceano Índico, mas achamos inadmissível essa hipótese, pois, ali estaria a Atlântida.

A nós, parece que a Gonduana não terá passado de península da Atlântida e, neste caráter vamos dizer o que pensamos.

Consideramos esse pedaço de terra, como península da Atlântida, ao sudoeste da Ásia, com população pouco numerosa.

Quando tenha ocorrido a catástrofe que fracionou a Atlântida, também teria desaparecido a Gonduana. Da população desta península, ter-se-ia salvado pequeno número no sul da Índia e, provavelmente, procurando isolar-se de povos que lhe seriam estranhos, estabelecer-se-ia nalgum recanto de serra.

Vejamos o que diz Braghine sobre a Conduana:

“Há alguns anos, o professor Gardner organizou uma expedição, tendo por objeto o estudo do Oceano Índico, colhendo ao fim de nove meses de investigações, muitos dados sobre a antiga Lemúria que propôs chamar Gonduana, e concluindo afinal que esse continente ainda devia ter existido no tempo dos grandes sáurios, mas que fora destruído antes do aparecimento do homem sobre a Terra.

Outros sábios conseguiram evidenciar que esse continente deveria ser muito montanhoso, sendo que alguns de seus vestígios ultrapassam, por certo, três mil metros, em um tempo em que os Alpes e o Himalaia ainda não existiam.

Gonduana submergiu tão profundamente que seus picos mais elevados ainda se acham cobertos por uma camada de quinhentos metros de água. As conclusões de Gardner colocam-nos em face de um dilema: Ou se admite como ele, que as lendas concernentes a Gunduana tiveram origem entre os povos que existiram milhões de anos anteriormente aos gregos; ou teremos que supor que a Gonduana submergiu muito mais tarde, em contradição com o fruto de seus estudos...

Quanto a mim opino que é conveniente adiar o julgamento para quando novas luzes tiverem sido obtidas por investigações posteriores.

Encontra-se, porém, entre os autores clássicos, que se ocuparam da Gonduana, um pormenor imprevisto.

Como referimos, dizem os mesmos que os seus habitantes não conheciam a Lua. Neste ponto estamos nos domínio da astronomia.”

Com que razões o professor Gardner muda o nome de Lemúria ou de Atlântida para Gonduana quando aqueles nomes vêm de recuadas eras e como Lendas? E porque coloca a Lemúria no Pacífico quando a maior parte dos antigos escritores colocam-na no Atlântico?

São hipotéticos disparates a divergência de opiniões de sábios que dissertam pela rama, assuntos de tão alta transcendência. São opiniões tomadas a esmo, sem nenhum critério científico, histórico ou geográfico.

Bem fez Braghine em deixar para depois, quando investigações posteriores derem mais luz sobre o obscuro caso da Gonduana como continente... Afinal: Gonduana teria sido, quando muito – península do norte da Atlântida, e os seus remanescentes, os Gondes, não podem confirmar outra cousa. Se estão na Gonduana, possivelmente escuso

recanto de serra na Índia, há milênios e ainda com escassa população, é que o seu elemento étnico primário seria muito limitado.

Gonduana seria, talvez, península inhospita e, por isso, pouco povoada.

CAPÍTULO XI - O MAR DOS SARGAÇOS

A “Escrita pré-histórica do Brasil” do ilustrado escritor Alfredo Brandão que, a esse mar faz referência, dando-o como remanescente da Atlântida no oceano Atlântico, como o têm feito muitos escritores que se têm ocupado desse continente e daqueles destroços desde Platão e outros da mesma época.

Essa *Escrita* sugeriu-nos a elaboração deste capítulo, em que emitimos o nosso pensamento sobre o mar dos Sargaços.

Como os leitores terão visto é, para nós, inadmissível ao ocidente o lendário continente quando lenda. Transladado do sul da Ásia para oriente e que se podia admiti-lo depois da translação, ao ocidente das colunas de Hércules e do mesmo modo, o objeto deste capítulo, também remanescente da Atlântida.

Consequência da catástrofe da Atlântida, o mar dos Sargaços será constituído de multidão de destroços da dispersão daquele continente, atirados em sua frente com outras escórias parte das quais, o mar agitado iria engolindo.



Figura 13 América atual mostrando a descida para sul.

Impelidos pelas águas que o bloco americano traria pela frente, os Sargaços quedar-se-iam no lugar em que se acham, pelo encontro dessas águas com as da costa européia, em consequência do movimento das marés. Depois, o constante fluxo e refluxo das águas das costas da América. Europa e África, estabilizariam esse conglobado de vegetais e destroços multiformes, certamente compacto por sua natureza, e mais pela compressão das águas e de outros destroços decorrentes da grande calamidade, e assim ir-se-iam estendendo em superfície e em profundidade, para daqui a milhões de anos, transforma-se em ilha flutuante com o concurso de mil cousas que o mar lhe irá atirando... E de ilha flutuante chegará a atingir o núcleo central do Planeta e aí estabilizar-se – *novo continente*, que poderá ser um Paraíso, pela uberdade do solo e pela absoluta ausência de elementos revolucionários (vulcões e matérias explosivas). Quando muito, de inflamáveis, no fim de incalculável tempo criará alguma hulha útil mas, inofensiva. Da mesma procedência há outras aglomerações de Sargaços, no sul da África, provavelmente pelo encontro das águas do Índico com as do Atlântico. Há, também, no sul-oriental da América igual acúmulo da mesma matéria e, certamente de igual procedência.

É essa a concepção que nos ocorreu sobre essas zonas aquáticas em flutuação.

3ª PARTE Cosmogonia Hipotética

À feição de preâmbulo

Como dentro desta obra há muito de conjeturas, a par de realidades, ampliamo-la com mais esta Terceira Parte, para mais tempo termos a presença dos leitores manuseando estas páginas, onde encontrarão, além de leves fantasias, estranhas hipóteses desafiando a argúcia de estudiosos.

CAPÍTULO I - O INFINITO

Imaginamos que o Infinito compõe-se dos mesmos elementos que constituem os *Mundos* (Planetas), e que, em turbilhão pacífico agitam-se entre os agregados celestes, sem atingir-lhes a estabilidade, a não ser permutando elementos vitais.

Esses elementos representados materialmente, por átomos que se atrairão segundo a matéria específica de cada um, ir-se-ão transformando em nebulosas. Estas ir-se-ão avolumando com o desenvolvimento de suas unidades cósmicas, para, com número incalculável de anos, depois de terem em seu conjunto, indivíduo que atinja o controle do grupo, constituir-se em constelação; daí, sistema planetário, independente quanto ao bloco, mas subordinado ao movimento do Universo em que se tenha constituído, isto é: dentro do qual se tenha constituído.

A reunião desses elementos cósmicos, obedecerá ao peso, volume e tendência natural de aproximação provocada por contínuo turbilhão que movimentará o Cosmos. Assim, possivelmente, serão formados todos os corpos celestes, cuja constituição cósmica, apanha no Espaço, átomo a átomo, célula a célula, bloco a bloco, terão todos os mesmos elementos específicos.

Dissemos que os átomos atraem-se conforme a sua espécie, peso e volume, e, efetivamente, cremos nisto, mas como não convirá à normalidade de movimento universal, blocos excessivamente volumosos, o Criador, os mantém em permanente turbilhão, provocando a pluralidade de formações: Não se poderão constituir em agregados muito volumosos, para não perturbarem a Ordem entre as entidades celestes.

CAPÍTULO II - O UNIVERSO

Veiga Cabral, em seu livro “Lições de Cosmografia”, relata que o célebre astrônomo Newcomb, diz:

“A coleção de estrelas que chamamos Universo é de extensão limitada.”

Por aí se pode admitir inúmeros sistemas cósmicos, fora de nossa visão; o conjunto será incontável e imedível: Não tem limite, não tem número, não tem extensão apreciáveis: É infinito.

Entretanto, o nosso Universo visível será medível, porém, não contável porque as transformações de seus elementos serão constantes, embora subordinadas a ritmo perpétuo demonstrando pela estabilidade dos corpos que o compõem.

A translação de nosso Universo, efetuar-se-á em incalculável órbita, possivelmente hiperbólica, mantendo cada um de seus componentes, individuais ou coletivos, o movimento espirálico sincronizado, segundo o volume de cada indivíduo ou conjunto (sistema planetário, constelações, nebulosas ou quaisquer formas de agrupamentos cósmicos).

Pela atração coletiva recíproca e relativa, a posição se conservará constante e uniforme. Os cometas, presos a cada corpo coletivo, terão subordinação absoluta dentro de cada órbita elíptica, desse corpo, ao redor de seu sol ou Centro; e os de parábola ou hipérbole, a terão enquanto correrem no campo de nosso Universo; fora daí não manterão quaisquer relações sensíveis. Entretanto, os cometas parabólicos, possivelmente saneadores providenciais, como os subordinados ao Sol, terão, únicas, o privilégio de visitarem periodicamente, outros. Universos que povoam o Espaço intérmino.

É esta a nossa concepção do Cosmos, depois que lemos que o Universo visível é o nosso que, considerado como Unidade, será medível.

A Via Látea, até agora considerada por muitos como multidão de destroços planetários, constituirá o nosso Universo. A sua forma fechada em círculo, mostrará o diâmetro; a sua profundidade, porém deve ser enormíssima e o seu destino, segundo o movimento espirálico, será incalculável, infinito, talvez.

Dos conglobados e indivíduos que constituem o grande Todo, o movimento de rotação não influirá no destino do conjunto, senão pela normalidade do movimento próprio.

A rotação terá o fim de manter o equilíbrio dos corpos coletivos ou individuais, sem relação com a translação do conjunto cósmico, que obedecerá ao movimento espirálico próprio.

A translação planetária de cada conjunto, porém, ante o Universo, será regulada pelo movimento espirálico, possivelmente sem atração central, mesmo impulsionada pelo conjunto espirálico sintonizado Universal.

Ainda: Convém acentuar que o caminho do nosso Universo, não é esse círculo láteo que vemos constante no céu. Este círculo nos parece tal, porque estamos no centro, isto é, fazemos parte de seu conjunto e, cremos, por isso, que será por ali o nosso caminho ou antes, o caminho de nosso sistema, com quem viajamos. Do que estamos convencidos é de que, o que vemos é a multidão de soes, sistemas, constelações, nebulosas e *tuti quanti* constitui o Universo visível, o nosso Universo.

Outros hipotéticos milhões de mundos que não vemos, nos cumpre olvidar: Não os vemos, deles nada sabemos: Esqueçamo-los.

Acentuamos, pois, que a Via-láctea não será o caminho propriamente dito, mas – veículo e carga ao mesmo tempo, isto é: o próprio Universo. Devemos convencer-nos, portanto, de que o movimento espirálico indica a nossa rota e, para que todos os corpos celestes mantenham, matematicamente, a mesma posição, o sincronismo de seus movimentos, deve ser absolutamente indispensável para a exata posição de seus componentes.

Parece-nos, assim, que o movimento espirálico, até há pouco de limitada importância, era atribuído só à Terra talvez, e será entretanto, mais notável movimento de todas as esferas celestes, porque, será ele que assinala o caminho que nos leva ao Infinito.

Parece que o Universo vai em direção de norte, caminho de Hércules, que o Sol segue, dizem astrônomos... mas nunca alcançará, porque, provavelmente, Hércules levará a mesma proporcional velocidade, e ambos fazem parte do grande Todo.

O movimento espirálico sintonizado, assinalará a translação de nosso conjunto cósmico, de modo que mantenham os seus componentes, individuais ou coletivos, a mesma posição no Espaço, dentro de nosso Universo. Se fora no sentido circular da Via látea, as posições seriam modificadas a todo o momento e o panorama celeste estaria em contínua mutação de aspecto. Vejamos: Tomemos a Via látea como um anel de largas dimensões e coloquemo-lo deitado. Seja o plano superior o norte, para onde, cremos, caminha o nosso Universo. Nesta posição os seus componentes manterão sempre a mesma situação, mas, cada indivíduo ou conjunto na sua órbita permanente: Será como se esse conjunto mantivesse marcha para o mesmo ponto e, cada indivíduo ou grupo, com seus movimentos particulares dentro da zona de sua própria ação. Naturalmente, todos os outros astros que vemos a qualquer distância, estarão subordinados ao movimento do que chamamos Via látea, que será o núcleo central de nosso Universo. Essa multidão de astros que, pela distância, nos parecem separados, obedecerão o movimento central, ou antes, possuem os mesmos movimentos de propulsão e rotação, pois que ante esse conglomerado colossal que vemos, deve existir a necessária relação para que os vejamos sempre nas mesmas posições, aparecendo e desaparecendo de modo que os veremos em lapso de tempo certo e também nas mesmas posições. Assim, fica subentendido que não julgamos a Via látea só por si, o nosso Universo, mas, o núcleo central mais perto de nós.

O movimento de translação do conjunto universal, cremos, será vagarossíssimo, o que não afetará, dentro de sua órbita super-hiperbólica, a velocidade do movimento de todo o seu conjunto, visto que, seus componentes têm os próprios movimentos sintonizados dentro do grande Todo.

Quaisquer dos conjuntos ou indivíduos = Sistemas planetários, constelações, nebulosas ou astros isolados, deverão manter sempre a mesma posição, de modo que, cada um vê seus companheiros sempre no mesmo lugar, em cada espaço de tempo correspondente ao ciclo de rotação e translação de cada um: São todos companheiros de viagem que

se avistam de quando em quando, para um adeusinho de longe, cada qual com seu lapso de tempo diferente, porque, cada qual tem sua marcha peculiar à missão que Deus lhe deu.

Aparecem, de vez em vez, estranhos que vêm conhecer-nos, mas, breve se vão: Serão sujeitos *desocupados*, vagabundos talvez que percorrem a imensidade por diversão... ou serão soldados de Satanás extraviados, que andam por toda a parte tentarem os humanos de todos os Mundos... ou talvez, providenciais higienizadores do Espaço... Deixamo-los correr na amplidão, e prossigamos.

UM APÊNDICE AO CAPÍTULO

Como fizemos, convite aos estudiosos, para concorrerem com sua colaboração, no sentido de ser ampliada, largamente desenvolvida, alguma edição desta obra, com colaboração coletiva, já se sabe: Para fins beneficentes: e como contamos antevendo a Via látea fora do lugar em que a colocamos, com o que não concordarão os astrônomos que *enxergam por mil*, com seus aparelhos de alto alcance. Mas, lembro que minha *Cosmogonia* é hipotética, portanto, ficção, como quase tudo que aqui vai... por diversão, e que continua sem alteração de intento: Ficção! Passa-tempo! ... Mesmo porque, não somos astrônomos para escrever de verdade sobre assuntos de tão alta transcendência; mas há nestas páginas, alguma coisa certa.

CAPÍTULO III - O SOL

Julgamos que o Sol, bem como os Planetas de seu Sistema, possui como os demais corpos celestes, o movimento espirálico, a fim de manter uniforme posição e conseqüente unidade. Parece-nos ou antes, estamos convencidos de que é de propulsão o movimento espirálico, em direção a certo destino no Espaço.

O Sol terá sua massa sempre candente, naturalmente pela velocidade de seu movimento de rotação e, possivelmente, também de translação.

A matéria de que será constituído, como os Planetas que lhe são subordinados, deve ser também a de todos os indivíduos que fazem parte de nosso Universo, visto que, esses elementos deverão estar eternizados, em todo o nosso céu.

As manchas do Sol serão instáveis, como que flutuantes, dizem astrônomos. Não terá essa aparência conseqüente do movimento espirálico? Ou será conseqüência da reunião de matéria em fusão que irá à superfície modificando-lhe a perspectiva? O deslocamento dessas manchas, do Oriente, para ocidente, poderá ser também pela ação rotativa espirálica.

Sem alcançar Hércules que também anda célere, o Sol vai em sua direção (de Hércules) a dez quilômetros por segundo; é um milhão e trezentas mil vezes maiôs do que a terra; sua luz gasta oito minutos e quatorze segundo para chegar à Terra, o que equivale a cento e quarenta e oito milhões e duzentos mil quilômetros; e o seu diâmetro é cento e nove vezes maior do que o da Terra; o seu volume é quinhentas vezes maior que o de todos os Planetas do Sistema; e o peso é o maior que o de todos eles – setecentas e cinquenta vezes.

Os astrônomos apavoram os povos com a possibilidade de esfriar o Sol. Estejamos, pois, com as malas prontas para a penúltima viagem. Faltar-nos-á a derradeira – o Nirvana, o Nada absoluto: *Folha queimada e reduzida a pó impalpável atirado na amplidão. O Requiescat eterno. O último sono sem mais acordar... no fim de milhões de anos, mais ou menos.*

CAPÍTULO IV - OS PLANETAS

Dos Planetas do Sistema Solar, conhecidos, a Terra seria o sexto atirado ao Espaço, em matéria cadente como o próprio centro de que procede. Este, certamente, teria sido atirado, por potestade cósmica mais vigorosa, controladora de diversos agrupamentos celestes.

Talvez Hércules seja um dos grandes detentores de congelados cósmicos e o Sol com sua aérea companhia seja um de seus seguidores.

Quando ainda em esfericidade indefinida e em alta cadência, teria o Sol há milhões de anos, simultaneamente atirado ao Espaço fragmentos informes que, pelo movimento rotativo com que se desprendera, além da atração central, tenham tomado a forma esférica.

Assim seria constituído o nosso Sistema Planetário, atirado simultaneamente, durante tempo incalculável, um a um, partindo do mais afastado.

Alguns de nossos Planetas, enquanto incandescentes, por sua vez terão atirado satélites subordinados aos mesmos princípios de esfericidade, rotação e translação.

Deste modo terão sido expelidos pelo Sol – Netuno, Urano, Saturno, Júpiter, Asteróides e mais – Marte, Terra, Vênus e Mercúrio que terá sido o último, quando o Sol já estivesse com sua esfericidade definida e sua massa em definitiva forma, tanto que, haverá tempo incalculável e nenhum Planeta mais se conhece de procedência solar, depois de Mercúrio.

Os satélites do Sol, quando ainda, incandescentes, atirariam ao Espaço, subsatélites que ficar-lhe-iam subordinados e ainda hoje os rodeiam.

Vamos enunciar a *família* aérea de nosso Sistema Solar, relacionando-a e a seus satélites: *Netuno* só deu – Tritão; *Urano* deu Ariel, Humbriel, Titânia e Oberon; *Saturno* deu Minas, Encelado, Tetis, Hiperion,

Japet e Phoebe; *Júpiter* deu Io, Europa, Ganimedes e V, VI, VII, VIII e IX; *Marte* deu Phoebus e Deimos; *Terra* deu a Lua.

Particularidades de nossos Planetas: *Mercúrio* – Corre 48 quilômetros por segundo e, em 88 dias completa sua viagem ao redor do Sol, com o percurso de 444.000.000 de quilômetros; *Vênus* – Corre 36,8 de quilômetros por segundo e em 225 dias percorre ao redor do Sol 625.326.500 quilômetros... Está afastado do Sol 108.000.000 de quilômetros mais ou menos; *Terra* – Corre 30 quilômetros por segundo e em 365 dias, 5 horas, 40 minutos e 50 segundo percorre, ao redor do Sol 936.136.800 quilômetros, estando afastada do Sol 149.000.000 de quilômetros. O movimento de rotação sobre seu eixo é de 464 metros por segundo; – *Marte* – 24,5 quilômetros por segundo e faz seu percurso ao redor do Sol em 1.448.000.000 de quilômetros. Está afastado do Sol cerca de 238.400.000 quilômetros;

Planetórides – Para abreviarmos estas notas deixamos de dar os característicos destes Mundinhos, nossos companheiros de viagem, embora diversos deles tenham relativa personalidade cósmica. São os pequenos da família e possivelmente, sem habitantes. Quando chegar a hora da desagregação de nosso Sistema Solar, estes *diabinhos* correrão pressurosos para o seio do Sol, como os pintainhos ao conchego das asas maternas, em dia de tormenta. E, que viagem... Estão longe do Sol cerca de 418.320.000 quilômetros. Porém, estes *pequenos* não o são tanto quanto parecem à primeira vista: Deles há de 400 a 800 quilômetros de diâmetro. Cá na *Terra* já seria um bom latifúndio. Esses *filhotes* estão entre Marte e *Júpiter*. Desta ninhada, quase uma multidão, não chegam a meio cento os que merecem alguma atenção; *Júpiter* – Percorre sua órbita em cerca de 13 quilômetros por segundo, e seu ciclo ao redor do Sol é de 4.856.000.000 de quilômetros, e sua distancia do Sol é de 777.216.816 quilômetros; *Saturno* – Faz sua rotação em 10 horas e 14 minutos a 9842 metros por segundo e, em sua translação ao redor do Sol, corre 9.150.000.000 de quilômetros, e está afastado do Sol, cerca de 1.427.480.000 quilômetros; *Urano* – Efetua sua rotação com a velocidade de 6640 metros por segundo e a translação ao redor do Sol, em 84 anos, 7 dias, 19 horas e 48 minutos, e está afastado do Sol 2.871.000.000 de quilômetros; *Netuno* – Efetua sua rotação com a velocidade de 5.311 metros por segundo, e sua translação em 154 anos, 38 dias, 7 horas e 10 minutos e sua distância do Sol é de 4.498.370.000 quilômetros.

Essas distâncias são como todas as coisas *aéreas*: Nelas haverá, as vezes, diferenças de milhões que, em geral, não se leva, em conta, porque em nada afeta a nossa integridade. Além disso esses milhões podem ser para mais ou para menos, pois, aos astrônomos faltam aparelhos de precisão absoluta para essas medidas. Mesmo de coisas que não se medem e que, por assim dizer, estão ali do outro lado da coxilha, mesmo de coisas assim, como a Lua que ainda não se sabe se é fria de matar ou quente de torrar qualquer vivente, mesmo de coisas assim, as opiniões divergem.

CAPÍTULO V - A GÊNESE DA TERRA

Atirada no Espaço em matéria candente, composta provavelmente, dos mesmos elementos de que se compõe o Sol, como todos os Planetas de seu séqüito, porque será essa a composição atômica do Universo, a Terra terá levado milhões de anos a completar a sua atual esfericidade, com seu núcleo térreo e superfície cobertos de água, cujo equilíbrio manter-se-á, como até agora, pela ação rotativa e o concurso de pressão atmosférica.

A Terra, como os demais Planetas, em seu peregrinar pelo Espaço do redor de seu centro – o Sol, se foi saturando de todos os elementos que lhe enriquecem a estrutura, adicionados aos que lhe advieram do Sol.

A Terra tem um único satélite – a Lua a qual dedicamos um capítulo.

Atribuímos aos demais Planetas de nosso sistema, estrutura, composição e evolução semelhantes às que nos conduzem Universo a fora.

A Terra move-se de ocidente para oriente em 23 horas 56 minutos e 4 segundos, em rotação sobre si mesma, com a velocidade de 454 metros por segundo, no equador, o que corresponde, aproximadamente, metade para o dia e metade para a noite. A rotação da Terra sobre seu eixo percorre cerca de 40.000.000 metros. O seu movimento de translação ao redor do Sol é feito em 365 dias, 5 horas, 40 minutos e 50 segundos, também do ocidente para oriente com a velocidade de 29976 metros por segundo ou sejam 936.135.800 quilômetros ou menos.

O Planeta ter-se-á conformado pela ação cósmica do Sol, obedecendo, em seus delineamentos a estrutura imposta pela rotação que lhe terá imprimido o Astro-rei, quando o atirou ao Espaço. Assim sendo, a parte que se solidificou seria em bloco único, regular, se não fora o movimento vulcânico interno, rompendo, de vez em vez, a crosta terrestre, para dar saída ao que ainda há de candente do interior. Isto concorrerá para adentrar a crosta, que a fereza humana vai reduzindo a farelo.

Possivelmente, grande volume dessa porção incandescente terá irrompido com as grandes catástrofes da Atlântida e da Lemúria, indubitavelmente.

Ah! ... mas, ainda há muita coisa a irromper do enorme ventre do Planeta, pois, além de numerosas e escancaradas aberturas em pela irrupção, outras se abriram em terra e no mar, imergindo e emergindo ilhas e arquipélagos. Essas crateras, aqui e ali, em ilhas e continentes, sem cessar umas, outras, de quando em quando, vomitando lavas incandescentes, varrendo de vez em vez, as proximidades dessas aberturas temíveis, levando de roldão tudo que lhes esteja no caminho. E assim, dentro de incalculáveis milênios, por falta de calor solar e por crescimento do vácuo que, além do mais, os homens distendem no seio da Terra que, dentro de tempo incalculável, morrerá gelada e inerte rolará atraída pelo Sol que também está esfriando, como parece pelo crescimento de suas manchas, e terá o seu *requiescat* no formidável ventre de Hércules... se este Hércules não estiver sentenciado ao mesmo trágico fim. Antes disso, porém, o sol levará ainda muito tempo, até que chame à ordem os seus satélites, para que o acompanhem na grande viagem da morte.

Apresentar-se-ão todos, e serão recolhidos em seu seio soluçante. Mas... isto será daqui a muito tempo, milhões de anos incalculáveis, por isso, não percamos a esperança de, então, estarmos a coberto dessa calamidade. Esse lúgubre fim de mundo... ou, a retração de espaços vazios e conseqüente depressão, mais ou menos violenta, podendo provocar o esfacelamento do Planeta, nossa amada Terra, ou a sua antecipada viagem Infinito afora... ou menos que isso – confrangendo, diminuindo o volume pacífica ou catastroficamente e, daí, aumentando a rotação, e disso, o encurtamento dos dias, do mês, do ano, pela velocidade fulminante que tomará a sua translação.

Conjeturas... conjeturas que se poderão realizar, quem sabe quando; talvez centenas de milhares de anos não muitos; porque, os homens cavam... cavam em busca de ouro, petróleo, ferro e mil coisas que a Terra possui e os homens precisam para se destruírem mutuamente, *fraternalmente*, ou a Terra acabará, magrinha, vaporosa, leve, crosta reduzida a *pelanca*, para se rebaratar com as formidáveis bombas incendiárias que os homens subindo... subindo... lá das nuvens

atirarem sobre elas, a Terra, matando, ferindo, destruindo gentes e cousas.

Terra! ... Temos pensado na multiforme capacidade criadora que possui este fragmento do Sol: Ouro, prata, ferro, rochas e admirável variedade de outras utilidades para todos os fins.

O punhado de chamas que o Sol terá atirado ao Espaço e do qual se teria formado a Terra, foi a fonte de todas as riquezas que possuímos. Foco ígneo, durante seu longo peregrinar pelo Espaço, enquanto informe iria atraindo do Éter o crescimento das riquezas que encerra! Cremos que nesse voltear, obedecendo seu Centro, foi se saturando dos elementos que lhe enriqueceram a estrutura, além dos que o Sol já lhe houvesse concedido.

Todos os satélites do Sol, terão os mesmos elementos? Estarão eterizados no Espaço os mesmos corpos que materializam os Planetas?

– Provavelmente no Éter e eterizados, estarão todas as matérias de que compõem os corpos celestes.

A Terra, quando incandescente e atirada no Espaço pelo Centro de nosso Sistema Planetário – o Sol, terá, como trapos, flutuado durante tempo incalculável, sem o ritmo atual, até que a forma esférica definida lhe fosse impressa pela ação controlada do Sol... E, já esfera, continuaria semifluída ainda por largo tempo, até que a química celeste fosse transformando a matéria heterogênea e, dali, o Poder Criador, fosse separando os diferentes elementos que constituem toda essa mina inesgotável que o homem, ainda na infância, vai admirando, gozando e destruindo.

A Terra em primitiva fase esferoidal, teria sua crosta ainda ondeante no giro diário e em sua translação ao redor do Sol. Devido à sua substância ainda maleável, o seu movimento oscilante, a instabilizaria na ação solar, dando-lhe movimento de avanço e recuo, como a fugir da órbita para onde a força central a atrairia constante, normalizando afinal o movimento sincrônico. Ao entrar período primário, a subordinação ao Centro já seria completa.

Deixamos o Planeta em estado apenas definido e tomemo-lo agora na era primária, na eclosão da Vida no fundo das águas.

Poderão os geólogos determinar a idade dessa era? De que forma estariam os elementos nessa fase? Difícil problema! ... Só hipóteses... Nem isso!

A formação normal do Planeta deve ter sido, depois da fase ígnea, em massa informe todos os seus elementos que, durante as subsequentes eras, foram se selecionando, separando-se por espécies, constituindo minerais, rochas e utilidades de toda a espécie que o homem, produto da última metade do período quaternário, vem adotando a seu uso.

Do fim da era primária em diante, a Vida teria começado a esboçar-se no fundo dos mares, como o aparecimento de seus primogênitos – moneras – substância ainda indefinida, sem forma vegetal, nem animal, segundo Haeckel. Esses princípios de Vida ir-se-iam desenvolvendo, ampliando-se seus elementos, a Vida tomando formas varias durante tempo incalculável, sub e sobre as águas, isto é! Desde o fundo dos mares até a superfície da Terra.

A Vida na era secundária teria sido já pujante, em formas e dimensões: Espécies de vegetais, raças de animais ir-se-iam definindo, surgindo e desaparecendo em formas e espécies transitórias, transformando-se, obedecendo, certamente, ao Espírito Criador – Deus. Na multiplicação de raças e tipos de animais, na diversidade de espécie de vegetais, aquelas e estes da mesma gênese, a mesologia terá tido notável importância, como até hoje, mesmo em raças e espécies definidas.

E foi nessa ascensão de Vida e de Progresso que, do antropóide, completo seu ciclo de evolução, surgiu o homem, entre humano e fera, donde tempos depois, terá vindo o *homem sapien*, antecessor do atual, há cerca de cinquenta mil anos.

CAPÍTULO VI - MOVIMENTOS TERRESTRES

Interessante movimento da Terra é o da inclinação de seu eixo, constante e sempre uniforme, em direção a certo ponto do céu, parecendo derivar para o ocidente, de modo que, no fim de 25976 anos completa a volta ao redor do Planeta... ou antes, o Planeta completa esse ciclo no tempo aludido, um pouco ao sul do ponto inicial, como esboçando espiral. Este desvio dos Pólos irá deslocando as Estações e, conseqüentemente, com o correr de milênios toda a superfície da Terra terá experimentado todas as temperaturas. É como renovação de suas propriedades criadoras, porque, cada Estação de gele é época de descanso, visto que tudo adormece: A Vida estaciona em toda a Criação.

Tem o nosso Planeta, diversos outros movimentos, aos quais não fazemos referência especial porque escapam de nosso tema e... de nossa aptidão. São assuntos para astrônomos. Além disso, estender-se-ia demasiado, assunto fora de nosso programa, conquanto nos vamos enfiando por ele, como *piolho por costura*.

Pensamos que, pelos diversos movimentos a que está sujeito o nosso Planeta, como seus irmãos todos subordinados ao Sol, pensamos que, também, o Sol obedecerá a um Centro, possivelmente Hércules, em cuja direção vai com seu séqüito, talvez parabolicamente, em seu movimento de translação adstrito ao nosso Universo. Pensamos que multidão de conjuntos como o de Hércules e ainda mais potentes, constituem o Universo Visível, cujos incontáveis elementos estarão presos entre si, por atrações desconhecidas. A multidão desses astros, mantendo posições ignoradas, desde sua origem, sem modificações sensíveis, levamos a pensar que o céu conhecido ou visível, constitui um enorme agregado celeste que vai em hipérbole Espaço afora, à feição dos demais componentes dessa mole colossal em especial e sem jamais passar pelo mesmo lugar. Esse conjunto de dimensões fabulosas, nessa viagem pelo Infinito, terá todos os seus componentes obedecendo a um Sistema geral que levará toda a multidão de – Sóis, Planetas, Estrelas, Constelações Nebulosas e etc., subordinadas a regime de união e marcha perpétuas.

Creemos que a lei de destruição e ressurreição seja permanente entre todos os conjuntos celestes, tal qual como a Terra, em todos os

reinos da Natureza, e assim, haverá decessos, catástrofes e mil acontecimentos e renovações nessa multidão e, naturalmente, como nada deve desaparecer, estará o Universo em constantes e multiformes transformações entre os indivíduos que constituem o seu conjunto cósmico, e o Espaço sempre em contínuo movimento, sem que o homem disse se aperceba.

Quem poderá duvidar que isto não seja o real de toda essa Imensidade, da qual os sábios saberão pouco mais que qualquer mortal? É bem possível que, milhões de conjuntos de igual natureza na mesma faina de nascer, crescer, desaparecer e reviver eterna permanentemente se transformando, sem jamais acabar-se!

I

Os astrônomos têm descoberto, nos últimos tempos, estranhos movimentos no Planeta. Dentre esses movimentos planetários é notável a regressão dos Pólos, de que Flamarion já tratou, e a que damos capítulo especial. A regressão dos Pólos parece providencial, para que a Terra vá se transformando de modo que o solo sofra continuamente, em toda parte, certa ação de repouso que lhe revigore os elementos vitais.

Toda a superfície da Terra terá assim, temporadas de descanso, adormecida sob o gelo polar. E este movimento de vitalização, operar-se-á insensivelmente, em todo o Planeta, em ciclo de 25.976 anos, como já dissemos.

II

Algumas notas: A Lua tem 3840 quilômetros de diâmetro; é 49 vezes menor que a Terra; percorre sua órbita em 27 dias, 12 horas, 44 minutos e 3 segundos; está longe da Terra 384.600 quilômetros.

A *Luz*: Como para cálculos astronômicos é empregada a *Luz*, deixamos aqui consignado que sua velocidade é de 300.000 quilômetros por segundo.

A *Estrela Polar*: Está afastada de nós 46,5 anos de luz, o que representa em quilômetros 4.401.783.000.000.000.

A *Estrela Sirius*: Está longe de nós 8 anos e 8 meses de luz.

A *Estrela Próxima*: É nossa *vizinha* e está afastada da Terra – 3 anos e 8 meses de luz.

Há muitas estrelas que gastam 3.000 anos de luz e ainda mais para chegarem até nós.

Avalie o leitor a extensão de nosso Universo, com mais de 500.000 astros a tais distâncias. Será medível, entretanto, mas como? ... Jamais o homem poderá avaliar a extensão do Universo, mesmo visível.

CAPÍTULO VII - A LUA

Trazemos à *baila*, as vezes, citações nem sempre por estarmos conformes com opiniões estranhas, mas, pormos em evidência assuntos a esclarecer. Damos, assim, aqui, um trecho de Braghine:

“Naquele tempo, crescem eles, a Lua denominada Selene pelos gregos, ainda não existia. E por isso chamavam os habitantes do continente (Lemúria) de pré-selenitas, e diziam que habitavam um solo fértil e sob um clima delicioso em prosperidade, até que, inopinadamente a cólera divina os precipitou nos abismos do mar. Teria sido o nosso satélite constante comparsa da Terra, desde a origem desta, ou ter-se-ia ligado à Terra depois? E qual teria sido a perturbação cósmica que a colocou em nessa proximidade?

Contentemos-nos em recordar que, entre os povos os mais diversos, encontram-se lendas relativas à Lua e segundo os quais, não teria esta aparecido senão muito tarde o nosso Céu.

Possível é que a primitiva humanidade não tenha conhecido todo o encanto e a poesia de um meio lunar.”

Vamos agora expor o que pensamos em relação à Lua – Por que a Lua apresenta uma só face? Parece que os astrônomos já fizeram referência a esta situação da Lua, mas ainda nada definitivo temos lido sobre este estranho caso. Não queremos, entretanto, deixar em *branca nuvem*, um assunto ligado a nosso tema.

Pensamos sempre que o nosso satélite vem nos acompanhando desde que a Terra atirada no Espaço, em massa candente, pelo Centro do nosso Sistema Planetário, ainda nesse estado desse o seu satélite.

Vemos, porém, que opiniões várias sobre a Selene dos pré-selenitas, deixam lugar a interpretações divergentes.

Quem poderá afirmar que a Terra não tenha tido satélite desde antes de solidificar-se? – A resposta será problemática. O aparecimento da lua admite controvérsias.

Apresentamos, pois, as que os sugere a imaginação, isto, não só em relação à presença de nosso satélite, como ao modo singular de mostrar-nos ele uma só face. – Por que lhe é vedado mostrar-nos ambas? Isto parece demonstrar que a Lua não é contemporânea da Terra. A Lua terá aparecido depois, de modo estranho, mas, simultâneo, isto é, em seguida. Mostra-nos uma só face!... Então não acompanha a Terra, normalmente, mas, a par, de lado. De que modo, pois, ter-se-ia desligado da Terra?

Primeira hipótese: Seria ainda indefinida a esfericidade da Terra, quando *trapeando*, ainda incandescente, *zig-zagueando* ao redor do Sol, ter-se-ia desprendido de um de seus lados, do norte certamente, o fragmento que terá constituído a Lua, que se foi definindo ao lado da Terra, subordinando-se à rotação desta. Esse fragmento ter-se-ia desprendido dentre o Trópico de Câncer e o Círculo Polar Ártico, mais perto deste, pensamos, deixando para o lado do Equador uma face visto que sua rotação é subordinada a da Terra. Possivelmente, os habitantes do extremo norte (polares) verão a face que nós não podemos ver. E como a essa gene não terá chegado a civilização, tão cedo não teremos notícia dos característicos dessa face de nosso satélite.

Ao Pólo norte, desde muito tempo, têm ido vários exploradores, mas, estes homens, é bem provável que não se tenham lembrado de estudar esse aspecto da Lua, no sentido de conhecerem detalhes da face que não vemos e eles poderão ver: O cuidado com a rigidez da temperatura e a preocupação de não ficarem reduzidos a estátuas de gelo, não darão tempo de pensar em outras *diversões*. A Lua, quarenta e nove vezes menor que a Terra, obedecer-lhe-ia, desde logo, a atração como ainda hoje; mas, neste caso, fragmento da Terra, A Lua devia ter água em dizem que não a tem.

Segunda hipótese: se a Lua se tivesse desprendido dentre o Círculo polar ártico e o Pólo, o hemisfério sul jamais teria uma noite de luar, porque o nosso satélite só iluminaria o extremo norte, pois o Sol *desconfiado* de tão estranha posição da Lua, passaria de largo, lhe dirigindo, apenas, furtivos olhares de esquiva luz, então Diana procuraria

mostrar-se catita para atrair os raios solares: Phebo, porém continuaria sua rota, sem subordinar-se aos encantos de sua companheira do Espaço.

I

Ao lançarmos esta ideia lembramo-nos da Regressão dos Pólos, de que poderia decorrer modificação na posição da Lua. Acontece, porém, que a Lua, satélite da Terra manter-se-ia em qualquer caso, presa a atração terrestre.

Estes incidentes no seio de nosso Sistema Planetário, em nada modificaria a marcha do Universo, nem de nosso conjunto cósmico: Somente à Terra afetariam tais acontecimentos de que só a Lua como satélite, sofreria o reflexo.

Herschel, sobre outras particularidades da Lua, diz que esse nosso satélite tem a temperatura de água fervente e ainda mais alta... Outros dizem que é frio intenso, Dizem alguns que lá vivem selenitas... outros que lá ninguém vive.

Em que ficam os sábios? A Lua é quente ou fria? Vive ou não vive alguém na lua?!

Quando, do que está ali diante de nós, não há tão fundas divergências, o que se poderá dizer ou crer, do que dizem de outros corpos celestes, afastados bilhões, trilhões de quilômetros e muito mais?

Tudo o que se refere a essa multidão de Mundos que estrelam o céu, é inacessível ao conhecimento do homem, embora haja astrônomos notáveis, embora a astronomia seja admirável ciência embora a ciência dos números tenha atingido a perfeição, embora tudo isso, temos de deixar em hipótese quase tudo que se refere ao Cosmos.

II

Voltamos a Terra que é a nossa terra, e procuremos aperfeiçoar as possibilidades da Aviação, descobrindo e corrigindo e corrigindo falha aéreas que ainda assustam a muita gente.

Quando muito, estudemos o movimento dos Mundos visinhos, que se relacionam com os nossos.

CAPÍTULO VIII - A REGRESSÃO DOS PÓLOS

Já fizemos referência a este título de que procuraremos tratar a nosso critério.

A deslocação dos Pólos parece efetuar-se em contínuo regresso, vagarosamente, de norte a nordeste sem prejuízo sensível ao movimento normal do Planeta (rotação e translação), em linha circular com tendência à formação de espiral contínua, constante, segundo opinião de astrônomos. O ciclo de regressão exposto por anos até unidades, faz crer que o caso já está corrente entre os sábios, estando até previstas as constelações que darão, de seus grupos a estrela polar, isto é, aquela que na direção do Pólo note, se vê brilhar no firmamento.

Venho repetindo a duração deste ciclo, para que o leitor veja como perante o Infinito, o *Tempo* tem, ampla liberdade de estender-se indefinidamente, sem cansar, nem envelhecer... Jamais chegará a macróbio: Faz envelhecer o homem, os Mundos e as cousas em geral, mas ele, o *Tempo*, é sempre novo.

Conhecido o ciclo de regressão, localizadas as geleiras instáveis naturalmente pelo movimento de regressão, os geólogos ou antes, os astrônomos poderão determinar, na superfície do Planeta, a marcha dessa mudança de temperatura e dos Pólos, com milênios de antecedência. Admirável a astronomia e a ciência de cálculos, quando a competência as orienta.

Como a regressão dos Pólos se efetua insensivelmente, em tão alto número de anos, esse movimento terá passado despercebido, e não terá sido descoberto a muito tempo. Há tempo se atribuía a mudança de temperatura, à desmatação somente, entretanto, vê-se que essas alterações climáticas serão devidas, também, àquela deslocação desorganizadora da normalidade termométrica, decorrente da regressão dos Pólos.

Não será, pois, causa única a desmatação, que é efetivamente perniciosa, mas que, só não deve causar transformações de tanta monta, como a que se lhe atribuía. Sabe-se que no Pólo norte tem-se encontrado qualquer cousa-plantas e animais fósseis de clima temperado. Iguais

demonstrações encontrarão, hoje ou amanhã, no Pólo Sul, atualmente grande extensão sob as águas, mas que, daqui a milênios esses semi-humanos entre os quais, entretanto, parece que o barbarismo não tem guarida. Haverá talvez, entre essa gente o sentimento de fraternidade que, em muitos casos, escasseiam entre os civilizados.

I

Certamente, em consequência de ação exterior que impelirá o Planeta para trás, em seu movimento de regressão, o seu ciclo não se completa em círculo perfeito, daí a forma espirálica providencial. Retorna inclinado para ocidente, de modo que no decorrer de milhares de séculos os Pólos terão percorrido integralmente toda a superfície do Planeta. Esta digressão dos Pólos, visitando toda a superfície da Terra, a manterá úbere, dando, perenemente, vida a toda a Criação. O movimento de regressão dos Pólos, no qual o Planeta gasta essa porção de milênios para voltar ao ponto inicial, mas, m pouco ao sul, será espirálico, talvez em consequência de certo movimento levíssimo de propulsão, quem sabe se em paralelo e conjuntamente com todo o Sistema solar e também com o Universo conhecido, que constituirá um grande conjunto que assim marcha Infinito afora. Provavelmente, todos os Astros desse conjunto, serão atuados por igual movimento de propulsão espirálica, além dos movimentos adstritos ao Centro de cada conjunto. Diversos outros movimentos que possam ter quaisquer dos indivíduos aéreos, poderão ter relação com os membros centrais do movimento universal, mas, não afetarão o movimento coletivo do Universo. Com o movimento espirálico da regressão dos Pólos, jamais estes passarão pelo mesmo lugar, a não ser no fim do longuíssimo tempo ou, mais claro, em cada novo ciclo. Isto concorrerá para que a erra jamais se esterilize, porque durante os períodos glaciários descansará largos anos. E esses períodos são regulares, tanto que, os astrônomos os puderam calcular com precisão.

Encerrando o capítulo, poetizemos o movimento de

OS PÓLOS

Extraordinário! Que figura informe!...
Mole colossal de estranho aspecto,
Mais que Adamastor, gigante enorme,
Mais que Adamastor, feio conspecto.

Porém, nobre a missão: O Deus potente
Criou o Mundo e criou a Terra fértil;
Deu aos Pólos o viajar perenemente
Para manter o solo úbere e útil.

Em perene viajar marcham os Pólos,
Em largo ciclo percorrendo o Mundo;
Levam milhares de anos removendo solos,
Cavando serras, revolvendo fundo.

Não correm, andam sem mudarem passo;
Percorrem a Terra, em espiral constante.
Em miríades de anos abraçam o Espaço:
Rodam de norte a poente e de sul a oriente.

E vão assim, transformando cenas,
Mudando quadros reformando tudo,
Sem que o homem sinta o reformar de penas,
E o longo transformar de nosso Mundo.

Como em páginas atrás fizemos referência ao *Tempo*, damos aqui uns versos feitos em 1917 e constantes de nosso livro – “Da mocidade à Velhice”. – Como esse eterno macróbio é irmão colaço do universo, quisemos dar-lhe um lugar neste livro.

Aqui vais, pois

O TEMPO

Passa o *Tempo*, a hora soa,
Passa o *minuto* que voa,
Vem o *segundo* veloz;
O mês o *Tempo* atravessa
O ano passa depressa,
E o *Tempo* nos deixa sós.

Com o *Tempo* os séculos correm,
Milhares de Mundos morrem
E o *Tempo* sempre a passar,
Tudo se finda se acaba,
Só o *Tempo* não desaba...
Sempre há *Tempo* por chegar

Como Ahasvero lendário,
Cumpre o *Tempo* seu fadário,
Sempre, sempre a caminhar;
Ora se acha com a Vida,
Ora a Morte é sua lida,
Num constante labutar.

Quando o Bem o acompanha,
Caminha sempre com manha,
Te a hora de chegar...
Nesse momento se apressa



E marca, marcha depressa,
Sós nos deixando a penar

Sendo o Mal seu companheiro,
Vem chegando mui ligeiro,
Mas, sem pensar em seguir:
Com o Bem é breve a lida...
Não tem pressa de partir.

CAPÍTULO IX - PERÍODO GLACIÁRIO

Antes do assunto principal do capítulo, lembramos, como temos feito em outros lugares deste trabalho, que o estamos fazendo como exercícios de imaginação e passa-tempo, ora sob a impressão de algumas leituras que se relacionam com o nosso ponto de vista, ora divergindo, pomos ao Sol o nosso pensamento, sem subordinarmos-nos a opiniões alheias se o caso é conjectural.

Haverá muita cousa que os sábios e técnicos acharão erradas, mais, também nós, sabemos que há aqui muito de problemático, muito de hipóteses, muito de imaginário.

Em minha defesa enuncio: Reduzo a sinais gráficos – “fantasias, conjecturas e cousas imaginárias que afluem ao meu espírito, algumas das quais sei que, nem por *penso* passam por qualquer cérebro, por exóticas e inverossímeis, como histórias da *carocha*, mas, vou grafando.

Isto posto volto às geleiras.

Em geral os escritores que fazem referência a períodos glaciários, deixam ver uma época em que o Planeta sofre, neste ou naquele lugar, a frígida ação do gelo atingindo grande extensão. As geleiras a que se referem geólogos e escritores, serão consequência da regressão dos Pólos, que o movimento espirálico do Planeta vai, *pari-passu*, empurrando para o ocidente e que gasta, diversos milhares de anos para voltar à mesma longitude, mas , um pouco ao sul.

Nenhum metro da superfície do Planeta escapará à gélida ação desse movimento tonificador, que corresponde ao ciclo de 25976 anos.

Em conclusão: Parece-nos que os períodos glaciários tem íntima relação com a regressão dos Pólos, ou antes, os períodos glaciários serão consequência daquela fatalidade restauradora.

As geleiras, conquanto relacionadas com a regressão dos Pólos, podem ficar afastadas dos pontos atingidos por esse movimento, em consequência da declinação de terrenos e de correntes fluviais ao alcance dessa ocorrência, as quais – declinações e correntes – levarão longe os gelos, desde as proximidades da zona de ação de regressão dos Pólos.

CAPÍTULO X - A DECLINAÇÃO DA AGULHA MAGNÉTICA A NOSSO CRITÉRIO

A declinação da agulha magnética estará ligada ao movimento terrestre da regressão dos Pólos, ocasionada, quem sabe, pela atração contínua do Centro da Constelação de Hércules, provavelmente, mais ou menos divergente da atração solar.

Pensamos que a atração de Hércules será possível, pois parece que o nosso Sistema Planetário tem qualquer subordinação a essa grande constelação, rumo a qual vai, dizem astrônomos.

Atribuo a declinação da agulha magnética à regressão dos Pólos, cujo ciclo não se completa no mesmo ponto de partida, mas, um pouco ao sul.

Manuseei ligeiramente um tratado de topografia, não me lembro de que autor, e vi que a declinação da agulha magnética, ora vai para ocidente, ora para oriente.

Estará a terra à feição do brinquedo, entre Hércules e o Sol?

Na suposição de que aquele ciclo de 25976 anos decorra da atração de Hércules para o ocidente, creio será daí a declinação da agulha. Mais intensa a ação de Hércules, o Planeta efetua a regressão, mas, o Sol, quando mais próximo da Terra ou a Terra dele, em seu esforço heróico conseguirá alguns pontos para si. Disso será esse vai-vem da agulha magnética (?). Relacionar-se-ão, pois, a declinação da agulha magnética com a regressão dos Pólos e, decorrentemente com os períodos glaciais.

O movimento espiralístico que atribuo a todos os indivíduos aéreos subordinados ao conjunto de nosso Universo, em sua marcha hiperbólica (?), será caracterização aérea de eterno moto-contínuo.

Possivelmente, o gigantesco conglomerado de Sóis, Constelações, Sistemas Planetários, Nebulosas, Planetas, Asteróides e Átomos – fontes de toda a Criação, constituem cada Universo, separado, aparentemente, de seus semelhantes, por grande extensão de vácuo absoluto; é cada

Universo caracterizado por sua Via-Láctea determinando-lhe a extensão e concretizando-o.

A amplitude celeste é infinita, mas, o nosso Universo será mensurável, porque limitado... quando? – Quando aparelhos aperfeiçoados facultarem ao homem essa possibilidade.

Hércules será um dos grandes Centros Planetários a que se subordinarão centros menores; e que incomensurável parábola percorrerá?! E, de que incalculável tempo precisará o nosso Sistema para completar seu ciclo... ao redor de Hércules (?). Entretanto, ambos e outros quais tais, pertencerão ao nosso Universo. E, quem sabe se o próprio Hércules, conquanto grande Centro, não seja subordinado à maior Potencia Aérea naturalmente, submetida ao movimento sincrônico de todo o conglobado celeste que constitui o nosso Universo... isto é, todo o conjunto aéreo que da Terra poderá ser visto a olho nu ou armado.

I

Acabo de ler o número XI da Biblioteca Histórica do Brasil, correspondente à Missão do P. Antonio Sepp S. J. que, em uma de suas cartas diz:

“Sobre o magneto e a agulha magnética, na passagem do Equador a lingueta da bússola não se desloca, nem se altera no mínimo que seja.”

Como a agulha magnética é o assunto deste capítulo, dou aqui mais esta excentricidade da agulha, concorrendo para dar um pouco de luz às diversas hipóteses aqui expostas.

Singular ou normal esta imobilidade da agulha no Equador? Será isto o reflexo do Centro de atração de Hércules e do Sol, influenciando, em oposição entre si, na regressão dos Pólos? Por que a agulha que, em

outros lugares é em constante vai-vem, ali estaca? *Statu quo* e daí um ponto para Hércules? Será que no Equador se define a luta entre os dois gigantes e Hércules arrasta-nos para ocidente, para o ciclo Polar? Sabe Deus se não é isso... Flamarion já tratou desse caso, mas, nada temos deste astrônomo para consultá-lo.

Não sabemos, pois, o que dizem os capazes sobre a inquietude da agulha em toda a parte e esse descanso no Equador. Algum dia desvendarão esta esfinge e contar-nos-ão porque o *saco de gatos* do Pólo Norte, move-se constante e a agulha estaca no Equador! Será ali no Equador, que termina a arena dos dois lutadores, e o Sol entrega a fixa de um ponto a Hércules? Quem sabe!? Ou, o que também parece admissível: Ali a situação de ambos (Hércules e o Sol), exatamente no Equador, quando Hércules terá sua força diminuída pela distância (?) e o Sol terá seu vigor aumentado (?) pela proximidade, talvez por isto, será o Sol que marca pontos. Daí a estagnação da agulha que voltará a seu estado de oscilação, porque dali em diante o sol perderá parte de sua vitalidade e... a luta continua perenemente fora do Equador. Em cada passagem destas, esse fato se repetirá, pois, o caso do P. Antonio Sepp, não seria esporádico, mas, normal, de todos os tempos, porque, jamais essas duas entidades cósmicas – Hércules e o Sol – deixarão o curso de sua missão imposta pelo Criador dos Mundos.

III

Palestrando com um amigo, competente diretor de um curso de ensino superior, sobre a declinação da agulha magnética pela ação de Hércules e do Sol, segundo nossa hipótese exarada neste livro, palestrando assim, disse-me ele que, dizia-se haver no Pólo Norte, uma área de quilometro ou mais de extensão, em que a terra está permanentemente agitada, à maneira de um *saco de gatos*. Esta novidade não modifica a minha hipótese; talvez a justifique: Essa *gataria ensacada* denuncia, quem sabe, o lugar exato do encontro das forças dos dois potentes astros – Hércules e o Sol – no supremo esforço de cada qual

arrebatat a Terra para si. Será ali o jogo de forças dos dois gigantes, no caso, mais ou menos iguais, conquanto o Sol seja menos forte, mas equilibrado em força por sua proximidade do ponto da luta.

É de crer-se que a superfície, certamente esférica dessa *saco de gatos*, apresente ondulações permanentes, do ocidente para oriente e vice-versa, demonstrando a ação contínua dos dois atletas.

Esta contenda que, haverá milhões de anos, estará sendo debatida, quando cessará?

IV

Mas, porque os arrojados exploradores que andam a sondar os gelos árticos, ainda não *apalparam* esse *saco de gatos* para sabermos se já ali *gatos* ou eletricidade? – É possível que tenham que aquilo possa ser um sumidouro que os engolirá ao menor contacto, ou seja algum centro elétrico – que os arrojará a mil quilômetros dali. Será isso... O modo do desconhecido, conservará intacto o *saco de gatos!*

CAPÍTULO XI - AS MARÉS

Expomos aqui o que pensamos sobre as marés, pois, não cremos que a Lua possa, simples satélite, ter força de influir tão eficientemente sobre esse entrechocar das grandes águas.

Divergindo da opinião de toda a gente, sábios e astrônomos, eis o que pensamos: As marés não serão consequência da força ou atração lunar ou solar, mas do próprio Planeta, em quadrantes longitudinais – quatro posições pois: - Zenite e Nadir, Horizonte oriental e Horizonte Ocidental. Estas posições, em qualquer longitude, darão quatro movimentos de fluxo e refluxo das grandes águas. Avançam sincronicamente os quadrantes – Zenite e Nadi, quando os Horizontes oriental e o ocidental decrescem.

Aí estão os quatro movimentos em 24 horas, pois os quadrantes, com o movimento rotativo do Planeta, do ocidente para oriente, passam, suponhamos, pelo Zenite, donde a vazante desce para ocidente cuja vazante vai fazer cheia em Nadir que atira sua vazante para o oriente que, por sua vez vasa em Zenite... Assim fluxo e refluxo em 24 horas, logo = maré alta? Maré baixa de 6 em 6 horas.

Estes movimentos corresponderão ao da rotação da Terra. E' o vai-vem das grandes águas, consecutivo, dia e noite; e a noite a ação do Sol, em cada hemisfério, será talvez nula, podendo se pensar que não exercerá influência sensível, a não ser a que mantém o equilíbrio do Sistema de que é Centro.

Não será assim? Influencia da rotação da Terra em 24 horas e não do Sol, nem da Lua.

Estou aqui, e estou *na berlinda*, da crítica dos leitores; mas, lembro-lhes que isto tudo é de leigo que não leva em conta o que têm dito os sábios, porque, desde princípio declarou agir pela imaginação e critério próprios, como exercício mental o passatempo.

CAPÍTULO XII - O VÁCUO

Qual a origem, a causa desses espaços, aparentemente vazios, notados pelos aviadores, dentro dos quais (espaços) falha a normalidade do voo e os navios aéreos sofrem como que rápida, mas felizmente, curta queda?

Pode-se crer que o mundo (quantidade) de átomos devia ser constante em todo o Espaço celeste sem interstícios desocupados e, entretanto, há espaços onde o vácuo parece completo, denunciado pelos aviadores.

Não será possível que, esses espaços assim disseminados, sejam aglomerações acidentais de átomos de matérias levíssimas, que se acumulam em consequência de ação cósmica, desconhecida, ou pela atração simpática de cada espécie? – Talvez; mas, o fato é surpreendente, e quem sabe de quantos desastres de aviação terão sido causa esses fenômenos... E' possível. Por que não? E' possível que a multidão de átomos que representam matérias simples, permanentemente no Espaço, em constante mutação de posições, levados pelo conglobado geral que constitui o Universo; é possível que essa multidão de átomos representem matérias simples, já em nossos dias elevadas a mais de noventa. Assim sendo, será inevitável o colapso da nave, ao entrar em zona onde a vacuidade se apresente muito rarefeita pela ausência de Urânio ou de outros corpos pesados, e abundância de hidrogênio e semelhantes, levíssimos, onde o vácuo se torne irresistente, inapto para manter o equilíbrio do navio aéreo.

Essas falhas serão incorrigíveis por muito tempo, talvez até quando a ciência aviatória, encontre medida preventiva contra essa fatalidade, com aparelhagem que, ao aproximarem-se dessas áreas, possam atirar para a frente, corpos que restabeleçam o equilíbrio aéreo podendo conhecer, pouco antes, a zona perigosa. Pelo menos às naves pesadas e de passageiros será útil essa precaução.

Para que conheçam os corpos que nessas zonas poderão faltar, os técnicos inventarão algum dispositivo na parte inferior da nave que, ao cair num desses vácuos, pela pressão que exercerá nessa queda, recolha

qualquer porção dessa matéria cósmica que baste para verificar-lhe a espécie. E, depois, manter em permanente função, outro dispositivo que denuncie os corpos atômicos aéreos, para verificar a aproximação do vácuo, e o momento de suprir o Espaço perigoso com a matéria atômica pesada que faltar; e, para a regular marcha da nave, deve colher em dispositivo apropriado, de zona favorável, a substância atômica adequada para momentos ocasionais.

Os átomos que enchem o Espaço estarão em constante turbilhão, como já dissemos atrás, para evita a rarefação absoluta dos elementos aéreos que se atrairão segundo sua densidade. O turbilhão, por certo Providencial, evitará essa fatalidade para a aviação que, não fora isso, jamais seria realidade.

CAPÍTULO XIII - OS COMETAS

Já dissemos que o Universo visível, deve ser um dos admiráveis agrupamentos celestes constituindo uma grande Unidade. Este enorme núcleo, como inúmeros outros, povoam o Espaço: Aquele, nosso Universo visível; outros desconhecidos pela imensurável distância que deles nos separa e, por isso, vedados à nossa vista, mesmo a olho armado.

Dos Cometas, astros errantes, os astrônomos conhecem o percurso e a época do aparecimento de muitos deles. Mas, que papel representam estes indivíduos, no conjunto cósmico visível? Ignoramos a utilidade ou a missão destes *trasgos aéreos*; e parece que os astrônomos ainda não lhe atribuem quaisquer predicados nobres. Qual a origem e o fim destes singulares viajantes que percorrem o Espaço como *judeus errantes*, sem finalidades conhecidas? Serão produtos de colisões acidentais com outros corpos celestes, com os quais colidindo, perdem a rota normal. Pela violência do choque? Ou serão *elementos de ligação* entre a multidão de Mundos que gravitam no Infinito, uns de menor percurso que viajam por nosso céu, outros mais arrojados que passam rápidos e desaparecem para sempre? – Terão esses *exóticos* corredores estrutura igual a de nossos planetas? – É de crer-se que possuam diferente composição, mas, em alta incandescência, embora andem com pressa, às vezes, outras em *dulce for niente*, quando algum planeta os interrompe.

Estes *filhos bastardos*, não terão rotação sobre si mesmos; também para que, se estes traficantes são perfeitos desocupados, presos *de soslaio* pelo incandescente Sol, Centro de nosso Sistema, quando, descuidados, vagam por nosso céu. Também não terão movimento espirálico que nos parece comum a todos os elementos do Universo conhecido, o que julgamos provável por não terem movimento aparente de rotação: Em sua translação metem-se entre nossos irmãos do Espaço e presos a nosso Sol, vão correndo a *via sacra*.

O Universo visível, nosso Universo, como outros agregados cósmicos, constituirão um grande conjunto que, devido ao movimento de rotação, terá força de amarrar a seu campo de ação esses *vagabundos* aéreos, por intermédio de seus numerosos Centros Planetários.

A origem desses *cavaleiros andantes* também pode decorrer de acidentes cósmicos, que atirem ao Infinito corpos decrépitos que, desviados de sua órbita, perdem a *framontana*, e o Sol mais próximo os prende a seu séquito, como a rondas sem outra ação que a de duendes que apavoram a humanidade dos Mundos vizinhos de sua trajetória: A posição destes *intrusos* é de parias *fúteis e inúteis* no conjunto celeste.

Conquanto *vagabundos*, não percorrem toda a Imensidade, visto que, se o fizessem nunca seriam vistos mais de uma vez. Estes Extraviados correrão até que um dia, como terá acontecido a irmãos extintos, esbarrarão com mais potentes indivíduos aéreos que os engolirão impiedosamente...ou ambos, desequilibrados, rolarão infinito afora, sem destino e, imponderáveis, voltarão à sua origem, como a de todas as cousas aéreas – multidão de átomos, que são a forma material do Infinito e dos Mundos, em permanente transformação. Por isso é que, de quando em quando, aparecem a *piscar-nos* impertinentes, do centro de Nebulosas em formação, *diabretes* de novos Mundos, como sois em perspectiva de algum Sistema Planetário em embrião.

O que é certo, é que não se sabe de onde vêm esses *peregrinos audazes*; Talvez sejam contumazes *cavaleiros andantes* em busca de *justas e contendas*. Nesse afã atravessam o Espaço e, *intrusos*, invadem nosso Céu. Qual procedência desses *fantasmas abundantes* que fazem tremer três quartas partes da humanidade? Esses estranhos *varejadores* do Infinito serão, talvez, indivíduos aéreos, *desnorteados* que caem no Espaço a mercê da Fatalidade que os entrega ao Sol a que se subordinam, conquanto alguns se *esgueiram* em parábola e, desaparecendo de nossa vista vão, ao certo, fustigar os nervos de medrosos de outros Mundos, pois poderão investir sobre Universos visinhos, os que não poderão voltar ao nosso céu. E tem caudas, muitos deles, e caudas que mesmo pela velocidade que os transporta, deveriam ficar em linha reta a partir do núcleo, mas que, apresentam-se curvas em mais ou menos graus. – Por que assim curvas? Pela ação solar? Estas curvas serão mais sensíveis quando o Cometa se encontre no afélio ou no periélio e portanto, pode-se pensar que essas caudas seguem a esteira do núcleo em sua órbita. Deve influir na aparência mais ou menos curvas dessas caudas, a posição desses *parasitas*: Se no afélio ou no periélio, curva mais fechada; se no prolongamento da órbita, curva mais aberta. Se, porém, esses *forasteiros* foram dos parabólicos, a curva será pouco

sensível e, possivelmente reta se essas feras andarem em hipérbole e atirarem-se no Infinito para o resto do Tempo.

Ainda outra hipótese sobre as caudas dos Cometas: Como pensamos, os Cometas não terão movimento de rotação e, não o tendo, não terão força de atração e repulsão positivas, mas devem tê-la relativa no espaço que deixam aberto em sua passagem: Não poderá esse vácuo deixado pelos Cometas, encher-se imediatamente, aos borbotões, de elementos vizinhos (átomos) por isso mais densos que o espaço circundante, fora da ação dos Cometas, e ser isto a origem da cauda que, à maneira que os Cometas se afastam, ir-se-ão alargando, dissipando, raleando até desaparecerem? – E' possível.

Outro aspecto singular apresentam estes *pilhéricos*: um só núcleo aparente, com diversas caudas!! – Não pode ser; salvo se o núcleo compõe-se de diversos indivíduos ligeiramente separados entre si, com interstícios que dêem passagem aos raios solares que denunciarão o número dos componentes do núcleo pelo número de caudas, de modo que, sete indivíduos darão seis caudas, seis indivíduos – cinco caudas e assim por diante.

Pela distância e incandescência desses conjuntos; não poder-se-á distinguir o número de indivíduos que, só as caudas poderão denunciar.

Esta hipótese sobre a cauda dos Cometas refere-se aos do tipo do de Chesseau e semelhantes. O de 1911, o de Donati e o de Coggia, o de Cruls, o de 1881 e outros de perspectivas bizarras, sugerem semelhantes hipóteses: Grupo de asteróides cujas posições deixam passar os raios solares, de modo a atirarem ao Espaço esses apêndices de tão variados aspectos. O cometa de 1911 que apresenta a cauda com dois fios laterais ligados à cauda, não terá essa aparência por efeito de um triângulo invertido, sem visíveis interstícios entre seus pontos de interseção olhando do Sol? E aqueles exóticos de Goggia e de Cruls, não serão as bizarras perspectivas que os enfeitam, por estranha colocação de seus componentes, múltiplos, provavelmente, entre os quais a refração solar dará aqueles aspectos?

O de Biela, bipartido, não demonstrará a possibilidade de nossas conjecturas?... Seriam dois, provavelmente xipófagos que a falidade separou...

Os de vários indivíduos do mesmo grupo, também poder-se-ão separar.

Ou isso que ai ficou ou então, Satanás anda envolvido nessa trama, ou haveres entre aqueles *tratantes*, os Cometas, algum ilusionista.

Porque certas caudas estendem-se milhões de quilômetros alargando-se, raleando-se afinal?

O Cometa, que será um conjunto incandescente, irá, em consequência de sua própria combustão, atirando para trás os resíduos (?) que ir-se-ão estendendo e alargando, e consequentemente, se infiltrando no Espaço, tornando-se transparente até desaparecer.

O Cometa, em sua marcha, à maneira que combure, irá absorvendo nova provisão.

As caudas de alguns Cometas serão dessa procedência: Doutrous serão o produto de agregados de outros corpos que lhes dão formas esquisitas. Assim, nos está parecendo que os Cometas serão astros inofensivos, ou antes, úteis consumidores de maus elementos que infestem a atmosfera e sejam, esses viajantes aéreos, higienizadores do Espaço, eliminando matérias nocivas, corpos deletérios. Deixemo-los, pois correr como úteis criações e retiremos a prevenção com que são recebidos por meio mundo.

I

E, depois de tudo que ai ficou exposto sobre os Cometas, caiu-me na imaginação uma circunstancia capaz de subverter toda a apuração de conjeturas aqui referidas.

A dúvida atirou-se-me teimosa, na mente com esta observação: Se esses *fantasmas* que passam por nosso céu, não lhe estivessem subordinados, passariam de largo em nosso caminho, podendo, de vez em vez, provocarem distúrbios aéreos. Mas, esses demônios atiram-se no Espaço, *desvairados*, com velocidade fulminante ou não, deixando para

trás o nosso Mundo, os nossos Astros... O que serão pois, esses fugitivos sem ocupação conhecida?

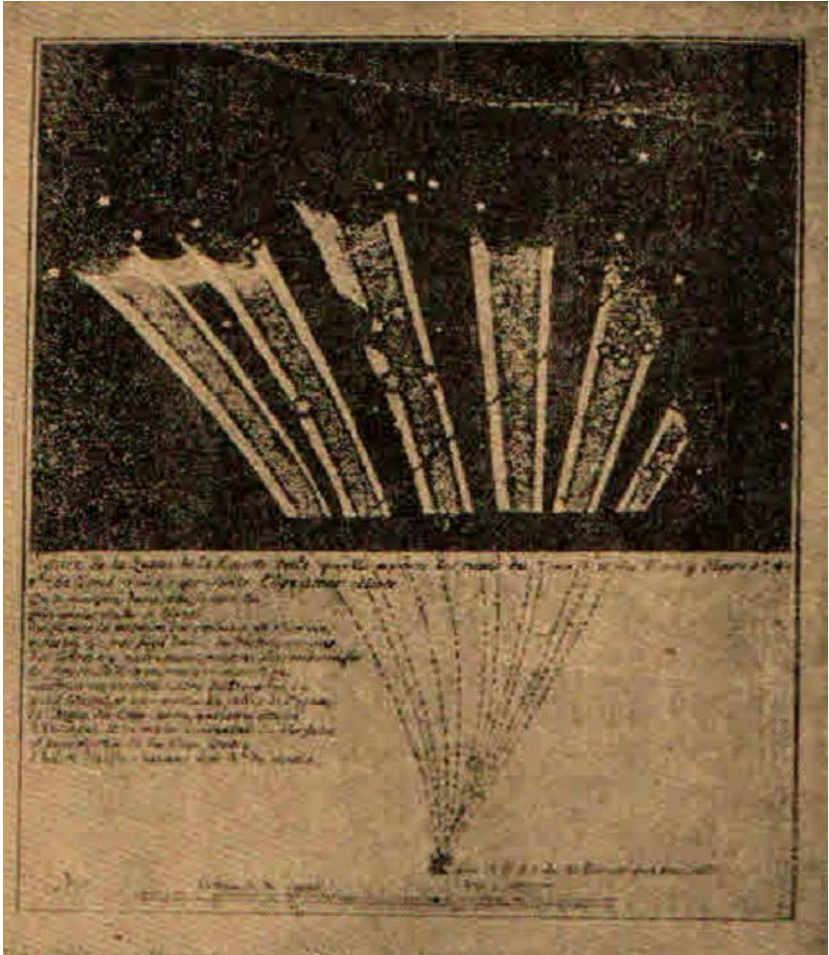


Figura 14 Cometa de Chesseau

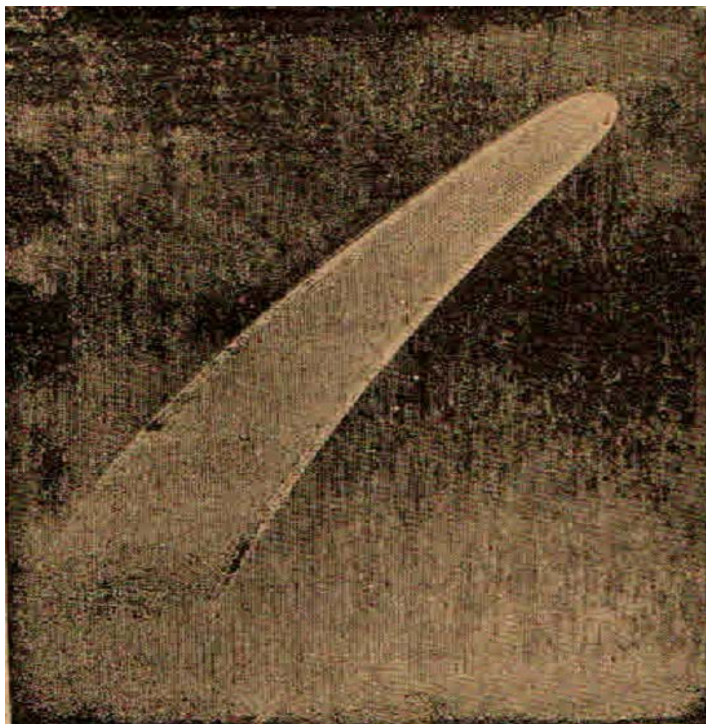


Figura 15 Cometa de 1811



Figura 16 Cometa de Biela

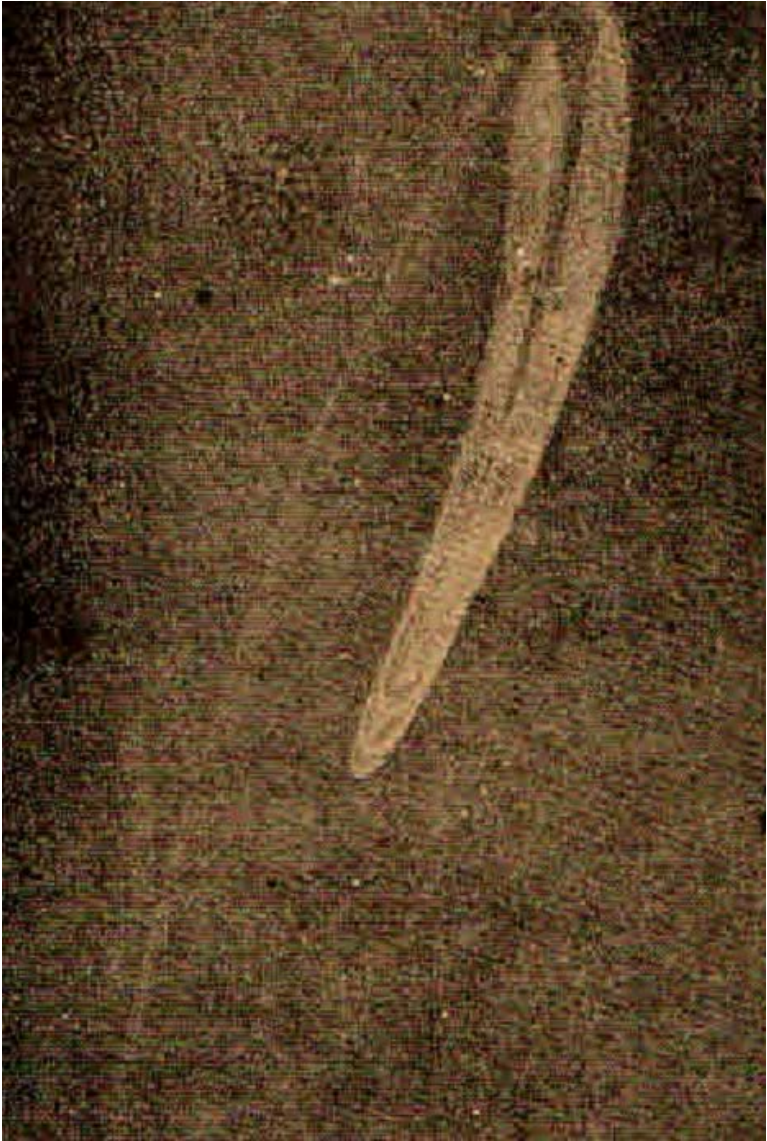


Figura 17 Cometa de Cruls

II

Milton nos conta em seu “*Paraíso Perdido*” que, no princípio do Mundo, houve uma revolução no Céu, provocada por Satanaz, o arcanjo mais feroz que lá havia, e Deus expulsou o rebelado e sua cáfila. Expulsos do Céu, essa multidão de anjos maus, estariam desorganizando a Criação. Seria, pois, um desastre o Mundo entregue a Satanás. Então, São Miguel, o mais valente arcanjo do Céu, reuniu-se as hostes dos anjos bons para dominar a cáfila satânica e atirá-la às profundezas do inferno.

A luta foi tremenda, mas São Miguel venceu, atirando para o outro lado do Aqueronte, o exército diabólico.

No inferno, Satanás, ao contar sua gente, teria notado faltarem-lhe muitos demônios e teria mandado escolta a procura dos extraviados. Pela velocidade desordenada com que correm os Cometas, pode-se pensar que eles assim disfarçados, constituem a escolta satânica que procura os extraviados já entre os homens, na diabólica faina de afastá-los do bom caminho... Ou serão efetivamente os saneadores do Espaço. Quem sabe?

EPÍLOGO

Damos a este trabalho a denominação de Atlântida, quando seu objeto relaciona-se com o continente, visceralmente asiático, como ficou plenamente demonstrado, ao correr desta excursão.

Quando lendária a Atlântida, Platão, Diodoro, Herótodo e outros, localizam-na ao ocidente das Colunas de Hércules, isto é, no oceano Atlântico. Nos, conquanto continuemos a dar-lhe a mesma denominação, a colocamos no oceano Pacífico, donde, por todos os princípios, a julgamos – *nascida, crescida e emancipada*, berço do primeiro homem e da civilização; e dali, depois de civilizada, catastroficamente removida e transformada em novos territórios que constituem a América, Austrália e multidão de arquipélagos e ilhas que cobrem o oceano Pacífico, desde o oriente da África, sul da Ásia e do ar de Behring até a latitude de cinquenta graus, aproximadamente. Aqueles velhos escritores terão tido razão, segundo o seu ponto de vista em localizarem a Atlântida no oceano Atlântico, ao Ocidente das Colunas de Hércules, pois, nesse tempo, a dispersão desse continente já seria antiquíssima e, portanto, fora da memória dos coevos de então, sem fonte para conhecerem de ocorrências de muitos milênios antes de sua época, quando a lembrança desse fato era materialmente impossível, por que acontecimentos comuns seriam logo olvidados, e dos mais notáveis pairariam como lendas durante milênios, para caírem no olvido absoluto, salvando-se os que tenham deixado provas materiais de sua existência e, por isso, voltado ao domínio da realidade.

Escritores dos últimos séculos antes de Cristo e mesmo de séculos posteriores, não poderiam ter nação capaz de orientá-los em pesquisas de acontecimentos de outro ou dez milênios e ainda mais, se provas materiais não os elucidassem. Embora os povos das orlas do Mediterrâneo procedessem da Atlântida, é bem provável que ignorassem a sua origem e que, a sua Atlântida ao ocidente das Colunas de Hércules tivesse vindo do sul da Ásia, haveria diversos milênios. As primeiras notícias que dela tivessem tido, teriam-na situada no ocidente, não muito longe das Colunas de Hércules e, daí, a consideraram ali emersa, sem cogitações de outra origem.

Criadores de mitos e de lendas, os povos daqueles tempos teriam seus líderes intelectuais subordinados a mesma mentalidade, por que passavam *folha corrida* a existência de mitos de toda espécie – deuses, semideuses, heróis imaginários e *tuti-quantí*, em convívio com os mortais. Parece que, de escritores anteriores a Cristo, boa parte não merece conceito, a não ser pela respeitável antiguidade e trabalhos onde não metam o bedelho – deuses, mitos, lendas e heróis imaginários. Mesmo sobre cousas e fatos de seu tempo, eles *pagam vale* a arqueólogos etnólogos e escritores dos nossos dias.

Suplemento - ASSUNTOS AMERÍNDIOS

Desde os primeiros delineamentos de “A Atlântida” vimos referindo que a raça humana entrou no cenário da Vida, por esse continente e caracterizada pelo tipo mongólico, hoje ainda o mais notável pelo volume e pela ancianidade. Nesse primeiro rebento humano, chegado à luz nalguma soturna caverna do norte ocidental da Atlântida, isto, é, nas proximidades da Ásia Menor e da Índia, terá ciciado o vagido do primeiro homem. Em seguida ao natal da raça mongólica, na Atlântida, deverá ter aparecido a raça negra, visto que, o continente africano, seria o segundo a surgir, mas, parece que isso não se teria dado porque, estaria a África, possivelmente, sofrendo, ao sudoeste, a ação Polar que nesse tempo estaria por ali. Isto teria adormecido aquele continente e estagnado o surto de negro.

Milênios depois, no Cáucaso, então já ao Sol, surgiu a raça caucásica que logo encontrou a mongólica, já numerosa, por aquelas paragens e além.

A raça branca que, pela posição geográfica dos Cáucaso, devia vir depois da negra, precedeu-a, entretanto. Só mais tarde diversos milênios, livre da ação Polar, surgiu na África do Sul, a raça negra, quando já as costas mediterrâneas seriam palmilhadas por mongóis e brancos. Então, entrou em cena o negro que, vindo muito depois, é até hoje o menos volumoso grupo humano. Temos, pois, dentro dos dez a vinte mil primeiros anos da eclosão do homem, as raças – mongólica, branca, negra e respectivas sub-raças.

Todos os demais ramos raciais humanos, serão oriundos dessa fonte genésica, naturalmente predominando a mongólica, por largos milênios – única.

Outros tipos raciais poderão ter surgido aqui e ali, muito depois, esporádicos e, por isso, teriam sido absorvidos por aquelas raças, quedando-se, assim, sem significação étnica, quaisquer novos rebentos.

Conquanto haja, ainda hoje, tipos puros – mongóis, há, de sub-raças, variedade de tal natureza confundidas que, a sua classificação é problemática e, jamais terá solução que a abone, a humanidade marcha para a unificação da raça, em mais ou menos milênios. Para isto, concorre

a civilização, o comércio e o convívio entre os povos, hoje largamente estendido.

O que é certo, entretanto, é que até nossos dias, quanto ao volume, predomina o tipo mongólico, com mais positivos traços originários que as raças branca e negra, o que justifica a precedência daquela.

E com a dissertação que aí fica, desviamo-nos do tema que nos levou a traçar este artigo, que devia ser todo, no sentido de firmar hipóteses atlântidas.

Embora ligeiramente, voltamos a esse assunto que se relaciona com a população americana de antes do século da descoberta por espanhóis e portugueses.

Afinal: se a dispersão da Atlântida tivesse ocorrido no oceano Atlântico, ao ocidente das Colunas de Hércules, como afirmas velhos escritores, desde Platão, Heródoto e outros, os arquipélagos e ilhas do ocidente da África e da Europa, teriam, fatalmente, nítidas manifestações da raça mongólica que predominou em toda a Oceania e na América de antes da Conquista. Encontram-se em todo o oriente da África, em todo o sul da Ásia até as proximidades do Circo Polar Antártico, fragmentos desse notável continente, caracterizados em Arquipélagos e Ilhas.

Contra a hipótese da Atlântida ao Ocidente das Colunas de Hércules, convém acentuar que os povos do oriente da América, não tiveram com ela, relações de qualquer natureza, se não quando espanhóis e portugueses a descobriram, ao passo que, através do Mediterrâneo os fenícios a palmilharam em busca de ouro para o Templo de Salomão. Além de outras poderosas razões, o fato de não haver notícia de que povos do ocidente da Europa e da África, até o século V tivessem contato com a América, tendo tido, entretanto, com a Ásia, mais essa circunstância afasta a hipótese da catástrofe da Atlântida no oceano Atlântico.

I

Em

“El problema de la distribución geográfica de las especies resuelto por la teoría de las translaciones continentales, de Daniel Hamerly Dupuy, capítulo – Regiones de distribución zoológica”

Vê-se que a zoologia da Oceania, Austrália, arquipélagos e ilhas do Pacífico é inteiramente semelhante a da América do Sul e, conseqüentemente, da América do Norte que, como a do Sul, teria trazido as mesmas espécies de animais. Semelhantes, pois, as faunas da América e da Oceania, constituem prova de que estas partes do Planeta pertenceram ao mesmo continente.

Certamente no extremo norte da América Setentrional, a fauna terá sofrido apreciáveis modificações, pelo contato daquelas terras com o Pólo do Norte, após a catástrofe, quando o norte citado:

“Em Oceania y America del Sul se descubren marsupiales (la carrigüeija australiana difere de la americana por su cola peluda), canidos (el perro dingo australiano se parece al perro del monte del Brasil, Paraguay y del Chaco), ursedos (el ucumani u oso del anteojos de los Andes, se parece sorprendentemente a lo oso malayo), felidos (el ocelote americano se asemeja al tigre longibando del arquipélago malayo), cervidos (el ciervo americano se parece al ciervo montiac de Borneo, Java y Sumatra), tapiridos (el tapir malayo solo difere del americano por su tamaño y coración), anuros (las ranas dorodas palmeadas de Austrália y Tasmânia igualam a lar aza de Trinidad que habita al norte de Amazonas, y la rana ferreiro do Brasil.”

Aí estão, pois, mais demonstrações que abonam a hipótese de procedência de nosso continente, isto é, que com a Oceania pertencemos à Atlântida catastroficamente fracionada.

Essa semelhança de tipos da fauna americana, com tipos dos diversos agrupamentos da Oceania, é basta prova de que essas partes do Planeta, hoje separadas, constituiriam, em milênios passados, parcelas do continente esfacelado, o primeiro, certamente, que emergiu.

Pensamos que, não só a fauna como todas as cousas criadas no percurso dos milênios vão se sucedendo em todos os âmbitos do Planeta, subordinando-se à temperatura imposta pela regressão dos Pólos. Não conhecemos de sábios neste sentido, mas, a nossa conjetura aí fica.

Vejamos ainda Despuy em “Las hipóteses de los puentes internacionales” a que muitos escritores atribuem a população da América.

“Como se explica la preferència de espécies semelhantes separadas por grandes distancias oceânicas? La explicacion de migraciones europeas al través de los hielos hasta Amércia del Norte solo podria explicar-la preséncia de outros animales árticos. Outros ham supuesto que en outro tiempo las ilas Aleutas formavam un largo brazo que unia a Sibéria com Alaska e que não existia el strecho de Behring, pero la fauna européia que está en América del Norte no existe en Ásia no oriental, com excepcion del reno y de outros animales árticos, de modo que la emigración européia no pudo realizar-se por esta ruta” La insuficiéncia de esa explicación queda manifesta por el hecho de que todos los zoografos preconizam una comunicacion entre Europa y Amércia del Norte.”

E, mais um momento com Dupuy, comprovando a ação do providencial ciclo polar, continuamente, vagarosamente, tornando a Terra útil até os seus íntimos recessos:

“En tiempos anteriores a la ultima convulsión geológica, la distribución de los animales parecia ser mundial. Las marzupiales que no existem fuera de Austrália y Amércia del Sur aparecem fossiles em América del Norte e Europa.

Los fossiles de sáurios son halhados en las tierras polares. Los elefantes parecian en toda Europa y en las Américas.

Los espanholes tuvieron que traer a nuestro continente al caballo animal que los indígenas desconocian pero que a juzgar por sus restos fossiles, abundavan en tato el continente americano. Vivíamos en um mundo zoológicamente empobrecido.

Los animales que se salvaron del cataclismo que puso fin a tantas espécies, “como conseguiram replobar el planeta?” Como pudieram burlar el colossal obstáculo de los oceanos?”

Essa dispersão de viventes árticos espalhados pelos trópicos e pelo equador, em todas as longitudes e contrariamente, os destas zonas vivendo em zonas polares, naturalmente a seu tempo e acompanhando a pacientíssima (em sentido de espaço de tempo) mudança de temperatura, transformação essa que nenhum ser vivo pode acompanhar quer se trate de etnologia, quer de zoologia, fitologia ou de qualquer outro reino da natureza, mesmo o homem, a *obra prima da criação*, chegará a sentir a ação desse movimento, pois, a extrema lentidão dessa contínua viagem polar é invisível a qualquer vivente, ainda o mais delicado e de mais longa

duração. Parece que as próprias rochas se transformarão em cada ciclo desse rejuvenescedor movimento terrestre.

MATÉRIA... ESPÍRITO...

Dos pesquisadores do ignoto, depreende-se que a Vida teve seus primeiros instantes através da monera, elemento vivo da Criação. Dessa íntima parcela de Vida, depois de incalculáveis milhões de anos, terá surgido o antropóide e, deste, o homem; mas, todos os seres intermediários, entre a monera e o homem, terão sido subordinados à evolução até hoje e para sempre, sem solução de continuidade (?)

E quem poderá, firmado em provas irrefutáveis, duvidar que essa sucessão de metamorfoses da monera ao homem, como dissemos, não venha prosseguindo indefinidamente, imperceptíveis às pesquisas da ciência pela duração de cada transformação, certamente de centenas de séculos cada um? – Ninguém! ...

Quanto ao homem físico, aí fica o que pensamos.

Cogitemos, agora, da Vida quanto ao Espírito que é a própria Vida. O Espírito, elemento invisível para o homem, permanecerá por milhares de anos, incógnito, até que o homem o penetre. Nesse admirável elemento vital, muita gente crê e nós também. Mas, penetrar nessa parcela do *Invisível*, dissemina pelo Espaço, dando Vida a seres e cousas de toda espécie, não é para os atuais conhecimentos: mão há ainda ciência que os possa atingir. A materialidade do homem é, por enquanto, extremamente densa, para alcançar a eternidade do Espírito. Sendo o Espírito o elemento

vital de toda a Criação é, entretanto limitado o que dele todo o *ser* possui, em quantidade relativa à missão de cada um, no desenvolvimento da obra do Criador. Com o aperfeiçoamento dos sentimentos humanos, essa partícula divina, aérea, impalpável, ir-se-á avolumando nas qualidades morais da criatura, até que cada um se sature do completo influxo de Deus. Esses tempos estão ainda muito afastados, e cremos que a duração do Planeta não bastará para que seus habitantes atinjam esse Supremo Bem.

A VIDA E A INSTABILIDADE DAS COUSAS

Convém observar que a estabilidade em todas as cousas é relativa, pois, depende das contínuas mutações de cenas e panoramas que lhe são impostos. Absolutamente, cousa alguma possui estabilidade absoluta, uniforme, permanente; as transformações são contornais: Em mais ou menos tempo, os quadros tomas aspectos novos.

Lembre-se o leitor, da absoluta, completa transformação do cenário do mundo por efeito da contínua, constante viagem dos Pólos, visitando todos os recantos do Planeta, transformando, vitalizando, sem que o homem tenha conhecimento ou por outra – se aperceba dessa medida providencial do Criador dos Mundos: nada estaciona... Tudo sofre contínuas mutações! De um segundo a 25976 anos, são essas renovações da Natureza...

Ah! Mas, também a psicologia do homem está subordinada a semelhantes transformações.

Como todas as cousas, o Espírito humano está sujeito à mutações: com o andar dos tempos, com as transformações que sofre toda a matéria, o espírito vai se saturando de novas sensações, ora com tendência para o Bem, ora com tendência para o Mal.

As mutações psíquicas relacionam-se, de algum modo, com os acontecimentos subordinados à matéria. Espírito e sentimentos recebem o influxo de fatos materiais na Vida dos indivíduos: a constância do Mal no

seio da sociedade dos homens, estabelece normas que deturpam os sentimentos bons que, se as reações do Espírito do Bem não conseguirem maior vulto de atos nobres que estimulem os indivíduos a imitá-los, procurando limitar o surto do Mal, este tomará ascendência em prejuízo das boas normas sociais. Há, pois, o fluxo e o refluxo entre as duas tendências do Espírito humano. A transformação para a vitória do Bem, será, pois, morosíssima e jamais em absoluto: O Mal existirá sempre, embora a humanidade tenha tendências para o domínio do Bem, que, com o desenvolvimento do Espírito, se manterá, afinal, superior às más tendências. A supremacia do Bem, crescerá sempre, mas jamais, absolutamente: O Mal terá sempre sua época do elemento deturpadores da perfeição, e o homem procurar desviá-los de seu caminho, para que o domínio do Bem atinja a supremacia e paire sobreposto ao Mal.

Quanto à inalterabilidade das cousas, o Cosmos não está isento de transformações: No espaço, a todo momento, novas Esferas surgem, outras desaparecem violenta ou pacificamente e, depois de completa sua evolução, caem desfeitas no Infinito em átomos imponderáveis, para novas formações, tudo é mutável... Tudo morre... Tudo desaparece do cenário da Vida, surgindo em ressurreição – novas entidades, provando em como a Eternidade paira no alto de toda a Criação.

Aos Leitores

Com prazer aceitarei, em caráter amistoso, opiniões ou divergências sobre quaisquer dos temas aqui tratados, e agradecerei essa colaboração que, bem pode concorrer, para a elaboração de algum volume, em que essa colaboração prestará valioso serviço, no esclarecimento de pontos, porventura aqui obscuros ou controversos, esclarecendo fatos ou fantasias merecedores de elasticidade expositiva. Concorrerão, assim, rara a elaboração coletiva, de alguma coisa de que o público leitor possa colher úteis conhecimentos – quer quanto a fatos, quer quanto a fantasias.

É uma inovação útil na arte de fazer livros: Serão obras em que o autor associará os colaboradores na responsabilidade moral do trabalho: Constituirão livros de colaboração coletiva, ordenados pelo autor.

Além disso concorrerão também para alargar benefícios e instituições pias (beneficentes) a que destinamos o produto econômico desta obra.

Literatos e estudiosos: Concorrei para um Bem social... Experimentemos a inovação!

GABRIEL BASTOS

Endereço: Av. Brasil, 169 – Cidade de Passo Fundo – Estado do Rio Grande do Sul.

Como Pan-americanista, estendemos a presente solicitação a todas as Bibliotecas Públicas das capitais dos Países das Américas – Norte e Sul – às quais e a cada uma, enviamos um volume deste livro.

Também aceitaremos colaboração para o livro em projeto - “União Pan-americana”.

Para dar amplitude a obra aludida, carecemos da História de cada País da América e mesmo colaboração desde a Pré-história.

Procuraremos obter esses elementos de estudo que concorrerão para a elaboração daquele livro, como estímulo a mais autorizadas pessoas daqui e dalém, no sentido de preconizar a distensão de relações inter-americanas.

Gabriel Bastos

QUADRO DAS FORMANDAS DA ESCOLA COMPLEMENTAR EM 1941

Paraninfa:

Professora Mathilde H. Mezeron

Homenageados:

Professoras:

Elba Braga

Arnoldina Caminha

Adelina Toqueto

Professores:

Armando Toqueto

Geolar Caminha

Ernesto Toqueto

Formandas:

Iolanda Gomes

Érica Vacke

Iolanda Raineri

Veglia Reolon

Beatriz Dalfolo

Edy Gomes

Inácia Lopelaguy

Hilda Lago

Therezinha Ribas

Nilza Brandão

Maria Coppertti

Nidia Westphalen

Lídia Palaoro

Celestina Rotta

Edith E. Bueno

Eronдина Silva

Ely Sudbrack

Nely Benvengnu

Wanda Xavier

Edy Zimmermann

BIBLIOGRAFIA

- Angelo Guido – O Reino das mulheres sem lar
Anibal Matos – Peter W. Lund
Alfredo Brandão – A Escrita Pré-histórica do Brasil
Alexandre Braghine – Atlântida
Carlos de Paula Couto – Paleontologia
Claudio de Souza – A Saudade
Condamine – Viagem a América
Domingos Jaguaribe – Império dos Incas
Dario Velloso – Atlântida
Emil Ludwig – O Mediterrâneo
Emil Ludwig – O Nilo
Flamarion – Mundos Imaginários
Gal. João Vieira da Rosa – As Três Províncias Irmãs do Sul
Jorge Bahlis – Artes Ameríndias
Mário da Veiga Cabral – Lições de Cosmografia
Manoela Araújo – História da Maçonaria
Milton – Paraíso Perdido
Padre Antonio Sepp S. J. – Biblioteca Histórica do Brasil
Raimundo de Moraes – O País das Pedras Verdes
Sant’Anna Nery – O País das Amazonas
Van Leon – História da Humanidade.
Revistas: Sul América – Língua Portuguesa – O Malho – Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul – Dicionário da Fabula e ainda: Wagner, Wegner, Water Spalding – Jorge Bertolão Stula – Voltaire – D. H. Dupuy, Dante – Henry Tomas – J. L. Campos – Caldas Aulete – Matos Pinto e outros.

Índice de ilustrações

Figura 1 Quadro das formandas da Escola Complementar em 1941.....	13
Figura 2 A Atlântida emergindo ao sul da Ásia.....	28
Figura 3 A Atlântida em catástrofe.....	29
Figura 4 Rios Paraná e Uruguai antes da catástrofe.....	32
Figura 5 Rio da Prata atual.....	33
Figura 6 Pirâmides egípcias e americanas.....	53
Figura 7 Cerâmicas – egípcia e americana, caracteres simbólicos no Brasil, México, China e Egito.....	54
Figura 8 Bloco americano cindido.....	93
Figura 9 Bloco americano cindido mostrando o golfo do México.....	94
Figura 10 Bloco americano atirado para nordeste.....	98
Figura 11 O tipo humano das cavernas.....	106
Figura 12 Atlântida ainda sob as águas, mostrando a península de Gondwana ao norte, próxima a China.....	134
Figura 13 América atual mostrando a descida para sul.....	140
Figura 14 Cometa de Chesseau.....	181
Figura 15 Cometa de 1811.....	182
Figura 16 Cometa de Biela.....	183
Figura 17 Cometa de Cruls.....	184



Projeto
Passo Fundo
Apoio à cultura

[Catálogo do Projeto Passo Fundo](http://www.projetopassofundo.com.br)
www.projetopassofundo.com.br



Portal
Domínio Público
Biblioteca digital desenvolvida em software livre



Projeto
Passo Fundo
Biblioteca digital